

ANO X
Nº 64

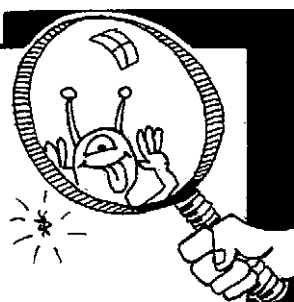
SOMNIUM



Especial:

Sete Anos de "A Máquina do Tempo"

Índice



EDITORIAL

PARA RECUPERAR OS CLÁSSICOS 03

ESPECIAL 100 ANOS "A MÁQUINA DO TEMPO" 12

Artigos:

CEM ANOS DE "A MÁQUINA DO TEMPO 13

por Alysson Fábio Ferrari

COMO CONSTRUIR UMA MÁQUINA DO TEMPO 15

por José Carlos Neves

Contos:

M.U.A 17

por Fábio Fernandes

O DESTINO E SEU SACERDOTE 24

por Carlos Orsi Martinho

O QUE ROLA PELO FANDOM

II HORRORCON, ENTRE O TRASH E O TERRIR 04

por Marcello Simão Branco

GRAAL: ORIGEM E SIGNIFICADO 07

por Prof. Heitor Megale

PRÊMIO NOVA DE FICÇÃO FANTÁSTICA 1995 10

PRÊMIO NEBULA 1995 10

INDICADOS AO PRÊMIO HUGO 1996 11

NOVELETA

O VAMPIRO DE NOVA HOLANDA 37

por Gerson Lodi Ribeiro

RESENHAS

ZONA DE FRONTEIRA 55

Virtual Light

The Golden

por Fabio Fernandes:

PERCA O SONO COM INSÔNIA DE STEPHEN KING 56

por Marcello Simão Branco

ILUSTRAÇÕES

Cesar R. T. Silva

José Carlos Neves

Roberto Schima

Carlos Henrique

Fernando Moretti

R. S. Causo

capa

06, 12, 54

09, 10, 16

23

36

57

SOMNIUM

número 64
agosto de 1996

Editor:

Marcello Simão Branco

Arte e Diagramação:

Cesar R.T. Silva

Gerente Comercial:

Humberto Fimiani

Gerente de Produção:

Gumercindo Rocha Dorea

Digitação:

Adriana Simon,

Daniela Bittencourt Moraes,

Ivan Carlos Regina,

Hermison Taylor e

Humberto Fiminani.

Tiragem: 500 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) e tem por objetivos divulgar e desenvolver a ficção científica produzida no Brasil. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração prévia e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1995/96 está composta pelos sócios Gumercindo Rocha Dória (Presidente), Ivan Carlos Regina (Secretário Executivo) e Sérgio Roberto Lins da Costa (Tesoureiro).

Correspondência:

Endereço do Clube de Leitores de Ficção Científica: Caixa Postal 2105 - São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil. Toda colaboração relativa ao *Somnium* deve ser enviada para Av. Clara Mantelli, 110 - São Paulo - SP - 04771-180 - Brasil.

Para Recuperar os Clássicos

Editorial:

Nesta edição comemoramos H.G. Wells. Cem anos de publicação do seu primeiro - e melhor - romance, *A Máquina do Tempo*, além do cinquentenário de sua morte. Os leitores mais atentos lembrarão que os cem anos deste livro se completaram no ano passado. Sei disso. Mas a importante efeméride me escapou. Não lembrei dela, senão a teria dedicado um espaço equivalente no *Megalon*. No entanto, ela é lembrada em grande estilo neste *Somnium*. E de mais a mais, o que é um ano quando se pensa em um século? No último número trouxemos uma entrevista inédita no Brasil com Julio Verne. Ela continua repercutindo tanto dentro como fora do fandom. Foi um achado dos mais significativos a publicação de seu emocionante depoimento.

Com H.G. Wells procuramos continuar o resgate dos clássicos, dos precursores daquilo que entendemos por ficção científica contemporânea. Nesta época cada vez mais efêmera, onde falsos conceitos são firmados como realidades perenes - os *cyberpunks* superdimensionados pela mídia e por alguns entusiastas desmemoriados da ficção científica -, é importante trazer à tona os autores que criaram e fundamentaram todo o desenvolvimento posterior do gênero. H.G. Wells foi o primeiro escritor de ficção científica que abordou com um certo realismo e preocupação científica. Se Julio Verne é o principal expoente da antecipação (e muito mais de inventos tecnológicos do que científicos), o autor britânico é o primeiro a respaldar suas narrativas com o conhecimento científico da época. Romances como *Os Dias do Cometa* (sobre a vinda do cometa Halley), *A Ilha do Dr. Moreau* (primeiros experimentos com aquilo que seria conhecido por engenharia genética) *Os Primeiros Homens na Lua* (com idéias básicas do que seria conhecido em nosso século por Astronáutica), são alguns exemplos claros desta abordagem.

Outro dado que singulariza Wells dentro da ficção científica são os temas que abordou que se tornaram paradigmas - por vezes imitados, por vezes até melhorados. Os temas de viagem no tempo e invasão extraterrestre já haviam sido abordados por

outros autores mais antigos. Mas nenhum com a acuidade científica e a extrapolação social que Wells concebeu. Além disso, aquilo que marca o legado de Wells é a dimensão metafórica sócio-política que deu ao gênero - e nisso recuperou alguns filósofos visionários e clássicos como Voltaire e Bacon. O autor de *A Guerra dos Mundos*, um libelo contra o imperialismo colonial do Velho Mundo, era também um pensador social com idéias claramente voltadas aos miseráveis e proletários da Revolução Industrial.

Destacou-se como historiador e sociólogo até o primeiro quarto do século XX, embora depois fosse esquecido. Wells ainda hoje é erroneamente chamado de 'socialista'. Simpatizou com Marx, é verdade, mas nunca defendeu a via revolucionária como meio de superar as injustiças sociais do mundo em que vivia. Ia muito mais pela linha reformista, algo bem próximo do que seria idealizado pelo economista John Maynard Keynes e o *welfare state* que levou a Europa à Idade de Ouro sócio-econômica nos anos 50 a 70.

Em todos os trabalhos de Wells está patente sua preocupação social com os destinos do capitalismo e da política externa dos países europeus com relação ao resto do mundo - em especial à África, Oriente Médio e Ásia, tão exploradas e maltratadas pelos civilizados e 'iluminados' cristãos do Velho Mundo. Mas o que é mais salutar e prazeroso é que o realismo científico e a preocupação sociológica nunca empanaram suas narrativas, tão criativas, extrapoloradoras do futuro, de uma prosa limpa, fluente e por vezes encantadoramente ingênua.

Lembrar H.G. Wells, pois, é um convite não só à reflexão, mas à redescoberta do encanto sentimentalmente perdido da ficção científica que era mais alegre, *sense of wonder*, mais preocupada em contar uma boa história do que se vê atualmente, quando procura se aproximar dos cânones do que se supõe ser 'literatura séria' neste final de século. Este *Somnium* lhes dá a chance de reencontrar o encanto primevo da ficção científica. Aproveite!

— O Editor

II HorrorCon

Entre o Trash e o Terrir

por Marcello Simão Branco

Nos dias 30 e 31 de março aconteceu a II HorrorCon - Convenção Multimídia de Horror, na Gibiteca Henfil em São Paulo. Organizada pela Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF) pelo segundo ano consecutivo, lá estiveram presentes as mais representativas personalidades ligadas ao gênero no Brasil em suas mais diferentes vertentes: cinema, literatura, quadrinhos, vídeo, role-playing game. Aproximadamente 800 pessoas compareceram ao evento, mais que o ano passado que já tinha registrado no mínimo cerca de 500 pessoas.

E aí? Você foi ou não foi à esta HorrorCon? Se foi já deve ter sentido aquele calafrio na espinha das emoções indizíveis que viu e sentiu durante aquele fim-de-semana pandemônico. Se não foi, também deve ter ficado impressionado pelos números que já passei a você. Mas espere, vem muito mais por aí...

Se a primeira HorrorCon foi um sucesso estrondoso e marcado pela surpresa, esta segunda manteve o volume de gente e interesse da primeira, e nos serviu para confirmar de que o horror é coisa muito séria. Que o Brasil tem uma fome pelo macabro maior do que imaginávamos.

Um dos fatores que impulsionaram o evento este ano foi sua estrutura que ficou bem mais dinâmica e democrática. Segmentou-se públicos e interesses, evitando a confusão que apontei na convenção do ano passado: grande interesse em alguma atividade, pouca em outra, concentração, dispersão. Montamos a programação com até três atividades paralelas o tempo todo acontecendo. Uma delas eram os painéis e palestras que rolavam no auditório (mais voltadas à literatura), outra eram os vídeos que passavam num anexo do saguão (ajudou bastante a TV 29 polegadas que

a Gibiteca comprou), e o outro ambiente se desenvolvia entre os aficionados por rpgs, que aconteciam no espaço de leitura do local.

As atividades começaram pontualmente ao meio-dia de sábado com a exibição do filme *Ivampirismo*, de Ivan Cardoso, um documentário com imagens de filmes seus e de outros cineastas (como José Mojica Marins), com entrevistas e depoimentos. Ao mesmo tempo, Carlos Orsi Martinho, Fábio Fernandes e as escritoras Márcia Kupstas e Flávia

Muniz debatiam acaloradamente o panorama da ficção de gênero no País, enfocando especificamente o horror. As duas autoras foram uma das gratas surpresas da convenção, pois se mostraram boas conhecedoras do gênero, e com uma experiência editorial que poderá ser muito útil a outros autores brasileiros que ainda não incursionaram editorialmente na área. Kupstas é a coordenadora da coleção "Sete Faces", onde uma das "faces" é o horror, em um volume de contos infanto-juvenis. Já Flávia Muniz surpreendeu a todos os fãs ao trazer exemplares da novela *Os Noturnos*, uma história sobre vampiros ambientada na noite paulistana. Lançada em 1995, não era conhecida da maior parte dos presentes. Ambas doaram vários exemplares de seus livros (lançados pela editora Moderna) para serem sorteados durante a convenção.

Vampiros ao vivo

Enquanto isso os seres bizarros ia aumentando nas dependências da

Gibiteca. O *live action* de *Vampire* foi a primeira grande sensação popular da tarde de sábado. Onze personagens da história de rpg interativo a interpretaram se misturando às pessoas em geral. O resultado foi um misto surpresa e curiosidade, pois até agora não tínhamos tido uma experiência deste tipo nas convenções que realizamos.

O painel seguinte enfocou o ensaio de Stephen King, premiado com o Hugo em 1982, *Dança Macabra*. Dele participaram Fábio Fernandes

(o único fã do Rio que compareceu entre outros convidados), Roberto de Sousa Causo e eu mesmo. Debates a visão de mundo de King (dura, amarga, mas com uma possibilidade implícita de renovação e redenção), as idéias contidas em seu ensaio - que conta o desenvolvimento das histórias de horror, seus paradigmas, seus ídolos e suas perspectivas em seus mais diferentes segmentos, como cinema, quadrinhos, literatura, rádio e TV. Além da interessante questão proposta por

King no final de seu livro sobre a suposta responsabilidade moral do escritor de horror frente às idéias que ele transmite. Mais uma vez o painel contou com boa participação do público, mostrando-se tão conhecedor da obra do autor quanto os presentes à mesa de debates.

Contudo, o evento que causou o grande rebuliço do sábado à tarde foi sem dúvida a exibição do vídeo *O Monstro Legume do Espaço*, do videomaker catarinense Peter

" Se a primeira HorrorCon foi um sucesso estrondoso e marcado pela surpresa, esta segunda manteve o volume de gente e interesse da primeira, e nos serviu para confirmar de que o horror é coisa muito séria."

Baiestorf. O local de exibição foi pequeno para tanta gente que se espremeu para ver as desventuras dos “atores” da história de um legume repugnante que invade a Terra para se saciar com os pobres seres humanos. Trash, gore e muito riso foram a receita para tanto interesse, que monopolizou literalmente toda a HorrorCon enquanto a fita estava sendo exibida. Até o “Legume” apareceu ao vivo por lá para “devorar” os incrédulos fãs que assistiam extasiados à sangueira de molho de tomate que respingava

"Trash, gore e muito riso foram a receita para tanto interesse, que monopolizou literalmente toda a HorrorCon"

da tela. Enquanto isso o sangue jorrava das palavras que eram ditas pelos participantes do painel sobre a obra do escritor Clive Barker. Carlos Orsi Martinho e Fábio Fernandes deram um belo panorama das características da ficção do autor. Martinho mostrando como a criatividade de Barker influencia claramente seus contos (e não só Lovecraft, autor ao qual Martinho é mais constantemente associado); e Fernandes mostrando as armadilhas de jogos de linguagem e metáforas contidas nas narrativas de Barker que ele procura não cair. (Fábio Fernandes é o tradutor de Clive Barker no Brasil).

Terrir

Lá pelas quatro e pouco da tarde aporta na Gibiteca o convidado de honra da II HorrorCon. Ivan Cardoso chega quase anônimo, simples, simpático, curioso e interessado em ficar por dentro de tudo que já tinha e estava acontecendo naquele “festival terrir”, como ele mesmo gostou de definir. O cineasta, polêmico tanto pelas suas obras (que os fãs mais tradicionais do horror torcem o nariz - entre elas, *O Segredo da Múmia* e *As Sete Vampiras*), quanto pela língua afiada e sem papas na língua, explicou em sua primeira palestra o que é o “terrir”, essa mescla entre horror e humor, tão natural ao brasileiro de acordo com ele. Além de responder perguntas e curiosidades da boa platéia que o ouviu.

A segunda palestra de Ivan Cardoso abriu as atividades no domingo, lá pelo meio dia e meia, onde ele já estava mais descontraído e inteirado do espírito da convenção. Deu uma palestra, na verdade coordenou um bate-papo centrado em sua obra e na dificuldade inerente de se fazer cinema neste País. Polêmico, meteu o pau no clã dos Barreto (responsável pela produção do “novelão” *O Quatri-lho*), por monopolizar verbas e interesses em torno deste filme enquanto outros cineastas não conseguem um tostão para filmar.

Cá pra nós, sou um pouco invejosa a colocação de Cardoso, talvez desgostoso de estar com alguns projetos parados por falta de financiamento. Até o nome “terrir” virou alvo de uma discussão que a pouco não beira a deselegância de parte a parte. Tudo aconteceu quando Cardoso disse que o nome “terrir” tinha sido inventado no início dos anos 70, pelo crítico musical Nelson Motta. Aí, Joás Dias de Lima, editor do fanzine de quadrinhos *FãSim*, além de reconhecido colecionador de quadrinhos, insistiu veementemente que o termo “terrir” foi primeiro cunhado nos anos 50 numa obra de quadrinhos de autor nacional. Cardoso chegou ao clássico: “Então prove!”. Ao que retrucou Dias: “Não preciso provar nada, está publicado”. Depois os ânimos se serenaram, e tudo terminou em Coca-Cola - a única coisa disponível para se tomar.

Uma das grandes sacadas foi a exibição dos vídeos para um público claramente identificado com este tipo de entretenimento. Teve gente que veio à HorrorCon só para ver os filmes. E

a escolha ajudou no sucesso da iniciativa, pois mesclamos filmes clássicos (*Desafio ao Além, Os Inocentes*), filmes B raros (*O Homem dos Olhos de Raio X* e *A Górgona*), com filmes de videomakers, especialmente Baiestorf, principal responsável pela presença de vários videomakers, já seguidores de sua linha trash-terrir. Apareceram pelo menos dois videomakers com a fita na mão pedindo para passar o seu filme. Com paciência e aproveitando uma brecha ou outra na programação oficial, todos foram atendidos. E o resultado até que não decepcionou.

Não contente com o sucesso de sábado Baiestorf tinha outra fita terrível na manga. Apresentou no domingo a tarde o inédito *Eles Comem Sua Carne*, com lotação até maior do que o filme anterior. Quem também agitou demais os arredores endemoniados foi ninguém menos que Toninho do Diabo. Ele e sua horda assustaram tanto no sábado como no domingo. E trouxe também seus vídeos independentes para mostrar sua “arte”.

"Ivan Cardoso chega quase anônimo, simples, simpático, curioso e interessado em ficar por dentro de tudo que já tinha e estava acontecendo naquele 'festival terrir', como ele mesmo gostou de definir."

Toninho do Diabo ficou os dois dias vestido como tal, naquele calor insuportável, participando de tudo e se mostrando bastante humilde e bem humorado. Seu horror, como ele mesmo gostou de definir, tem sua raiz no povão, que não tendo do que mais rir diante de tanta desgraça, riem de si mesmos e dos absurdos que vimos todos os dias no *Aqui Agora* (do SBT) ou no jornal *Notícias Populares*, de São Paulo. Sua performance intitulada “A Seita do Macaco” cau-

sou furor mais pelo bizarro do que pelo horror propriamente dito. Uns gostaram, outros detestaram, mas ninguém ficou indiferente. Uma macaco empalhado crucificado foi saudado por ele e seus “discípulos” como o único salvador possível ao mundo

degenerado. Lá pelas tantas aparece um pastor (daqueles bem “universais”) tentando exorcizar Toninho, o macaco e sabe-se lá o que mais. Um espetáculo de gosto duvidoso, mas que cumpriu plenamente seu papel de assustar e fazer rir ao mesmo tempo.

Mojica

A II HorrorCon não poderia terminar com outra atração que não com a presença do grande nome do horror brasileiro, José Mojica Marins. Ele foi carregado em um caixão até dentro do auditório sob olhares curiosos de centenas de pessoas. Saiu do caixão em grande estilo e “amaldiçoou” os presentes (sempre acompanhado

de suas *coffin girls*). Depois respondeu às ávidas perguntas rotineiras e repetitivas com as quais ele já está de saco cheio de tanto responder. Coisas do tipo: Qual sua religião?, Como está indo na TV Bandeirantes? (onde apresenta o “Cine Trash”), De onde tira suas idéias?, Como faz para dormir, transar ou tomar banho com estas unhas?! Ao que foi logo avisando: “Respondo a todas as perguntas. Mas a perguntas idiotas, respostas idiotas”. E não faltou oportunidade para Josefel Zanatas...

O saldo do evento é mais do que positivo. Mantivemos o espírito do primeiro ano, solidificamos relações

(as presenças de Baiestorf e seu pessoal de Palmitos, a do mais do que fã gaúcho Cesar Souza, do próprio Mojica e dos vários que vieram os dois anos), e lançamos a base para futuras convenções seguras e mais bem estruturadas, com o lançamento durante o evento da Irmandade do Medo. Uma entidade que pretende integrar e arrecadar um fundo para financiar futuras horrorcons, bem como demais eventos relacionados ao horror. Uma idéia da qual todos os verdadeiros fãs do horror deveriam participar para que o “pesadelos” da HorrorCon continuem vivos entre nós por muitos anos.



A conferência a seguir foi realizada durante a V Mostra de Ficção Científica — 1º Debate Ficção Científica e Universidade, realizado pelo CLFC em comemoração ao aniversário de seus 10 anos, em 18 de novembro de 1995. Com isso oferecemos aos que não puderam estar presentes a oportunidade de compartilhar das informações apresentadas no encontro.

GRAAL: ORIGEM E SIGNIFICADO

1º Debate Ficção Científica e Universidade - São Paulo - Espaço Convivium
18 de novembro de 1995 - Prof. Heitor Megale (USP)

O Prof. Heitor Megale é conhecido filólogo e especialista brasileiro no Ciclo Arturiano e na Matéria da Bretanha, o responsável pela modernização do texto de A Demanda do Santo Graal (T.A. Queiroz, Editor, São Paulo, 1992). O Ciclo Arturiano é um dos principais elementos formadores da literatura de fantasia, com suas intrigas de magia, seus feitos aventureiros, e suas buscas por talismãs mágicos capazes de transformar a realidade. Em sua conferência, o Prof. Megale explora as origens e interpretações de um de seus mais importantes objetos mágicos, o Santo Graal.

De início, quero externar meu agradecimento pelo honroso convite que me foi feito pelo Roberto Causo para participar com vocês deste 1º Debate Ficção Científica e Universidade. É uma satisfação muito grande estar aqui e um privilégio poder trocar idéias com quem tem o hábito de se reunir para trabalhar em torno de projetos culturais. Desde que o Roberto contactou-me e expôs a idéia de vir aqui falar a um público especializado em ficção científica, fiquei imaginando o que trazer de meus estudos arturianos de modo a interessar o mais diretamente possível aos associados do Clube de Leitores de Ficção Científica. Pareceu-me que seria proveitoso expor algo em que não há consenso entre os estudiosos da Matéria da Bretanha, porque assim torna-se possível uma discussão mais enriquecedora. Mas há muitos aspectos em que não há consenso entre os arturianos, então o assunto que talvez seja mais interessante, do ponto de vista do imaginário que alimenta a ficção arturiana ao longo de tantos séculos seja exatamente a origem do graal e do seu significado.

E sobre esse ponto as perspectivas abrem-se, de fato, e divergem entre si em busca do sentido e do significado da palavra *Graal*. Considera-se como primeira ocorrência do termo, em sua forma latina, o substantivo comum *gradalis*, conforme registro no Testamento do conde Armengol I, de Urgel, na Catalúnia. A partir dessa ocorrência, torna-se freqüente o em-

prego nas diversas línguas românicas: *li graaus*, *grazal*, *greal*, *griala*. Em língua d'oil, no norte da França, a primeira menção do termo seria a do *Roman d'Alexandre*, por 1160 ou 1170, no verso 618 do manuscrito de Veneza. A palavra designa um prato precioso de tamanho grande, uma travessa, visto que pode conter peixes grandes: sonha ou lúcio marinho, lampréia e salmão e, levando em conta *A Primeira Continuação do Conto do Graal*, de Chrétien de Troyes, uma cabeça de javali. No século XIII, Hélinand de Froidmont, numa célebre passagem de sua *Crônica Universal*, descreveu o graal como *scutella lata et aliquantum profunda* (um prato ou travessa larga e pouco profunda). A etimologia da palavra permanece obscura, tendo havido diversas tentativas de elucidação. Segundo as fantasias das etimologias medievais, poderia derivar de *cratale*, cruzamento das formas *crater*, vaso, e *garale*, recipiente para salmoura, na hipótese de Gossen. Houve quem associasse a *gradale*, livro litúrgico *gradual*, mais provavelmente a *grade*, rede e, por fim, *graal* é o que agrada, como na própria *Estória do Graal*, de Robert de Boron:

***Car nus le Graal ne verra,
Ce croi je, qu'il ne li agree.***
(v. 2661-2662)

Em Chrétien de Troyes, quando o graal entra na Literatura Medieval, no verso 3208, a palavra não designa mais do que o objeto como convém a um substantivo comum:

Un graal antre ses ii. mains Une dameiselle tenoit.

A mudança desse substantivo comum em nome próprio é uma transição que conta a estória da metamorfose de um objeto prosaico, o graal, num objeto místico, o santo graal, e constitui, sem dúvida, um dado precioso para a estória do graal. Lembremos rapidamente a cena do *Conto do Graal*, de Chrétien de Troyes. Persival, quando chega ao castelo do rei Pescador, assiste a uma cena singular: uma jovem leva uma lança cuja ponta deixa pingar uma gota de sangue e uma bela donzela leva um graal encrustado de pedras preciosas, vindo atrás dessa outra que segura uma travessa de prata onde se corta a carne. As três personagens atravessam a sala. Ao mesmo tempo que o cortejo passa e volta, a mesa está repleta de abundantes alimentos especiais. Mas Persival permanece em silêncio e não ousa perguntar por que essa lança sangra e a quem destina-se o serviço do graal. Se ele tivesse feito tais perguntas, o rei Pescador teria sido curado de sua enfermidade e seu reino teria recuperado a prosperidade.

Essa passagem choca o leitor, primeiro por seu aspecto misterioso e enigmático, talvez onírico, visto que a cena apresenta-se como vista de dentro, o narrador assumindo a perspectiva de Persival. Só depois o narrador intervém para lamentar que o herói não tenha feito as perguntas. A posterior conversa de Persival com

seu tio ermitão ainda não desvenda o mistério. O ermitão apenas afirma que o graal não contém, conforme se poderia imaginar, peixes (o herói está na casa do rei Pescador), mas uma única hóstia que basta para manter vivo o rei enfermo. Tal é o primeiro e tênue traço de cristianização. O graal é *santa coisa*, mas ainda não é o santo graal.

Outro fato importante no texto de Chrétien é que o graal não é um objeto isolado. Ele aparece num cortejo, ao lado da lança que sangra e da travessa de prata e está associado ao tema das perguntas que o herói deveria fazer e à doença do rei Pescador. O graal pertence pois a uma seqüência de objetos e a uma contextura narrativa complexa, o que explica ao mesmo tempo a fortuna do mito na Idade Média, cada escriba elaborando sua própria sintaxe e sua própria organização da ordem dos materiais míticos. E da Idade Média até nossos dias, é imensa ao mesmo tempo que intrincada a multiplicidade de hipóteses e de teses que o graal permite, quanto a sua origem e seu significado.

Origens

Dentro de tão rica fortuna crítica, duas vertentes muito fortes destacam-se: a tese das origens cristãs e a tese das origens celtas. De acordo com a primeira, os objetos do cortejo são objetos litúrgicos: o graal é um cibório ou um cálice; a travessa de cortar carne é uma patena, a lança que sangra é a lembrança da lança de Longino, centurião romano que atravessou o lado de Cristo na cruz, na tarde de sexta-feira, antes de converter-se, vindo mais tarde a morrer mártir da fé, e o cortejo é a transposição de um rito, a comunhão, mais particularmente aquela dos enfermos, o viático, rito da grande entrada na Igreja Ortodoxa em que a santa lança desempenha papel importante. Quanto ao motivo das perguntas que o herói devia ter feito, Martin de Riquer aproxima-o do rito judaico do *Pesaj*, cuja celebração não pode ter continuidade, enquanto o caçula da família não fizer quatro perguntas. Feitas tais perguntas, o chefe da família pode cantar o *Êxodo*.

Alguns críticos foram mais longe e propuseram uma interpretação alegórica do cortejo: a portadora do Graal é a Igreja (Mario Roques, M.Lot-Borodine, Martin de Riquer entre muitos outros); a portadora da travessa de cortar a carne seria a Fé (M.Lot-Borodine). Segundo U.T. Holmes, o jovem que leva a lança é uma imagem da Sinagoga e a cena de Chrétien de Troyes, que teria sido ele mesmo um judeu convertido, seria uma estória figurada da passagem da Sinagoga para a Igreja.

Pode-se alegar que, em cada uma dessas explicações, sempre ficam faltando alguns dados. Cada rito leva em conta apenas um dos elementos da narrativa: o Graal para a comunhão dos enfermos, a lança para a grande entrada, as perguntas para o *Pesaj*, e nenhum deles lembra-se da doença do rei Pescador. Então as hipóteses, embora tenham alguma base mais sólida, tornam-se arbitrárias, asseveram ainda terceiros, na medida em que forçam o texto de Chrétien e o interpretam à luz de outras fontes.

As teorias celtas (Jean Marx, R.S.Loomis, J.Frappier), têm a vantagem de levar em conta a cena do Graal como um todo, sem dispensar nenhum dado, e, além disso, encontram apoio na literatura galesa ou irlandesa, do convívio de Chrétien de Troyes, conforme atestam seus quatro romances anteriores. Essa teoria fundamenta-se numa analogia entre o graal e a cornucópia mitológica. O corno da cabra Amaltéia é transformado pelo filho de Cronos no chifre da abundância, e em consequência dessa metamorfose, a um simples desejo enchia-se de toda a espécie de bens.

Na mitologia celta propriamente dita, esse chifre da abundância, acaba por fazer parte dos talismãs reais de soberania e fornece bebida e alimento em profusão. De fato, a cada passagem do graal, seja em Chrétien, seja em seus sucessores, a mesa dos convivas cobre-se de alimentos em abundância. A lança que sangra estabelece uma relação com a terrível lança vingadora e destruidora das

diversas divindades celtas: Lug, Oengus, Celtchar, lança de onde sai fogo ou lança de onde escorre sangue, sendo esta a opção no *Conto do Graal*. Quanto ao rei Pescador, é fácil percebê-lo próximo dos deuses marinhos, Bran, o abençoado, e Nuadu, reis do outro mundo e detentores da cornucópia maravilhosa. Bran é o nome sobre o qual terá sido calcado Bron, o genro de José de Arimatéia, na *Estória do Graal*, de Robert de Boron. Um e outro são divindades marinhas ligadas à fertilidade e à fecundidade, sendo que, em certos textos, Bran aparece como um rei ferido, cujo reino está atingido pela esterilidade, exatamente como ocorre com a *terra gasta* do rei do Graal.

Enfim os tópicos das perguntas a serem feitas encontram-se num texto irlandês *O Êxtase Profético do Fantasma*. Conta a estória que Conn, rei da Irlanda, chega à misteriosa morada do deus Lug. Uma donzela, alegoria da soberania da Irlanda, serve-lhe pedaços de carne e, no momento de servir as bebidas, pergunta a Lug: “A quem devo oferecer a taça?” E Lug responde: “A Conn!” Conn fica então confortado e confirmado na soberania. Apesar das evidentes diferenças, *O Êxtase Profético do Fantasma* e *O Conto do Graal* têm em comum o fato de ligar o estabelecimento ou a confirmação da soberania às perguntas a serem feitas. Persival, ao fazer as perguntas, teria restituído a saúde ao rei Pescador e a integridade a seu reino. Os elementos do cortejo são pois outros tantos talismãs reais a que J.Griswald pôde vincular três funções indo-européias:

Graal: função mágico-religiosa,

Lança: função guerreira,

Travessa de cortar a carne: função alimentar.

É nessa travessa que o valete corta os quartos do cervo que são o primeiro alimento da refeição. Conservado no castelo do rei Pescador, esses três talismãs reais são exibidos numa procissão ritual e exigem a conquista por um jovem herói predestinado. Assim, mesmo que seja difícil reconstituir com precisão o conto celta que pode

ter servido a Chrétien, mesmo que se deva censurar o esquema elaborado por Jean Marx como um composto artificial e heterogêneo de lendas galesas e irlandesas, é inegável a existência de um plano mítico anterior ao da cena do Graal, o que, no entanto, não significa o apagamento de toda a perspectiva cristã. A entrevista com o ermitão seria mesmo uma confirmação do processo de cristianização.

O talento de Chrétien de Troyes consistiu exatamente em cruzar as duas perspectivas num harmonioso conjunto e em dar as cores do sentido cristão à matéria celta. Sobrou para os continuadores de Chrétien de Troyes a tarefa de explicitar os elementos do cortejo, desfazendo seu

mistério. Tal explicitação realizou-se dentro do mais rigoroso sentido cristão, visto que a mitologia celta era letra morta para o homem dos séculos XII e XIII.

Essas duas teorias, mais do que hipóteses, são as mais importantes, tendo sido a segunda mais largamente aceita. Mas há outras que não convém omitir. A primeira delas é uma perspectiva frazeriana, isto é, baseada em Fraze, Sir James George Frazer (1854-1941), especialista em religiões escocesas que procurou descobrir no folclore o fundamento dessas religiões. A autora dessa hipótese frazeriana é J. Weston, para quem a visita de Persival ao castelo do rei Pescador é a estória de uma iniciação abortada num rito de fertilidade,

tendo por símbolo feminino o graal e o masculino, a lança. Outras, como essa, são hipóteses que põem em jogo uma série de influências, ou para tomar emprestado o termo de Pierre Gallais, correspondências orientais: hermetismo, segundo H. Kahane e A. Pietrangel; correspondência com o cortejo de Isis do livro XII do *Asno de Ouro* ou *Metamorfose*, de Apuléo (séc. II), alquimia para P. Duval, mística iraniana para P. Gallais, enfim hipóteses que, à margem das teorias cristãs, fazem apelo para o contexto histórico das cruzadas, por exemplo.

Helen Adolf viu no castelo do Graal de Chrétien de Troyes uma representação do reino de Jerusalém, L. Oschki e H. Bayer ligaram-no à heresia cátara.



At 108/90

PRÊMIO NOVA DE FICÇÃO FANTÁSTICA 1995

GERAL

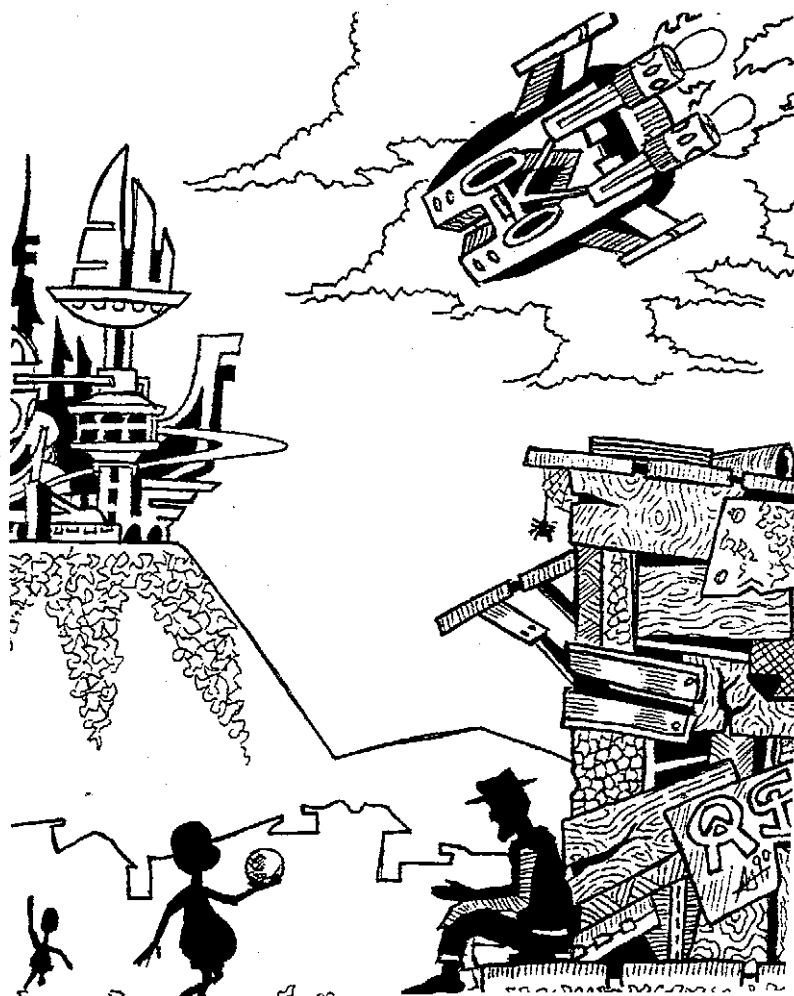
- * Melhor Ficção Longa Nacional: *A Espada da Galáxia*, Marcelo Cassaro, editora Trama
- * Melhor Ficção Longa Estrangeira: *O Martelo de Deus*, Arthur C. Clarke, editora Siciliano
- * Melhor Ficção Curta Nacional: "A Escuridão", André Carneiro, *Neo-Interativa* (cd-rom), dez/95
- * Melhor Ficção Curta Estrangeira: "Johnny Mnemonic", William Gibson, *General 14*
- * Melhor Antologia/Coletânea Nacional: *Estranhos Visitantes*, Luiz Zatar, edição do autor
- * Melhor Semi-Prozine: *Dragão Brasil*, Rui Pereira, editor/Trama
- * Melhor História em Quadrinhos Nacional: "Meu Pé de Laranja Lima", Cristiano Seixas, *Panacea*
- * Melhor Ilustrador Nacional: Roberto de Sousa Causo

FÃ

- * Melhor Fanzine: *Megalon*, Marcello Simão Branco, editor
- * Melhor Ficção-Curta: "A Fábrica", Carlos Orsi Martinho, *Megalon 37*
- * Melhor História em Quadrinhos: "O Corvo", Luciano Irrthum, *Clássicos Canibal*, Peter Baiestorf, editor
- * Melhor Ilustrador: José Carlos Neves

ESPECIAL

- * Melhor Trabalho de Não-Ficção: "Debate com Orson Scott Card", Marcello Simão Branco (transcrição e edição), *Megalon 38*



O Prêmio Nova foi realizado pelo nono ano consecutivo. Ele é organizado pela Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF) e é dividido em dois turnos. No primeiro votam os leitores; no segundo, um corpo de jurados escolhidos pelo Comitê Organizador que votam nos três primeiros colocados da votação popular. Os jurados deste ano foram: Alexandre Pereira dos Santos (pelo Rio Grande do Sul), Renato Rosatti (São Paulo), Luís Marcos da Fonseca (Interior de SP), Miguel Carqueija (Rio de Janeiro) e José Carlos Neves (Minas Gerais). Este critério não se aplica às categorias de quadrinhos. Elas são votadas - e decididas - pelo voto direto de seus leitores.

PRÊMIO NEBULA 1995

- * Melhor Romance: "Hobson's Choice"/*The Terminal Experiment*, Robert J. Sawyer (*Analog* mid-12/94 a 3/95, HarperPrism)
- * Melhor Novela: "Last Summer at Mars Hill", Elisabeth

Hand (*Fantasy & Science Fiction* 8/94)

- * Melhor Noveleta: "Solitude", Ursula K. Le Guin (*Fantasy & Science Fiction* 12/94)
- * Melhor Conto: "Death and the Librarian", Esther M. Friesner (*Asimov's Science Fiction* 12/94)

- * Grande Mestre: A.E. van Vogt

O Nebula é conferido anualmente, desde 1966, pela Science Fiction and Fantasy Writers of America. Votam seus associados, os escritores. Das 930 cédulas enviadas, 344 retornaram com seus votos.

Indicados ao PRÊMIO HUGO 1996

* Melhor Romance:

- *The Time Ships*, Stephen Baxter (Harper Collins UK; Harper Prism)
- *Brightness Reef*, David Brin
- *The Terminal Experiment*, Robert J. Sawyer (Harper Prism; como "Hobson's Choice em *Analog*) (mid-12/94 a 3/95)
- *The Diamond Age*, Neal Stephenson (Bantan Spectra)
- *Remake*, Connie Willis (Ziesing; Bantan Spectra)

* Melhor Novela:

- "Fault Lines", Nancy Kress (*Asimov's* 8/95)
- "A Man of the People", Ursula K. Le Guin (*Asimov's* 4/95)
- "A Woman's Liberation", Ursula K. Le Guin (*Asimov's* 7/95)
- "Bibi", Mike Resnick & Susan Shwartz (*Asimov's* mid-12/95)
- "The Death of Captain Future", Allen Steele (*Asimov's* 10/95)

* Melhor Noveleta:

- "Luminous", Greg Egan (*Asimov's* 9/95)
- "Tap", Greg Egan (*Asimov's* 11/95)
- "Think Like a Dinosaur", James Patrick Kelly (*Asimov's* 6/95)
- "When the Old Gods Die", Mike Resnick (*Asimov's* 4/95)
- "The Good Rat", Allen Steele (*Analog* mid-12/95)
- "Must and Shall", Harry Turtledove (*Asimov's* 11/95)

* Melhor Conto:

- "TeleAbsence", Michael A. Burstein (*Analog* 7/95)
- "Life on the Moon", Tony Daniel (*Asimov's* 4/95)
- "A Birthday", Esther M. Frisner (*Fantasy & Science Fiction* 8/95)
- "The Lincoln Train", Maureen F. McHugh (*Fantasy & Science Fiction* 4/95)
- "Walking Out", Michael Swanwick (*Asimov's* 2/95)

* Melhor Livro de Não-Ficção:

- *Yours, Isaac Asimov: A Lifetime of Letters*, Isaac Asimov, edição de Stanley Asimov (Doubleday)
- *Spectrum 2: The Best in Contemporary Fantastic Art*, edição de Cathy Burnnet & Arnie Fenner (Underwood)
- *Science Fiction: The Illustrated Encyclopedia*, John Clute (Dorling Kindersley)
- *Alien Horizons: The Fantastic Art of Bob Eggleton*, Bob Eggleton (Paper Tiger; Science Fiction Book Club)
- *To Write Like a Woman: Essays in Feminism and Science Fiction*, Joanna Russ (Indiana University Press)

* Melhor Filme (cinema e televisão):

- *Apollo 13*
- "The Coming of Shadows" (*Babylon 5*)
- "The Visitor" (*Star Trek: Deep Space Nine*)
- *Toy Story*
- *12 Monkeys*

* Melhor Artista Profissional:

- Jim Burns
- Thomas Canty
- Bob Eggleton

- Don Maitz

- Michael Whelan

* Melhor Editor Profissional:

- Ellen Datlow
- Gardner Dozois
- Scott Edelman
- Kristine Kathryn Rusch
- Stanley Schimidt

* Melhor Trabalho de Arte Original:

- Bob Eggleton; capa de *Fantasy & Science Fiction* 10-11/95 (ilustrando "Dankden" de Marc Laidlaw)
- Bob Eggleton; capa de *Analog* 1/95 (ilustrando "Tide of Stars" de Julia Ecklar)
- James Gurney por *Dinotopia: The World Beneath* (Turner)
- George Krauter; capa de *Analog* 3/95 (ilustrando "Renascence" de Poul Anderson)
- Gary Lippincott; capa de *Fantasy & Science Fiction* 1/95 (ilustrando "Tea and Hamsters" de Michael Coney)

* Melhor Semi-Prozine:

- *Crank!*
- *Interzone*
- *Locus*
- *The New York Review of Science Fiction*
- *Science Fiction Chronicle*

* Melhor Fanzine:

- *Ansible*
- *Apparatchik*
- *Attitude*
- *Fosfax*
- *Lan's Lantern*
- *Mimosa*

* Melhor Escritor-Fã:

- Sharon Farber
- Andy Hooper
- Dave Langford
- Evelyn C. Leeper
- Joseph T. Major

* Melhor Artista-Fã:

- Ian Gunn
- Teddy Harvia
- Joe Mayhew
- Peggy Ranson
- William Rotsler

* Prêmio John W. Campbell (para melhor autor novo):

- Michael A. Burstein
- David Feintuch
- Felicity Savage
- Sharon Shinn
- Tricia Sullivan

O Hugo é votado pelos fãs que estiveram presentes na última convenção mundial de ficção científica (InterSection) e por aqueles que já se inscreveram para a próxima, em Los Angeles. Os vencedores serão conhecidos nesta próxima convenção que se realiza de 29 de agosto a 2 de setembro.

Especial:

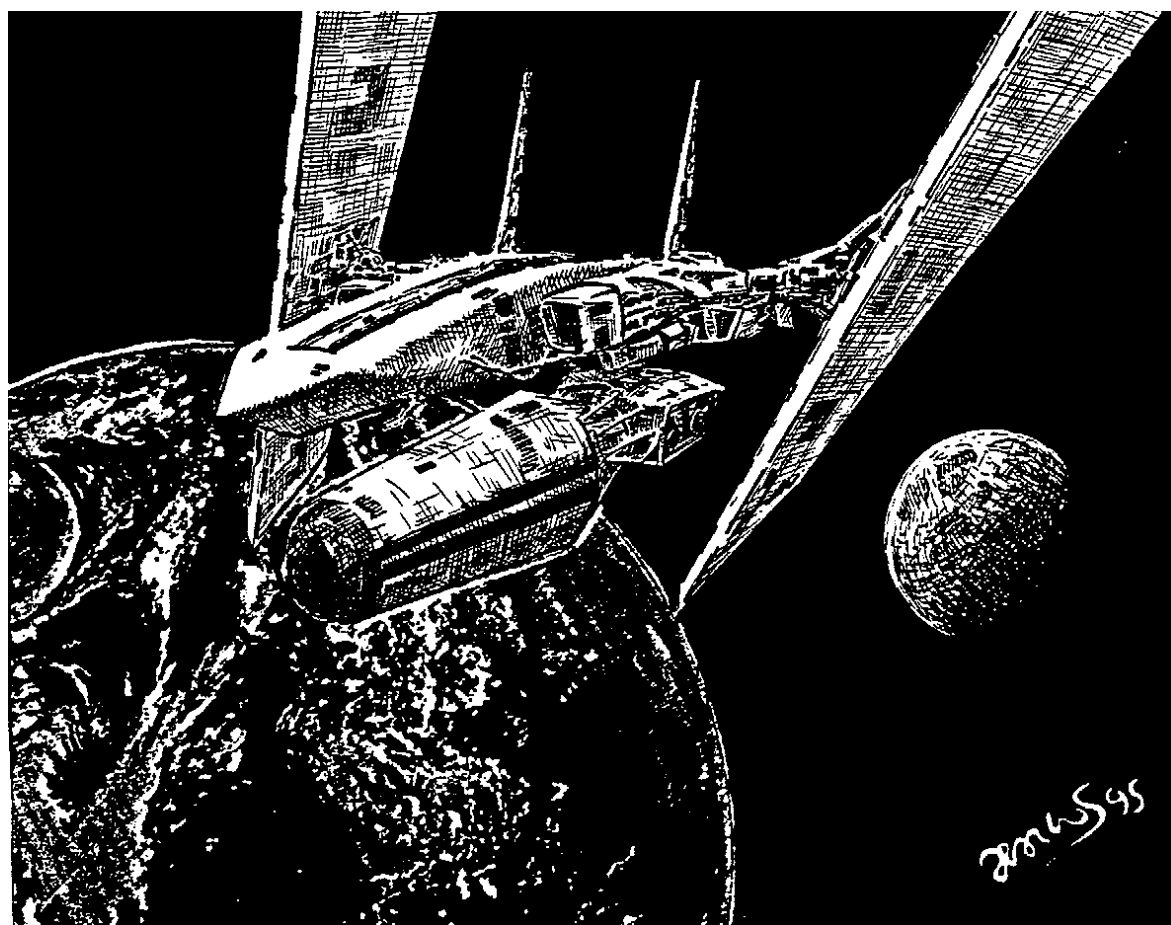
100 Anos de "A Máquina do Tempo"

No ano de 1995 completou cem anos de publicação o livro que é considerado um marco de toda a literatura de ficção científica mundial e também o primeiro romance publicado do inglês Herbert George Wells, um dos autores mais lidos da literatura inglesa. Trata-se de *A Máquina do Tempo*, clássico da literatura de antecipação, livro que influenciou gerações de autores no mundo inteiro e que, simbolicamente, marca os cem anos da ficção científica.

O evento foi muito lembrado no exterior com a realização de concorridos simpósios e seminários na Inglaterra, Estados Unidos e Austrália. Inclusive, Wells tem voltado a merecer atenção por parte de alguns escritores anglo-americanos, que estão fazendo uma releitura de sua obra-prima. É o caso de Stephen Baxter que publicou com sucesso *The Time Ships* que se inicia a partir do fim do livro de Wells. Esta é, sem dúvida, uma época para se lembrar de H. G. Wells.

No ano passado, seu primeiro livro completou um século. Neste ano, comemoramos 130 anos de seu nascimento e 50 anos de sua morte. É uma época para reler e pensar nos clássicos deste grande escritor e também para se indagar quanto aos destinos da literatura que criou, a ficção científica, que chegou ao apogeu nos Estados Unidos e Inglaterra e busca, atualmente, uma nova identidade frente à literatura "clássica".

Trazemos neste *Somnium* um especial sobre a data com um artigo de [Alysson Fábio Ferrari](#) sobre o autor e sua obra; um texto de [José Carlos Neves](#) sobre a hipotética realidade de uma viagem no tempo; e para completar, duas peças de ficção por dois dos mais talentosos escritores da ficção científica brasileira da atualidade, [Fábio Fernandes](#) e [Carlos Orsi Martinho](#). Cada um no seu estilo bem particular, dando a sua versão de um dos temas mais recorrentes e fascinantes da história da ficção científica.



Cem Anos de "A Máquina do Tempo"

por Alysson Fábio Ferrari

O Início da História

Nunca é fácil definir o início de uma corrente literária, já que a literatura está sempre em mutação, alterando-se mais ou menos rapidamente conforme a influência do meio social, econômico, político, científico e ideológico no qual está inserida. Com a literatura da fc não é diferente. Luciano de Samosata, dois séculos antes da era cristã (!), descreveu uma viagem à lua em sua *História Verdadeira*, assim como Kepler com seu *Somnium*, no século XVII. Vários outros autores usaram elementos de ficção científica em suas obras, contudo, é engano situar neles a origem da mesma FC escrita hoje. Estes livros não foram escritos num *contexto* que permita situá-los como FC autêntica, apenas usaram elementos que foram aproveitados no final do século XIX em diante, quando esta literatura realmente formou-se, junto de seu mercado consumidor, principalmente nos países de língua inglesa, Inglaterra e EUA.

É muito difícil definir um *começo* para a fc. Vários autores são tidos como precursores autênticos. Um dos primeiros livros que pode ser citado é *Frankenstein*, de Mary Shelley, publicado em 1818, tido como um dos originadores do gênero fantástico. Trata-se de um livro fascinante e incrivelmente rico, mas uma análise mais profunda dele escapa ao âmbito deste artigo. Júlio Verne influenciou muito o surgimento da fc, sendo considerado, por muitos, como seu "pai", graças a seus livros caracterizados pelo espírito quase profético, caráter informativo e uma grande preocupação com a plausibilidade científica, como *20.000 Léguas Submarinas*, *Viagem ao Centro da Terra* e *Viagem ao Redor da Lua*.

É com Herbert George Wells, contudo, que a ficção científica real-

mente surge de forma mais característica. Ele lançou as sementes que, na década de 30, floresceriam nos Estados Unidos com o aparecimento das primeiras especializadas em fc. Pode ser chamado de "pai da ficção científica", embora, obviamente, esta denominação é origem de muitas discussões.

O Autor

Herbert George Wells nasceu em Bromley, na Inglaterra, a 21 de setembro de 1866 e faleceu em Londres, a 13 de agosto de 1946. Vindo de família humilde, começou a trabalhar aos 14 anos como aprendiz de tecelão, ocupando vários empregos até que, aos 18 anos de idade, conseguiu uma bolsa para estudar no curso de biologia da *Normal School of Sciences*, em Londres. Em 1887, escreveu um pequeno romance chamado *The Chronic Argonaut*.

Após licenciar-se em ciências, em 1888, trabalhou como professor de uma escola por correspondência. Nesta época, usou o jornalismo como uma atividade que complementasse sua renda e que oferecesse a possibilidade de contato com o que de mais novo havia no mundo intelectual da Inglaterra. Muito otimista quanto à ciência e um socialista convicto, reescreveu, no verão de 1894, seu primeiro romance, mudando o título para *The Time Machine (A Máquina do Tempo)*, título sob o qual foi publicado pela primeira vez, em 1895.

A receptividade do livro, pela forma original como tratava de um assunto científico, foi muito boa e Wells escreveu logo uma sucessão de outras obras no gênero: *The Invisible Man (O Homem Invisível)*, 1897, *The War of the Worlds (A Guerra dos Mundos)*, 1898, *The First Man in the Moon (O Primeiro Homem na Lua)*, 1901, *In the Days of the Comet (Os Dias do Cometa)*,

1906). Estes livros, juntos de outras obras, formaram a base da moderna ficção científica.

Wells caracteriza-se, inicialmente, por um grande otimismo científico e apaixonada crença no socialismo, na igualdade de classes e no amor livre, fatores que aparecem com clareza nas suas obras. Com o passar dos anos, contudo, isso se transforma num amargo pessimismo que se revela em suas obras mais recentes, como a enciclopédia histórica *The Outline of History*, de 1920, até seu último livro, *Mind at the End of its Lether*, de 1945. Esse pessimismo e o medo de uma possível guerra mundial (que torna-se realidade em 1914) aparece em sua obra *In the Days of the Comet*, de 1906, na qual ele começa a criar uma aguda crítica à sociedade capitalista, machista e armamentista, pregando o socialismo reformista. A guerra tirou um pouco da esperança de Wells na tecnologia. Ressentido, prevê, no seu último livro, a destruição do homem, como se tivesse perdido sua esperança na humanidade.

A Obra

Apesar de ser um romance curto e o primeiro da carreira de Wells, *A Máquina do Tempo* é o mais famoso de seus livros. Narra a história de um cientista que viaja até o ano 802.701, encontrando um mundo aparentemente paradisíaco, com os homens vivendo na mais completa paz e ingenuidade, os Eloi. O viajante investiga este mundo, pensando, inicialmente, encontrar uma humanidade feliz. Contudo, percebe a existência de criaturas sinistras que vivem no subsolo, os Morlocks.

O que parecia uma ingênua utopia torna-se um pesadelo: como entender a existência daquelas criaturas hediondas que viviam na escuridão? E a paz dos Eloi, que não trabalhavam, não tinham governo, apenas

comiam, viviam felizes sem se preocupar com nada? Logo, a terrível verdade é revelada: os Morlocks cuidavam dos Eloi, alimentando-os, protegendo-os, exatamente como nós cuidamos do gado, e com os mesmos objetivos...

Horrorizado com a humanidade reduzida à condição de alimento de uma raça subterrânea, o viajante volta à sua época para contar aos seus amigos o que viu. É desacreditado e para provar a veracidade de sua história, resolve voltar ao futuro buscando provas de sua viagem, mas nunca mais retorna.

Mesmo nesta obra inicial, perce-

be-se que Wells não é um otimista puro - assim, em *The Time Machine* sempre há algo por sobre a aparente camada de paz. Esta utopia já tem um final amargo, uma mensagem que vai contra os conceitos da sociedade da época, avisando que, embora tudo pareça bem, os Morlocks estão lá, esgueirando-se nas sombras... Uma prova de que, desde o começo, H. G. Wells é um autor consciente das limitações da humanidade e de que corremos o risco de, sem uma severa mudança de mentalidade, selarmos nosso próprio fim.

Faltam em *A Máquina do Tempo*

a ironia e o sarcasmo que tornaram brilhantes outras obras que criticaram mais abertamente a sociedade capitalista, dentre as quais há de se destacar o belíssimo *Os Dias do Cometa*. Contudo, *A Máquina do Tempo* é um livro inesquecível, que continua vivo após 100 anos e que influenciou toda uma literatura. Seu desfecho, com as imagens de uma terra devastada, uma humanidade morta, permanece como uma análise dos rumos que a humanidade pode tomar permanecendo em seu egoísmo e ganância aparentemente eternos e, junto com o conjunto de sua obra, dá uma visão claríssima do pensamento deste intelectual inglês.

H.G. Wells em Língua Portuguesa

Aqui está um guia para você procurar e se orientar sobre seus escritos. Algumas obras foram publicadas em mais de uma editora (as que aparecem com o mesmo título mais de uma vez), e mesmas obras em títulos diferentes. E muitas estão fora de catálogo, só sendo encontradas em nossa fonte permanente de procura e coleção, os sebos.

Para ler sobre Wells em nossa língua:

- * "A Máquina do Tempo", in *No Mundo da Ficção Científica (Science Fiction Reader's Guide)*, L. David Allen. Summus Editorial, 1973.
- * "O Primeiro Wells", introdução de Jorge Luís Borges à edição da Francisco Alves de *A Máquina do Tempo*.
- * "Introdução", de Gilbert Phelps. Ensaio contextual sobre a obra de Wells, publicado em *Tono Bungay*. Edição da Francisco Alves.
- * As demais edições da Francisco Alves de suas obras contém breves análises críticas de escritores brasileiros, como Fausto Cunha em *Os Dias do Cometa* e *A Ilha do Dr. Moreau*; Marcos Santarrita em *O Alimento dos Deuses*; e Fernando Py em *O Homem Invisível*.

Livros	Editora	Ano
* O Alimento dos Deuses	Circulo do Livro	1986
* O Alimento dos Deuses	Francisco Alves	1984
* O Alimento dos Deuses	La Selva - 'Espacial'	1964
* O Alimento dos Deuses	Saraiva	1949
* Os Dias do Cometa	Francisco Alves	1984
* A Guerra dos Mundos	Briguiet	1937
* A Guerra dos Mundos	Europa-América	1992
* A Guerra dos Mundos	Livros Unibolso	-
* A Guerra dos Mundos	Nova Fronteira	1981
* A Guerra dos Mundos	Ulisseia - 'Clássicos'	1983
* A Guerra dos Mundos	Ulisseia - 'Suc. Literários'	1983
* H.G. Wells (coletânea)	Atlantida	1955
* A História do Futuro	Cia. Editora Nacional	1940
* Uma História dos Tempos Futuros	Garnier	-
* Uma História dos Tempos Futuros	Livraria Central	-
* O Homem Invisível	Bup	1966
* O Homem Invisível	Círculo de Leitores	1989
* O Homem Invisível	Europa-América	1992
* O Homem Invisível	Francisco Alves	1985
* O Homem Invisível	Tecnoprint	-
* O Homem Invisível	Vega	-
* A Ilha das Almas Selvagens	Civilização Brasileira	1962
* A Ilha do Dr. Moreau	Europa-América	1989
* A Ilha do Dr. Moreau	Francisco Alves	1983
* A Ilha do Dr. Moreau	Garnier	1910
* A Ilha do Dr. Moreau	Tecnoprint	-
* A Ilha do Dr. Moreaux	Círculo de Leitores	1988
* A Máquina de Explorar o Tempo	Garnier	1910
* A Máquina do Tempo	Círculo de Leitores	1990
* A Máquina do Tempo	Francisco Alves	1983
* A Máquina do Tempo	Tecnoprint	-
* As Melhores Histórias de H.G. Wells	La Selva	-
* As Melhores Histórias Fantásticas de H.G. Wells	Catedra	1976
* Os Primeiros Homens da Lua	Francisco Alves	1985
* Tono Bungay	Francisco Alves	1990

Fonte consultada: - *Quem é Quem na Ficção Científica - Volume II - "Catálogo de Ficção Científica em Língua Portuguesa, 1921-1993"*, de R.C. Nascimento.

Como Construir Uma Máquina do Tempo"

por José Carlos Neves

Se você tem pais ricos e quer aproveitar da herança ainda jovem, basta que viaje para algumas décadas no futuro, numa MÁQUINA DO TEMPO.

Construir uma Máquina do Tempo? Impossível! É o que a maioria das pessoas pensam, no entanto, a mais respeitada — e testada! — teoria da Física, a da Relatividade Geral e Especial de Einstein, nos permite perfeitamente manipular o tempo.

Claro! Ainda não podemos controlar as energias e massas requeridas por tal feito, mas já conhecemos seus princípios teóricos e isto é sem dúvida um passo importante. Um dia qualquer no futuro, ao invés de permanecermos escravos das horas, podemos passear pelo tempo como fazemos hoje, usualmente pelo espaço.

Se pararmos para pensar com mais atenção nos paradoxos lógicos que tal evento suscitaria, realmente é de dar nos nervos. Mas a Teoria Especial da Relatividade é categórica: um relógio (ou um homem) viajando próximo à velocidade da luz, trabalharia (envelheceria) mais devagar que um outro relógio (ou irmão gêmeo daquele homem) que permanecesse “parado”. Valendo-se de quilométricos aceleradores de partículas e até mesmo de experiências mais simples, os cientistas já comprovaram sem sombra de dúvidas que esse efeito é real.

Em assim sendo, uma das maneiras de construirmos a Máquina do Tempo, é encontrarmos um meio artificial de nos movermos a velocidades próximas daquela da luz, 300 mil Km por segundo. Mas infelizmente, essa seria uma viagem de mão única, na qual viajaríamos para o futuro mais devagar do que as outras pessoas, mas não poderíamos voltar no tempo, viajar para

o passado. Como construir então uma Máquina do Tempo real, manobrável, que nos permitisse uma viagem de mão dupla? Retornemos novamente às leis de Einstein, para sabermos que: se conseguíssemos armazenar um volume de massa suficientemente densa em algum ponto do espaço, seu imenso campo gravitacional distorceria este espaço (como uma esfera metálica colocada sobre um retângulo de tecido plano) e também o tempo a sua volta. Surgiria uma espécie de “confusão temporal”, através do qual poderíamos nos aventurar para frente e para trás nas horas como se elas fossem quilômetros, facilitada ainda mais se essa massa gigante e ultra densa estivesse se movendo ou fosse dotada de carga elétrica..

Os teóricos alertam que tais mecanismos seriam altamente instáveis, enquanto que os ambientalistas se horrorizam diante dos recursos naturais que teriam de ser esgotados, mas os “engenheiros gravitacionais” do futuro certamente os construirão se tiverem o mandato, o dinheiro e a massa de matéria requeridos.

Várias configurações para uma Máquina do Tempo podem ser desenvolvidas a partir das teorias einstenianas, como, por exemplo, um objeto altamente denso que fosse colocado a girar sobre seu próprio eixo a alta velocidade até que, aproximando-se esta da luz, ele entrasse em colapso, sucumbindo e formando um mini-buraco negro. Esse objeto poderia ser uma estrela, que entrasse em colapso ao girar sobre si mesma e formar um buraco negro no espaço. O evento pode ser matematicamente descrito pela “métrica de Kerr” — uma equação desenvolvida pelo teórico Roy Kerr, numa tentativa de solucionar através da Matemática as equações gravitacionais não lineares de Albert Einstein. A chamada “solução de Kerr” descreve o

campo gravitacional que é formado em volta de uma massa de imensa e crescente densidade, em rotação à altíssima velocidade até aproximar-se do colapso, como acontece com as grandes estrelas do espaço, ao final de suas “curtas vidas”, que dão origem aos buracos negros, de formato elíptico, feito uma panqueca. Se esse buraco negro pudesse ser manipulado, induzido artificialmente a assumir o formato de uma “rosquinha”, toda sua massa densa (ou seja, toda sua matéria) seria acumulada em volta, longe do centro, formando um anel em rotação. Aí entram as equações de Einstein para sugerir que na grande região vazia central, teríamos o que poderia ser chamado de “Portal do Tempo” (um “must” para os escritores de ficção clássica). Ao penetrarmos nessa verdadeira anormalidade, atingiríamos não o outro lado do “biscoito”, mas sim um estranho tipo de “hiperespaço”. Nossa dimensão espacial à frente seria então uma dimensão temporal, enquanto que a nossa própria dimensão temporal seria transformada numa espacial. Parece complicado, e é. Pior, tem mais: se nos movêssemos nesse hiperespaço numa direção contrária à da rotação do “anel” por um certo número de voltas, não notaríamos nada de “anormal” acontecendo, mas quando retornássemos para fora do “anel”, às nossas coordenadas espaço-temporais, constataríamos ter voltado somente ao “espaço” original, pois o tempo teria “retrocedido” um certo número de anos.

Alguns teóricos alegam que mesmo desvios infinitesimais em relação às simetrias especiais da “solução de Kerr” — como a causada por algo, ou alguém, tentando usar essa Máquina do Tempo — alterariam toda a operação drasticamente. E concluíram ainda que a Natureza não seria capaz de formar tais espé-

cies de configurações de massa. Não seria “natural”. Este e outros termos pelos quais eles tentam se justificar, como “colapso realístico” e “configurações estáveis”, já oferecem per se, lacunas possíveis para que se insista na idéia. Existem muitas coisas em nosso mundo que não estão em “estado natural”, ou “realístico”, ou “normal”, ou “estável”. Um transistor, por exemplo, é um milagre antinatural; um cristal de silicose ultrapuro, um litro de hélio líquido, um poodle de raça pura, um laser, um satélite de comunicações em órbita geosincronizada, igualmente o são. Todos são eventos antinaturais, somente mantido estáveis pelas mãos do homem.

É uma situação desconfortável para os teóricos “de oposição”, como destacou o Dr. Frank Tipler, em artigos científicos publicados em 1974. Para ele, a Relatividade Geral sugere que se construirmos um cilindro suficientemente largo e o colocarmos para girar, teríamos outra perfeita “Máquina do Tempo”, embora tenha provado também, três anos mais tarde, que esse cilindro não poderia ser construído com matéria “normal” — que não atingisse a densidade necessária para se formar um buraco negro.

Pode ser verdade que a Natureza sozinha jamais formaria no espaço uma Máquina do Tempo de uma estrela em colapso, pela métrica de Kerr. Mas com uma “pequena ajuda” de nossos futuros longínquos descendentes, uma estrela maior que o nosso sol, poderia ser matéria-prima para a construção de um artefato dessa magnitude, em formato de anel, com aproximadamente 100 Km de diâmetro, e mantida “estável” artificialmente. Ela seria grande e segura bastante para enviarmos toda uma nave espacial — e sua tripulação — de volta no tempo.

A objeção mais incisiva dos físicos é que a solução métrica de Kerr requer que essa massa em rotação seja acelerada à velocidade da luz, a qual seria impossível de ser

alcançada, portanto inviabilizando totalmente o “projeto”. Mas foram teorizadas outras soluções pelas quais a velocidade poderia ser mais modesta, se a massa em questão fosse dotada de carga elétrica.

Mas este não é o debate mais importante. O formato de anel rotativo não é o único possível para uma Máquina do Tempo operacional. Outras soluções menos fiéis às equações de Einstein — e que não as de Kerr — também oferecem *designs* variantes, como o “cilindro gigante em rotação”, descrito por Tipler há uma década.

Seria um cilindro imensamente comprido e de massa ultradensa, posto a girar sobre seu eixo numa velocidade de aproximadamente 150 mil Km por segundo — metade da luz. Em algum ponto próximo ao meio desse cilindro, o tempo seria distorcido, próximo à superfície. Assim, para viajarmos no tempo, bastaríamos orbitá-lo a meio caminho do seu comprimento, já obtendo aqui a “mão-dupla”: nos aventuraríamos para o futuro ou para o passado circulando o cilindro contra ou a favor de sua própria rotação. Nem o viajante e nem o cilindro precisaria se mover a velocidades relativísticas.

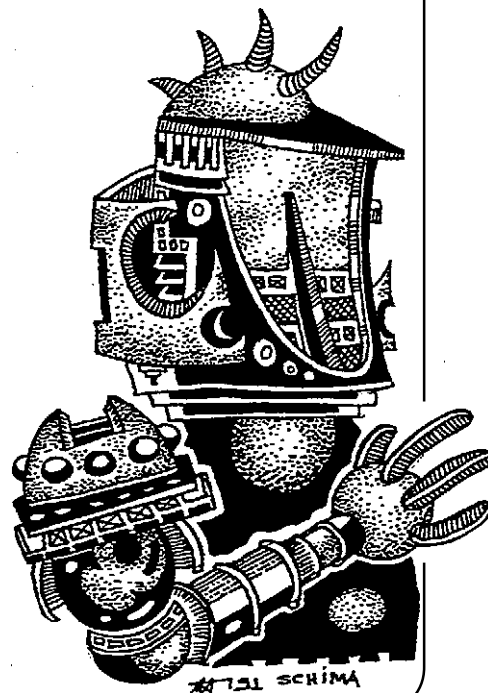
Concluindo, não se pode descartar inteiramente a possibilidade tão em voga na ficção científica, baseada nos conhecimentos atuais da Física. E sobre os paradoxos lógicos viscejanetes de tais “jornadas”, não sabemos ainda como resolvê-los. Nem Einstein o sabia.

Talvez venhamos a descobrir no futuro que o tempo e sua estrita ordem de causa-efeito não é absoluto, mas pode variar de acordo com o tipo de “veículo” utilizado para se viajar por ele, que poderá ser estendido ou comprimido artificialmente. E muito antes de viajarmos numa dessas máquinas, certamente seremos capazes de construir miniaturas, que levariam para o passado ou para o futuro, nossas mensagens codificadas, inseridas em impulsos

de laser, tal qual a garrafa com uma carta dentro lançada ao mar. E um século a frente seria uma boa estimativa para alcançarmos tal efeito, se acontecerem novas descobertas na Física que aumentem e incrementem a nossa compreensão sobre as partículas elementares e matéria ultradensa.

Observação:

Esta é uma versão livre do artigo de Robert L. Forward, publicado na revista americana *Omni*, de maio de 1980. Como exemplo de outras obras de referência sobre este fascinante assunto, além das já conhecidas como *Tempo: Profundo Mistério do Universo*, de John Gribbin; *Uma Breve História do Tempo*, de Stephen Hawking; e outras, eu recomendaria dois livros absolutamente fantásticos, do matemático e místico soviético P.D. Duspinski, *Tertium Organum* e *Um Novo Modelo De Universo*, da Editora Pensamento (Cultrix). Qualquer leitor que se interesse pelas idéias ou seja adepto dos ensinamentos deste grande mestre e queira se corresponder sobre o assunto, escrevam-me: JOSÉ CARLOS NEVES, A/C Vidronorte, Caixa Postal 477, CEP: 39310-970 Montes Claros - MG.



Ficção

Renata e Ramón se amam. Tiveram alguns probleminhas de relacionamento - qual casal não os tem? -, mas chegou o dia do casamento. Arestas aparadas é hora de selar a felicidade. Mas... aí entra o imponderável, aquilo que consideramos absurdo e risível. Para desespero do casal, nada irreal, pois os esperam um velho fenômeno da Física conhecido pela sigla de:

M.U.A.

por Fábio Fernandes

1980

O murmúrio no interior da igreja já virou um burburinho a essa altura. Da limusine alugada Renata ouviu tudo com uma clareza assustadora: o choro de um bebê, a voz esganiçada da Tia Léia, o riso gostoso do priminho Gabriel. Ao seu lado, o pai tenta disfarçar a décima-quinta consulta ao relógio, mas ela percebe.

- Que horas são? - pergunta.

- Ele já deve estar chegando, filha - responde o pai sem muita convicção.

Renata pega o braço esquerdo do pai e vira o pulso. Seis e quarenta. O casamento estava marcado para as seis.

- Deve ser o trânsito, Renata.

- O Ramón mora em Botafogo, papai. De lá pra cá não demora mais que dez minutos, vinte com tráfego ruim.

O pai não argumenta.

Os convidados começam a sair. Os parentes e agregados ficam nas escadas; os amigos de faculdade de Renata se espalham lentamente pelas imediações, admirando a paisagem do alto do Outeiro da Glória. Ninguém foi embora, mas Renata sabe que isso não vai demorar: quando o primeiro tomar coragem, os outros irão atrás. Pedindo desculpas, com um pouco de constrangimento, mas irão.

Renata não chora. O que ela sente é raiva, uma raiva tão grande que evapora qualquer possível lágrima antes mesmo de sair de seus olhos; de algum modo, ela sabia que isso iria acontecer. Não era de hoje que Ramón vinha se comportando de forma estranha, sumindo por dias, às vezes semanas. Na última vez em que se viram, três dias antes, ela lhe perguntara se ele realmente ainda queria se casar. Ele respondera que sim, era o que ele mais queria; mas Renata viu em seus olhos uma hesitação, um desespero, alguma coisa que o sufocava e ele não conseguia revelar o que era. Ela não forçou a barra para que ele contasse; agora se arrepende.

E jura que, se Ramón não aparecer, não haverá perdão nem volta.

1986

O murmúrio no interior do shopping já virou um burburinho a essa altura. *Porra*, desabafa Renata, *no Natal tudo bem, mas já passou um mês*. Mas a chuva que cai lá fora, e só agora ela percebe, foi a causadora da aglomeração. *Bom, a lista de presentes já foi providenciada*, ela pensa. A tentação de tomar um sundae enquanto espera a chuva passar é grande, mas Renata opta simplesmente por ficar embaixo da marquise do shopping à espera de um táxi. Consulta o relógio: oito e meia da noite. Ela gostaria que Maurício estivesse ali, mas seu noivo não dispensa o chopinho das sextas com os amigos do trabalho. Nem por ela.

Nessas horas ela lembra de Ramón. Ele também tinha sua ânsia de liberdade, seus sonhos, mas era incapaz de deixá-la sozinha. Nessas horas ela só lembra das coisas boas. Foi tudo o que sobrou. Renata nunca mais o viu.

- Renata?

Renata nunca mais ouviu o som de sua voz.

Ela se vira.

O rapaz à sua frente não tem mais de vinte e quatro anos, a idade que ela tinha no dia do casamento que não houve. Está vestido com um jeans semi-baggy e uma camisa amarela bufante com hibiscos roxos. Os cabelos pretos cheios, batidinhos sobre as orelhas, parecem anos setenta demais para ela.

Ramón não mudou absolutamente nada.

Renata respira fundo.

- Como vai, Ramón? - ela pergunta, tentando parecer fria. O rosto de seu ex-noivo não tem a mesma pretensão.

- Você não está notando nada? - ele responde com outra pergunta, a voz embargada.

- Estou - ela o olha de alto a baixo. - Sua cara de pau não mudou.

Ramón respira fundo. Renata percebe que ele está muito agitado.

- Renata, me escute com atenção - ele chega bem perto dela, como se quisesse sussurrar. Mas seu tom de voz não diminui: - Cheguei há dois dias. Não sei quando vou embora. Preciso falar com você, é muito importante. Por

favor.

- Você está morando fora? Onde? - ela pergunta, tentando aparentar mera cordialidade. Mas ela quer mesmo saber.

Por um momento, Ramón age como se ela não existisse; levanta a cabeça, olha para o shopping como se não o conhecesse, abaixa os olhos e percorre a paisagem ao redor. *O que está acontecendo?*, Renata se pergunta.

- Aquele bar onde a gente costumava ir ali na rua da Passagem ainda existe? - ele pergunta de repente.

- Existe. Quer ir até lá?

- Quero.

Eles saem do shopping e vão na direção do bar. Mal conseguindo disfarçar o nervosismo, Renata anda a passos largos. De repente, percebe que deixou Ramón para trás. Vira-se: ele avança devagar, como se estivesse passando mal. Ou não quisesse andar depressa.

Pedem dois chopos. Renata espera: Ramón não fala uma palavra até que o garçom traz as bebidas e o cardápio. Ele pega a tulipa e toma um longo gole. Renata percebe que a mão do rapaz treme.

Mão exatamente igual a da última vez em que beberam, naquele mesmo bar. Renata olha Ramón com mais cuidado. Ele parece tão novinho... Por um momento todos aqueles anos de namoro voltam, e nada mudou. Os olhos de Renata ficam marejados.

- O que você tem para me dizer, Ramón? - ela pede, antes que desabe em lágrimas que não quer mostrar.

- Eu quero pedir perdão, Renata. E te dar uma explicação... - a voz morre na garganta. *Cachorro, não tem sequer a coragem de pronunciar a palavra “casamento”*, pensa Renata.

- Não precisa explicar nada - Renata diz, procurando um cigarro na bolsa. Jurou a Maurício que ia parar, mas certamente uma ocasião dessas é mais que desculpável. - Já passou, Ramón. É uma página virada.

- Página? Claro, claro! - O semblante de Ramón se ilumina tão subitamente que Renata sente uma pontada de medo. Parece doido. Ela acende o cigarro e dá a primeira tragada - longa - enquanto aguarda que ele termine de mexer em sua bolsa. Renata reconhece a bolsa: uma sacola azul e verde trançada, que ele comprou em Ipanema um mês antes do casamento. Mas não pode ser a mesma, ela pensou: a bolsa de que Ramón tirava agora uma folha de jornal era nova em folha.

- Dá uma olhada na data deste jornal - ele pede, estendendo o papel quase na cara de Renata. Ela pega a folha: é o “Caderno B” do *Jornal do Brasil*. A data é 16 de janeiro de 1980. Uma quarta-feira. O dia em que Renata o viu pela última vez.

O jornal está como novo.

- Não estou entendendo nada, Ramón - ela pergunta, a irritação se misturando com o estranhamento. - O que é que você veio me dizer de tão importante?

- No shopping, você me perguntou se eu estava morando fora. Não, Renata: eu fui mandado para fora.

- Como? - ela pergunta, imediatamente imaginando mil possibilidades. Recém-formado em jornalismo na época do noivado, ele vivia endividado. Será que havia se comprometido com algum agiota e tivera que fugir para não ser morto? Ou seriam drogas? Não, ela e Ramón só fumavam maconha e mesmo assim muito de vez em quando. Ela apura o ouvido: não quer perder essa explicação.

- Eu viajei no tempo, Renata - Ramón diz bem devagar, medindo palavras que não podem ser camufladas.

E nem assimiladas.

- Francamente, eu achei que a gente estava falando sério - Renata se levanta, completamente emputecida. Ramón barra sua passagem.

- Pelo amor de Deus, Renatinha, me ouve - seus olhos estão cheios de lágrimas. - Eu estou desesperado, não sei o que fazer. Preciso falar com alguém.

- Você precisa é de um psiquiatra, isso sim - e Renata se arrepende no instante em que as palavras saem de sua boca. Pois deve ser exatamente disso que ele precisa, e ela não devia tornar as coisas mais difíceis com sua crueldade. Afinal, ela parece estar em melhor estado que ele.

Que reconhece isso de alguma forma. - É, eu pensei nisso - ele admite, sem medo de esconder as lágrimas que escorrem pelo rosto. - Mas como é que as coisas mudaram tanto e eu não mudei nada? E minhas roupas? E as coisas que eu tinha comigo?

Renata torna a se sentar. Ramón faz o mesmo.

- Isso começou a acontecer uns seis meses antes do dia do casamento. Eu comecei a ter brancos estranhos. Atravessava uma rua de manhã, e chegava do outro lado à tarde. Entrava na cozinha à noite e voltava para a sala ao meio-dia.

- Você procurou alguma ajuda? - ela pergunta, agora com mais sutileza.

- Procurei um neurologista - responde Ramón. - Fiz exames, mas o médico não achou nada de errado comigo.

Cheguei a marcar um psicólogo, mas foi exatamente naquele período que eu sumi uma semana. Lembra como você ficou puta comigo?

- E como é que eu ia esquecer? Ainda lembro da raiva que eu senti do Zé Carlos. Pensa que eu não lembro que ele tinha te convidado para um churrasco em Pedra de Guaratiba logo antes de você sumir? Teu sumiço nunca me desceu pela garganta.

- Nem pela minha, Renata. Pra mim não se passou um dia. Eu saí da padaria no sábado de manhã com um litro de leite e um pão quente debaixo do braço. Quando cheguei em casa era sexta-feira, perto do meio-dia. Mas foi aí que eu vi que tinha algo de errado.

- Custou tanto assim pra perceber? - ela diz, irônica.

- Não, não é isso. Foi aí que eu vi que não era nenhum problema meu. Eu não estava tendo branco algum. O leite continuava gelado e o pão quente. Eu estava exatamente como quando saí de casa. Até então, esses lapsos só haviam acontecido num espaço de horas. Mas depois de uma semana, como é que eu podia explicar o fato do leite não ter estragado e nem o pão envelhecido? E minha aparência? Nem a barba havia crescido!

- E o que você fez?

- Nada - Ramón confessa, o rosto desanimado. - Fazer o quê, Renata? Quem é que ia acreditar em mim?

Ela o encara irada.

- Que tal eu, Ramón? Por que você não me contou nada na época? Não tinha confiança em mim?

Ramón baixa a cabeça.

- Você não ia acreditar, Renata. Depois daquele incidente com a Janaína...

- Sei, sei, não precisa entrar em detalhes. - O caso de Ramón com Janaína foi bastante concreto, ele não tinha como inventar nenhuma desculpa estúpida para ocultar a verdade.

- Isso aconteceu três meses antes do casamento. Aí eu comecei a me prevenir: falei para meus pais e para você que tinha pintado um trabalho com cinema em São Paulo, e que eu poderia ir pra lá sem avisar, lembra? Pois então; foi pra tentar ocultar qualquer futuro salto.

- Como aquele de três semanas - Renata lembra.

- Como aquele de três semanas - repete Ramón. Aí já faltava pouco tempo pro casamento, e eu bem que tentei te avisar. Mas me deu um medo filho da puta na hora: você ia achar que eu estava de sacanagem com a sua cara e ia querer acabar tudo. Preferi ser covarde e esperar a cerimônia. Aí eu ia poder te provar que estava falando a verdade.

- Como?

- Levando você comigo - ele explica.

- Ah - Renata não sabe o que dizer.

- Pois é, é isso - e ele entorna a tulipa de chope. Pede ao garçom mais uma.

- Duas - corrige Renata.

- Você nunca foi de beber muito - ele observa, tentando amenizar o clima.

- Depois do que você me contou agora, vou precisar - ela diz. - Vem pra cá - ela o chama, fazendo um gesto para a cadeira ao lado. Ele troca de lugar. Renata acaricia o rosto de Ramón. A barba de dois dias é cerrada; ela lembra que seu pescoço ficava todo lanhado quando trepavam. Doía um pouco, mas Renata gostava.

Renata está toda molhada.

- Você está tão lindo - ela diz. E o beija.

Renata sente as mãos de Ramón acariciando seu rosto, seus cabelos, sua nuca. Há quantos anos ela não sentia aquelas mãos tão macias. É como se o tempo não tivesse avançado.

Delicadamente, ela interrompe o beijo.

- O que você disse é verdade, Ramón? - pergunta, pela primeira vez na dúvida.

Ramón faz que sim com a cabeça. A emoção é tanta que não consegue falar.

Renata pega sua tulipa de chope - que obviamente chegou durante o beijo - e toma um gole.

- Você não acredita em mim - diz Ramón, enxugando as lágrimas.

- Eu acredito - diz Renata.

- Não, eu te conheço bem. Você é muito teimosa. - Ambos riem. - Mas só há uma maneira de provar, Renata. - e ele estende a mão. - Vem comigo.

- Pra onde?

- Não sei - ele confessa. - Pela lógica, é somente para o futuro. A cada salto eu passo menos tempo em tempo real e o espaço percorrido é maior que o anterior. Ainda não tive cabeça para calcular a progressão, se é que existe uma. Parece M.U.A.

- O quê?

- Movimento Uniformemente Acelerado. Aprendi isso no ginásio. Isso ocorre quando um objeto atinge uma

aceleração determinada constante.

- O que significa que a velocidade do objeto vai aumentando proporcionalmente.

- Exato. Por isso tenho ficado menos tempo em qualquer época que eu esteja. O salto seguinte me deixou a seis meses depois do casamento. Fiquei quinze dias aqui. Então, de repente, fui no supermercado e voltei com as sacolas de compras dois anos depois.

- Pelo menos você tinha comida.

- Pelo menos... Já não tinha mais onde morar. Soube da minha mãe?

- Soube. Lamento muito.

- Tudo bem, ainda não deu tempo de sentir. Uma semana depois eu virei uma esquina e estou aqui.

Renata respira fundo.

- Você me dá um tempo pra pensar?

Ramón arregala os olhos.

- Renata, você ouviu o que eu te disse? A cada salto eu passo menos tempo em tempo real! Isso quer dizer que eu não sei quanto tempo tenho! Da última vez, foram sete dias antes um salto e o último. Já estou no segundo dia. Pode ser amanhã, ou daqui a pouco! Eu não tenho tempo a perder!

- Calma, Ramón - Renata procura medir as palavras da melhor forma possível; não vai ser fácil. - Você está se esquecendo que para mim se passaram seis anos? *Seis anos!* Como é que você acha que eu me sinto com você aparecendo assim de sopetão, me contando tudo isso, pedindo que eu acredite e ainda por cima que vá com você?

- Se você se despedir de mim agora, pode ser que a gente nunca mais se veja.

- Isso é uma ameaça, Ramón?

- Não, Renata, eu já disse - ele fala, exasperado. - É uma constatação.

- Onde você está?

- Na casa de um amigo, você não conhece. Você ainda mora no mesmo apartamento?

- Moro.

- Posso te ligar amanhã de manhã?

- Pode.

Os últimos minutos apagaram o fogo de Renata. Tudo o que ela quer agora é ir embora. Chama o garçom, paga a conta e sai apressada. Ramón vai com ela até o ponto de ônibus.

Os quinze minutos que a separam do Humaitá não são suficientes para tantos pensamentos. A surpresa de rever o homem que ela tanto amou só é maior que o pasmo por tudo o que ele lhe disse. Ela não quer, mas tudo o que lhe vem à cabeça nesse instante é uma notícia que ela soube nos tempos de faculdade, de uma colega cujo noivo era tão ciumento que um dia, após uma briga, tentou estrangulá-la. Ramón nunca teve tanto ciúme assim, mas Renata sabe que ele não é mais o mesmo de antigamente. Ela não custou tanto a superar seu abandono na porta da igreja para acabar como essa colega da faculdade.

O telefone toca às sete da manhã. Sonolenta, Renata se levanta, vai até o corredor e atende.

- Renata? Sou eu, Ramón.

A realidade a desperta na hora.

- Oi, Ramón.

- Podemos nos ver?

- Agora? - sente um frio na barriga.

- É muito importante, Renata.

Ela suspira. - Tudo bem. Onde?

- Estou aqui no Largo dos Leões.

Meu Deus, ela pensa. Ele está obcecado.

- Que bom que você veio - ele diz ao vê-la chegar. Tenta esboçar um sorriso, mas Renata sente a tensão.

- Vamos recapitular uma coisa, Ramón - diz ela, lembrando que nessas horas é melhor não discutir nem discordar. - Se eu for com você, não haverá volta, certo?

- Até onde eu sei, não há.

- E provavelmente vamos para muitos anos no futuro.

- Exato. - Ele morde o lábio inferior, preocupado. - Está com medo?

- Estou.

- Eu também.

Mas ele abre um sorriso de orelha a orelha. Estende a mão para Renata. Ela aceita.

Caminham durante horas, quase em absoluto silêncio. Descem a Rua Humaitá na direção do Jardim Botânico,

percorrem as ruas transversais à Lagoa, esperando que algo aconteça. Ramón consulta sem parar o relógio. Propõe para Renata irem ao Parque Lage, mas ela recusa. O Parque tem estado abandonado ultimamente, e ela não quer ficar sozinha com Ramón. Compaixão tem limite.

E paciência também. Ao final da tarde, voltando ao Humaitá, quem consulta o relógio é Renata. Maurício já deve estar puto com ela. Eles haviam combinado ir ao cinema e depois a um bar com amigos. Ela quer ajudar Ramón, mas não quer arriscar um segundo noivado por causa dele.

- Vamos ter que deixar isso para outro dia - ela diz com suavidade, tentando tranquilizá-lo.

- Não, Renata, não dá - ele argumenta, a voz cansada porém firme. - Meu prazo está se esgotando. Eu posso ir a qualquer momento.

- Não, digo eu - ela diz, soltando a mão dele.

- Como? - pergunta.

- Ramón, não vou ficar pra cima e pra baixo com você todo dia pra tentar provar uma coisa impossível. O que houve com você nesses últimos anos? A quem você está querendo enganar?

- Renata, pelo amor de Deus - ele diz, a voz embargada. - Não desiste. Fica comigo mais um pouco, eu vou te provar tudo.

- Não! - ela quase grita, mas já é o suficiente para chamar a atenção de todo mundo ao redor. Não é muita gente, mas as poucas pessoas que passam pelo Largo dos Leões viram a cabeça para ver o barraco. - Por favor, Ramón, me deixa. Eu estou noiva, e não quero perder esse casamento por sua causa. - Ela sobe pela Alfredo Chaves, confusa, envergonhada, cansada. Ouve os gritos de Ramón, esganiçados, nervosos. Penalizada, ela se vira uma vez para vê-lo.

E quase não há tempo.

No exato instante em que Renata bate os olhos na figura ofegante de Ramón, ela passa imediatamente a crer em tudo o que lhe foi dito pelo noivo fugitivo. Porque é como se o espaço à frente de Ramón se dobrasse como um origami, se amassasse como uma folha de jornal, e ele fosse sugado para dentro dessa ruptura. Os gritos de Ramón são cortados ao meio, e por um instante Renata pensa tudo: ele morreu, ele foi seqüestrado por discos voadores, ele realmente foi para o futuro, eu enlouqueci.

Renata não desmaia. Não tem a menor vocação para perder os sentidos em situações-limite. Mas gostaria de ter. Porque ela vai passar os próximos dias sem dormir, e seu sono nunca mais será o mesmo.

1996

O murmúrio no interior da sala de aula já virou um burburinho a essa altura. Renata volta com um copinho de café numa das mãos e um cigarro aceso noutra, o terceiro desde o começo da aula, há vinte minutos. Renata não consegue ficar na sala por muito tempo. Ser a professora não ajuda em nada, pelo contrário; foi preciso desenvolver um plano de aula que permitisse que ela pudesse entrar e sair sem prejudicar a turma nem fazer com que o dono da faculdade ameaçasse demiti-la.

Renata é um feixe de nervos. Não pára quieta com a cabeça um instante: olha para os lados sem parar, como se estivesse à procura de alguma coisa, ou melhor, como se achasse que algo pulará à sua frente a qualquer momento, vindo do nada. Para Renata, o mundo não é mais o que costumava ser.

Ela retorna à sala.

- Você leram o texto? - ela pergunta da porta mesmo.

Dos vinte e dois alunos, apenas sete respondem que sim. Olhando o livro de Jorge Luís Borges em cima de sua mesa, ela solta o ar ruidosamente pela boca, mais cansada que desapontada. Quando Renata começou a lecionar, seu entusiasmo era tão grande que ela fazia de tudo para conseguir que os alunos lessem e discutissem o texto. Hoje ela percebe que todo esse esforço foi em vão.

Como tudo em sua vida, aliás. A única coisa que Renata conseguiu completar na vida foi a faculdade de Comunicação. A mulher magra e nervosa que entra ligeira no carro também não pára quieta em relacionamentos. O segundo noivado não resistiu às crises sucessivas de Renata em janeiro de 1986. Ninguém entendeu por quê, e Renata precisou se refugiar na casa de uma amiga no interior do estado para que os pais não a internassem num sanatório.

Hoje Renata mora só. Ela e Deus, dizem uns. Mas para ela este último inquilino sumiu há muito tempo.

Ela vira a chave e o motor pega. Do lado de fora, a garoa que cai firme reduz sua visibilidade. Um homem passa apressado por trás do carro. Assustada, ela confere as janelas do carro: todas fechadas. Pisa no acelerador.

E então o rosto do homem se nivela com o vidro do lado do carona.

- Renata, pelo amor de Deus - pede Ramón.

Ela freia. Não tem outra alternativa: seu corpo treme da cabeça aos pés. Não consegue respirar; abre de sopetão a porta do carro e salta. A chuva que cai no seu rosto é a prova de que o que restou de sua sanidade ainda está no lugar.

Ramón corre para Renata. Ela abre os braços. O abraço é como um choque elétrico.

- Meu Deus, meu Deus - ele diz, a cara enterrada no ombro dela. - Como as coisas mudaram!

- Você já sabe... - ela começa.

- Não, não! - ele quase grita na cara dela. Seu rosto dói. - Não me conte nada! Vim direto. - E, como se lembrasse de seguir um manual de etiqueta: - Mas soube dos seus pais. Sinto muito.

- Você está bem? Chegou quando?

- Há duas horas. Foi o tempo de descobrir onde você estava.

- Você veio direto? - ela pergunta, mas antes da resposta ela olha melhor as roupas dele: são as mesmas daquela tarde no Humaitá há dez anos.

- Renata, eu não agüento mais - ele diz, ameaçando chorar. - Me ajuda, pelo amor de Deus!

Renata chora sem parar. Como se tivesse vivido todos esses últimos anos integralmente, sem parar, Ramón se deixa vencer pelo cansaço. Desaba no chão.

- Me dê a mão, Renata - Ramón implora, a voz num fiapo.

As pernas de Renata tremem. O rapaz sentado no chão ao seu lado subitamente parece ser mais velho que ela, e Renata aparenta bem mais que os seus trinta e nove anos.

Renata estende a mão.

- Vamos - ela diz baixinho.

?

À primeira vista, nada mudou. O ponto de transição, como Ramón lhe explicou, é o mesmo: o deslocamento não ocorre no espaço. Para Renata, não ocorreu absolutamente nada.

- O que você sentiu no instante em que sumiu na minha frente? - é a primeira coisa que lhe ocorre dizer.

- Nada - responde Ramón, olhando para os lados. - Num instante você estava lá, olhando para mim assustada, e no outro não estava.

- E o que vamos fazer agora? - pergunta Renata.

- Saber quando estamos - ele responde.

Então Renata também começa a olhar ao seu redor. As cores das casas estão diferentes: estão mais alegres, mais berrantes, mais díspares, como bandeirinhas de Volpi. O futuro parece bom, ela pensa.

Ao descerem a rua, não mudou muita coisa. Um colégio que antes estava perto da praça agora virou um canteiro de obras; os operários ainda continuam trabalhando da mesma forma.

De mãos dadas, eles chegam a uma banca de jornais. A banca é maior, maior que os “aquários” de 96; é quase uma drugstore, mas nada que assuste.

Eles entram. Os jornais continuam de papel, e as revistas atulham todo o espaço, agora também com vários notebooks espalhados pela banca, exibindo jornais multimídia.

Renata está fascinada. Tão fascinada que nem percebe o bando que entra logo em seguida e assalta a jornaleira. Mas o estrondo dos tiros ainda é o mesmo.

Todos gritam e se atiram ao chão. Renata faz o mesmo, e bate com o nariz em alguma coisa metálica. Por um momento sua mente desorientada pensa que foi um tiro, e que ela vai morrer. Mas nada acontece. Os gritos e as pessoas se levantando avisam para Renata que os ladrões já foram embora. A jornaleira diz a um policial alguma coisa sobre refugiados bósnios.

E então Renata vê Ramón. Caído no chão, uma mancha de sangue começando a se espalhar pelas costas da blusa branca. Imóvel.

O último grito é dela.

? + 10

O murmúrio nas ruas já virou um burburinho a esta altura. Nas ruas, as pessoas andam de um lado para o outro, cabeças baixas na chuva. Entre elas, uma mulher anda para um lado, para o outro, em círculos, ziguezague; às vezes corre, às vezes pára. Ninguém mais olha para ela; todos já estão acostumados, ela está aí há anos, não faz mal a ninguém. Às vezes ela fala para o vento, outras solta um grito angustiada, mas o conteúdo é sempre o mesmo: ela chama um nome com o qual há muitos anos ninguém mais é batizado. Vive no passado, coitada, dizem os passantes.



Ficção

Uma empolgante ficção científica espacial em uma intrincada trama política que pode levar a Terra à guerra interestelar. E em meio a isso Anton Quayle é o emissário que vaga pelos insondáveis descaminhos do Tempo. Carlos Orsi Martinho inova em suas temáticas neo-lovecraftianas e escreve uma história surpreendente, mostrando a versatilidade de seu talento.

O DESTINO E SEU SACERDOTE

por Carlos Orsi Martinho

Olhe bem para este homem. Há vinte anos, ele partiu numa longa viagem, acreditando que aquele seria o momento culminante de sua vida. Há vinte anos ele retornou de uma longa viagem, sabendo que sua vida estava apenas começando. Hoje, no entanto, ele novamente acredita estar no ápice; na verdade, hoje ele não tem escolha.

Este homem se chama Anton Quayle; e este é um nome que (o homem brinca com o pensamento), em milhares de línguas, em centenas de mundos, em bilhões de almas, se faz preceder de títulos como Mestre, Pontífice, Sacerdote, Santo. Na verdade, o único título que o homem aprecia é o primeiro de todos, aquele que lhe deu autoridade para ostentar todos os outros e que, paradoxalmente, quase não é mais usado: Anton Quayle gostaria de ter sido sempre chamado de Viajante. Viajante do Tempo.

Agora, enquanto se prepara para envergar a batina muito branca e partir em procissão pelas ruas de Nova Roma (“atravessei o Rubicon, afinal de contas”, ele pensa, ainda brincando), Anton Quayle se lembra da viagem, nunca repetida, que o levou a vislumbrar o futuro e sua responsabilidade nele (“uma responsabilidade que acaba hoje” — ele sorri). Às vezes o lógico, o matemático soterrado sob as delgadas, porém numerosas, camadas de fé no cérebro de Quayle vem à tona e pergunta: “e se você não tivesse viajado?” A resposta, sempre a mesma, é boa o suficiente para apaziguar o espírito cético: “a viagem no tempo faz parte da História; um homem que volta ao passado e mata outro homem está, na verdade, apenas cumprindo o Plano Cósmico: a História teria sido alterada apenas se o homem não voltasse no tempo, e se sua vítima sobrevivesse”.

É essa visão da História e do Tempo que deu a Quayle o poder espiritual sobre os povos dos mundos coloniais; isso e a afirmação de que o Plano Cósmico para o futuro da galáxia prevê um poderoso império estelar, construído a partir das colônias — império do qual a Terra e sua orgulhosa capital, Nova Roma, serão apenas províncias tributárias.

A idéia predominante, nos dias atuais, é de que Quayle começou sua pregação assim que saiu da cápsula experimental — que nunca mais seria ativada. E foi mais ou menos isso que aconteceu; na verdade, Anton esperou apenas o tempo necessário para poder sair da Universidade. Previsivelmente chamado de louco (foi por isso que as pesquisas com tempo cessaram: temia-se que o impacto do deslocamento temporal destruísse a racionalidade do viajante), Quayle, não obstante, viu sua Igreja do Cósmico Projeto crescer rapidamente, angariar fundos e poder. De repente Roma e a Terra não podiam mais ignorar “aquele maluco”, e o “explorador de colonos crédulos” foi convidado para uma visita à capital — com todas as honras e direitos de um chefe de Estado. E como a ICP já tivesse muitos adeptos até mesmo na capital, Anton decidiu sair em procissão pela cidade, para abençoá-la e aos fiéis.

O Pontífice se surpreende com o tremor das próprias mãos, ao ajustar o barrete sobre a cabeça.

— Sim senhor — ele resmunga —, Nova Roma, finalmente. Eu sempre soube que seriam vinte anos, mas...

Um acólito, vestido como um valete de baralho, entra na câmara privativa do Santo.

— Está na hora, Senhor — diz o acólito, um tipo de todo franzino, magro, baixinho. — Eles o esperam.

— Sim, eu sei — Quayle fala essas palavras apenas de si para si; depois sobe o tom e o volume da voz, e fala ao acólito: — Estou a caminho.

Quayle faz os últimos ajustes no barrete e sai da câmara. No corredor, três outros acólitos, carregando lanças cerimoniais, se dispõem ao redor do Pontífice, além de uma pequena multidão de agentes de segurança do governo da Terra. Ao ver os homens do Serviço de Segurança Planetária, Anton Quayle sorri um sorriso amargo.

— Tolos — resmunga.

A entrada (e saída) principal da residência de hóspedes do governo de Nova Roma dá para um amplo lance de escadarias, que desce, ao ar livre, até as calçadas. No pé da escadaria, uma “bolha” — uma esfera blindada e transparente, dotada de sistemas de flutuação, caixas de som, ar condicionado, enfim, tudo de que uma celebridade em passeio por Nova Roma pode precisar, mais segurança — aguardava. Seis passos antes de penetrar na “bolha”, Anton Quayle foi alvejado por um dardo explosivo. Houve pânico na multidão que assistia à saída do líder religioso, e todos ali pareceram muito surpresos e estarecidos com o atentado.

Todos, menos o agonizante Anton Quayle.

Lopes & Farmont é uma das mais prósperas e conceituadas companhias de seguros de toda a Federação. Sua atuação nas colônias — onde a crescente instabilidade social, somada aos constantes atos de pirataria nos astropostos, concorre para manter as seguradoras bem afastadas — é, hoje, vista como exemplo de “arrojo empresarial” e de “coragem em assumir riscos”. Francisco Lopes, presidente-executivo da L&F, não acredita em nenhuma dessas locuções pomposas; mas ele, com certeza, seria o último a admiti-lo em público ... Se bem que, neste instante, o senhor Lopes se sintia bastante tentado a fazê-lo.

Do outro lado da mesa da presidência da L&F, fitando, com um ar de vivo interesse, o sorriso amarelo que enfeita o rosto de Lopes, está Yoram Wajna, um velho militar e um velho político — atualmente, representante da Terra no CSF — Conselho de Segurança da Federação, organismo responsável (“ao menos por enquanto”, pensa Wajna) pela política de defesa conjunta da Terra, dos Mundos Metropolitanos e das Colônias.

Yoram se cansa de observar a expressão facial de Lopes; na verdade, ele imagina que já sabe qual será, a priori, a resposta do presidente da L&F. E decide pressioná-lo.

— O auxílio que lhe pedimos é inestimável — diz Wajna. — Trata-se de uma tarefa colossal.

Lopes está suando nas palmas das mãos, o que costuma ser um mau sinal. Por um momento ele compara as posturas possíveis, e resolve ganhar tempo :

— Ainda não entendi — ele fala pausadamente — por que nenhuma agência oficial ...

— As agências oficiais são todas suspeitas... Ninguém, no CSF, está disposto a confiar no outro... a Polícia colonial desconfia da Polícia Metropolitana e do SSP; o SSP desconfia dos coloniais, e, creio, de si mesmo. Os metropolitanos desconfiam de todo mundo. O único consenso a que conseguimos chegar foi este: contratar os serviços de um investigador independente.

Francisco Lopes achou que era uma boa hora para “indignar-se”:

— Com todo o respeito, general...

— ... coronel...

— ... (que seja!) coronel, a L&F é uma seguradora, não uma agência de detetives. Por que o senhor...

— Vocês não são uma agência de detetives, mas têm a melhor estrutura de investigação, e o melhor quadro de investigadores. Melhores, em muitos aspectos, que o próprio SSP.

— Coronel — (“seja didático e irritante”, planejou Lopes) —, as empresas têm, cada uma, um ramo, uma área de atuação. Nossa estrutura de investigação serve à função primária da firma, que é FAZER SEGUROS. Não teria sentirmos descolarmos o DI...

— DI? Presumo que seja ...

— ... Departamento de Investigação — e com uma pitada de sarcasmo: — Muito perspicaz, coronel. Não teria sentido descolarmos o DI de suas tarefas originais para...

— Senhor Lopes, o CSF, o governo da Terra (na verdade, os três governos da galáxia humana) veio lhe pedir um favor. Estamos prontos a cobrir quaisquer despesas e prejuízos que a investigação da morte do... ahn... Sacerdote Quayle possa lhe trazer. Antes de apresentar uma recusa formal, eu gostaria que o senhor refletisse sobre a supernova política que este crime gerou; os coloniais estão à beira da revolução. E eles farão uma, e bastante sangrenta, se qualquer uma das três forças policiais constituídas assumir o caso. Guerra, senhor Lopes, estamos falando de guerra interestelar, a primeira da História. Eu tive treinamento em tática e estratégia presuntiva do combate interestelar, e lhe digo uma coisa: quando for de verdade, não vai ser nada bonito. Nada mesmo.

Lopes abriu a boca para dizer que aquilo era um absurdo — que Yoram estava exagerando, guerra, ora bolas, que asneira — quando um calafrio lhe percorreu a espinha; uma pequena tempestade de sinapses deu a Francisco Lopes a certeza desconfortável, absoluta, de que a guerra realmente estava na esquina.

— Certo, coronel — Lopes disse, subitamente sombrio. — O DI vai ajudá-lo.

— Ótimo — Yoram Wajna estava satisfeito. — Vamos agora discutir os... os detalhes.

— O senhor mandou me chamar ?

Kurt du Terrail, chefe do DI da Lopes & Farmont, fez com que sua poltrona executasse um súbito giro de noventa graus; esse movimento o colocou bem diante da figura calva e franzina que o observava da porta, com uma expressão de solícita insegurança nos olhos. Du Terrail examinou o pequeno investigador como quem olha para um terno sóbrio e resistente, embora nitidamente mal-cortado; o detetive parado à porta chamava-se Strauss, A. K. Strauss. O “A”, dizia a ficha (que Kurt memorizara horas antes de decidir chamá-lo), era de “Aníbal”. A mesma ficha silenciava sobre o significado do “K”.

— Sim, Strauss, mandei chamá-lo. Sente-se.

Obediente como um autômato, Strauss se sentou. Aníbal K. Strauss nunca se dera muito bem com seres humanos, e sendo uma pessoa de natureza eminentemente pacífica, achava melhor fazer tudo que lhe pediam e

evitar atritos. Seria interessante descobrir se, quando pensava nos “seres humanos”, Strauss incluía a si mesmo na categoria.

Du Terrail pressionou um botão oculto em algum lugar atrás de sua escrivaninha e uma gaveta se abriu com um silvo. Da gaveta ele retirou um trapézio de material dourado, ergueu-o à altura dos olhos de Strauss e se pôs a manipulá-lo com a mão direita, executando pequenos malabarismos por entre os dedos.

— Sua ficha é muito boa, Strauss — disse Kurt, dando a entender que seu pequeno brinquedo de cores metálicas era a ficha do investigador. — Embora você nunca tenha feito uma investigação de campo.

— Costumam dizer que eu sou muito bom na análise de provas e no serviço de laboratório — respondeu Strauss, sem falsa modéstia; na verdade, sem modéstia alguma. — Por isso, não me colocam em entrevistas e caçadas. Fico apenas na cobertura... apoio logístico, como chamam — Strauss lançou um olhar preocupado para a ficha que saltava entre os dedos anular e médio da mão do chefe do DI. — Mas o senhor com certeza sabe disso.

Du Terrail parou de brincar com a ficha. Na verdade, o fez com um gesto tão brusco que quase assustou Strauss.

— Eu já sabia — concordou Kurt —, mas gostei de ouvi-lo falar de suas funções. É importante confrontar o que as pessoas pensam que fazem com aquilo que a companhia pensa que elas deveriam fazer. — Nesta altura, du Terrail ergueu um pouco o canto esquerdo da boca, num simulacro de sorriso casual. — Mas não foi por isso que o chamei aqui. Strauss, vou encarregá-lo de um caso... não apenas do apoio logístico, mas do caso inteiro. Não se trata de um caso comum; é um trabalho sob encomenda para suas... habilidades.

Aníbal Strauss estava levemente desnordeado. Encarregado de um caso inteiro! Isso significava...

— ...significa que terei de... encontrar o responsável? Detê-lo, interrogá-lo?

— Na verdade, não. O responsável já foi encontrado, e a detenção e o interrogatório ficarão por conta das autoridades. O que você deve fazer é descobrir como foi feito e encontrar provas. Nada além de suas capacidades.

Strauss balançou, imperceptivelmente, a cabeça. Alguma coisa estava errada.

— As autoridades? Estamos colaborando com o SSP?

Lenta e pacientemente, Kurt du Terrail explicou a seu subordinado a grande maioria dos fatos expostos pelo coronel Yoram Wajna a Francisco Lopes. E, ao final da explicação, incluiu as seguintes informações:

— O fato é que o SSP já tem o nome do autor do crime... Os agentes do serviço rastrearam o dardo até um prédio próximo, descobriram quem ocupava o prédio no dia e hora do atentado e tudo mais. Só que os dados do SSP não serão aceitos... politicamente. Seu serviço é checar esses dados, e confirmá-los, e, para o público, você é que terá desvendado o assassinato de Anton Quayle.

Aquilo definitivamente não cheirava bem. Nada bem. Mas Strauss continuou firme em sua política de evitar atritos, e perguntou:

— Os dados do SSP serão fornecidos, suponho.

— Claro. — Kurt olhou para o relógio. — Já devem estar no seu terminal.

— E quem é o nosso homem?

— Olhe.

A escrivaninha de du Terrail escureceu até um negrume absoluto, e depois bruxuleou uma tênue névoa azul, no ar sobre o tampo, onde a imagem tridimensional do rosto de um homem se formava. No plano lustroso do tampo da mesa, letras de luz azul informavam que aquele rosto (o restante da cabeça ia se materializando aos poucos) pertencia a Tales Woo, ex-secretário de Anton, demitido, havia quatro meses, por desviar recursos da igreja.

— Este é o homem que estava na torre certa, no ângulo certo, no instante exato — disse Kurt du Terrail a um compenetrado A. K. Strauss.

Assim que Strauss saiu de sua sala, du Terrail inseriu o pequeno trapézio dourado numa ranhura do canto esquerdo da escrivaninha e, pressionando teclas luminosas que surgiam e desapareciam, em estranho ritmo, na superfície do móvel, o chefe do DI começou a selecionar e a reler parágrafos, frases isoladas, às vezes tópicos inteiros da ficha de A. K. Strauss.

A princípio, essa releitura era quase aleatória, as palavras fluindo diante de olhos que pareciam sem comunicação com o cérebro. Aos poucos, no entanto, Kurt du Terrail começou a buscar, especificamente, os mesmos tópicos que o haviam levado, dias atrás, a se decidir por Strauss para o trabalho no caso Quayle.

Eram todos tópicos referentes à extrema competência profissional de Strauss como perito em investigação e analista de provas, bem como à inabalável lealdade de Strauss à companhia.

O capítulo sobre “vida privada” era quase uma tela em branco. Não havia ali nenhuma informação sobre Strauss que não estivesse escrupulosamente ligada ao seu trabalho. O máximo que se dizia sobre a vida de Aníbal Strauss antes de seu ingresso na L&F era que ele havia recebido um título de doutor em geometria descritiva. Nada mais.

— Este é um homem que sabe se esconder — pensou Terrail. — Uma presença física insignificante, persona-

lidade apagada, ficha privada em branco... Um homem que não quer ser incomodado.

Du Terrail se recostou na poltrona, sorrindo. A escolha de Strauss para o serviço o satisfazia, sim, o satisfazia plenamente. Ou o satisfez, até que determinado pensamento lhe cruzou o cérebro : “não quer ser incomodado... talvez seja um homem independente”.

Era uma idéia assustadora. Mas não durou muito.

Aníbal Strauss atravessou o laboratório de testes e entrou rapidamente em sua saleta privativa. Olhou de soslaio para o relógio, e viu que ainda faltavam duas horas para o final do expediente. Com um suspiro de fastio,

Strauss concluiu que ainda havia tempo suficiente para começar a investigação naquele mesmo dia. Assim sendo, pressionou um pequeno botão em seu controle de pulso que emitiu uma leve luz esverdeada em resposta.

— Você tem contato com meu terminal ?

— Sim, senhor. — Respondeu o controle.

— Por favor, copie os arquivos referentes a Anton Quayle.

— Copiando... — uma pausa. — Barra de segurança, senhor.

Strauss sorriu. A barra deveria estar, com certeza, protegendo os dados referentes à perícia realizada pelo SSP. Há anos, no entanto, o pequeno investigador havia colocado uma eficiente gazua em seu controle pessoal. Havia sido exatamente através do controle que Aníbal apagara de sua ficha todos os dados irrelevantes — na sua opinião — para a empresa.

— Sobrepuje — ordenou, com a voz serena.

— Feito.

— Oh, ótimo. — Nesse momento Strauss parou e ficou em silêncio, como se o próximo passo fosse algo muito desagradável. — Quero ver o corpo.

A mente de Aníbal Strauss foi, gentilmente, sugada pelo controle. Dentro daquele diminuto mundo de dados e informações, Strauss se viu parado, frente a frente, com um sujeito nu, de mais ou menos sessenta anos de idade, 1,8 m de altura e 87 quilos de peso.

Aníbal prestou muita atenção em tudo, na altura, na compleição física, na estrutura muscular. Algo na perna esquerda chamou-lhe a atenção.

— Faça-o andar.

O homem nu caminhou ao redor de Strauss, e o detetive não percebeu nada.

— Bem devagar, agora; quadro a quadro.

Havia, realmente, um leve coxear na perna esquerda, que se refletia numa ritmada e imperceptível oscilação da cabeça durante a caminhada.

— O que há com a perna esquerda ? — Strauss perguntou.

— Prótese de última geração. Desregulagem de equilíbrio de 0.000456%.

— Por que a prótese não foi trocada ?

— Desregulagem dentro dos padrões de segurança e conforto mínimos. Tecnicamente falando, 0.000456% de defeito é o mesmo que sem defeito.

Strauss aceitou aquilo passivamente. Pensou um pouco e depois disse :

— Quero ver o corpo tal como chegou ao necrotério, e a arma do crime.

O homem nu desapareceu subitamente, ressurgindo depois dentro de uma batina branca, deitado no ar, com o pescoço praticamente em frangalhos, a cabeça pendurada ao tronco por um filete de pele chamuscada, Flutuando no espaço entre Strauss e o cadáver havia uma seta de meio centímetro de comprimento.

— Segundo os fragmentos encontrados no corpo — disse o controle — a arma do crime foi um dardo explosivo de 7g, disparado possivelmente por uma arma de reação de repulsão eletrostática.

— Ângulo de entrada no pescoço ?

— Dado não-disponível.

— Imensurável ?

— Checando... Informação depende da reconstituição holográfica das camadas de pele, carne e osso laceradas pelo disparo, bem como do cálculo do epicentro da descarga explosiva dentro do corpo da vítima. Cálculos complexos.

— Quanto tempo ?

— Treze horas se eu trabalhar sozinho, quarenta minutos dentro da rede da companhia.

— Por que o SSP não fez estes cálculos?

— Indeterminado.

— Trabalhe sozinho.

Strauss a cada momento gostava menos daquilo. Se a conversa com du Terrail o fizera se sentir desconfortável,

a súbita ausência de informação sobre o ângulo de entrada do dardo era quase uma confissão, por parte do SSP, de que a perícia deles havia sido fraudada. “Eles queriam que eu apenas assinasse uma confirmação do relatório do SSP e pronto. Ninguém esperava que eu realmente viesse trabalhar neste caso.” A. K. Strauss sempre fora um homem pacato, um acadêmico competente, um funcionário esforçado. Suas poucas transgressões — como, por exemplo, equipar seu controle pessoal com uma gazua — haviam sido inocentes e inofensivas. Ele sempre lutara por privacidade e paz, e em troca disso oferecera ao mundo esforço e competência. Era uma espécie de acordo com a vida e com a humanidade em geral : deixem-me em paz e farei o mesmo. Agora, sem que ele pedisse, ou mesmo desejasse, uma prova de fraude policial caía-lhe em mãos.

— Calma, Strauss — ele disse para si mesmo. — Que prova ? Eles apenas estavam com os computadores lotados e não puderam pedir uma conta a mais. Só isso. — mas algo estava errado, Aníbal podia senti-lo. Senão, porque ele colocara a computação do ângulo de entrada fora da rede ? — O único motivo pra manter isso fora da rede é: esconder de Du Terrail e dos outros — Strauss admitiu.

— Cenário. — Ele ordenou ao controle, limpando a mente para continuar no trabalho. “Rotina, enfadonha rotina”, dizia para si mesmo.

De repente, enormes edifícios cercaram Strauss por todos os lados, uma escadaria se desenrolou à sua frente e, sete segundos depois, o detetive estava num surrealisticamente deserto bairro diplomático de Nova Roma. A casa oficial de hóspedes jazia diante de Strauss, e à sua direita estava a “bolha “.

— Trajetória — ordenou Aníbal.

Uma linha vermelha riscou o céu azul, vinda de um apartamento no vigésimo andar de um edifício adjacente, e parando poucos centímetros diante de Strauss. Pouco depois essa linha foi seguida por outra, roxa, e por mais uma, amarela, e assim por diante. No final do processo, Strauss tinha diante de si um multicolorido tronco de cone, com a base maior na janela e a menor, no espaço à sua frente.

— Foram computadas e construídas graficamente todas as trajetórias possíveis entre o apartamento 204 do edifício Beccara e o pescoço da vítima, tal como se encontrava no momento em que foi atingido — informou a voz do controle.

— Por que o apartamento 204 do Beccara ?

— É o local onde Tales Woo se encontrava.

— Vista interna do apartamento.

Strauss foi alçado às alturas, atravessou paredes, vidraças e se viu no apartamento 204, olhando para baixo pela vidraça, para as escadarias da casa de hóspedes. a vidraça estava marcada com uma elipse, a base maior do cone de trajetórias.

— De onde vêm essas posições de tiro ?

— Posições possíveis para Tales Woo, dada a altura e envergadura do suspeito, bem como as condições de mira. Woo poderia ter disparado em pé, sentado numa cadeira ou de joelhos, e em diversos ângulos possíveis. Ele pode ter usado um tripé, ou um túnel magnético de condução de dardo.

— A projeção do túnel não teria sido notada pelos detetores do SSP ?

— Não até ser tarde demais.

— Vista aérea.

Aníbal se viu ascendendo a caminho do espaço, e ao olhar para baixo toda a Nova Roma lhe pareceu uma maquete, com o tronco de cone mais luminoso que os edifícios.

— Rotação de 360°, para a direita. Muuuuito devagar.

A cidade a seus pés girou. uma idéia começou a se formar na mente de Strauss, conforme a posição relativa dos edifícios e suas perspectivas desfilavam abaixo de seu olhar. Não era nada de pensamento concreto, ou mesmo articulável por meio de palavras... por enquanto.

— Acabou o expediente, senhor — avisou o controle.

— Certo — disse Strauss. — Hora de ir pra casa.

A mente de Strauss voltou ao cérebro de Strauss. Que ordenou ao corpo de Strauss que fosse pra casa.

Strauss chegou em casa (apartamento 917, edifício Adriano, zona sudeste de Nova Roma) cerca de três horas depois de ter saído do prédio da L&F. O metrô estivera mais lento que de costume, e, no intervalo de uma baldeação, Aníbal viu-se comprando um jornal na estação.

Há anos que o único noticiário que interessava a Aníbal Strauss eram os boletins do condomínio e algumas esparsas publicações acadêmicas. Strauss só conhecia o nome dos governantes do planeta devido à incômoda insistência com que tais homens se projetavam na mídia.

E agora Aníbal estava lendo jornal.

Era um exemplar do “Metropolitano”, e Strauss virou as páginas sofregamente, até chegar ao noticiário de

política extraplanetária. Os repórteres falavam sobre revoltas, saques, até mesmo suicídios cometidos em público. Tudo nas Colônias.

Com pressa, A. K. Strauss voltou às primeiras páginas do jornal. Aí, em meio ao noticiário da política terrestre, encontrou a reportagem que procurava: “L&F investiga morte de Quayle”.

Uma rápida passada de olhos pela matéria mostrou a Strauss que o público devia estar convencido de que a L&F realmente investigava o crime, e não apenas se punha a corroborar as conclusões do SSP.

O editorial, aliás, deixava bem claro que o “Metropolitano” preferiria fechar a dar crédito ao SSP nesse caso. Sua primeira atitude, antes de entrar, foi atirar o jornal no incinerador público.

A casa de Strauss era um lugar pequeno e abafado. Ali conviviam cadeiras, livros, dúzias de pequenas tralhas microeletrônicas e Kirk (batizado em honra de você-sabe-quem), o off-line de Aníbal.

É de se duvidar que Strauss tivesse algum motivo consciente (e consistente) para manter Kirk desconectado de todas as redes de informação. Sempre que precisava acessar algum arquivo de uma das redes, Aníbal copiava-o com a gazua de seu controle de pulso., era um método demorado, complexo e ilegal. A única vantagem era manter Strauss, ao menos oficialmente, FORA das redes o tempo todo. Um fruto, um possível fruto de sua sanha de paz e privacidade.

Strauss ativou o controle, e Kirk despertou.

— Bem-vindo, senhor — disse a máquina. — o que vai ser hoje ? Uma partida de go tridimensional ?

— Nada tão simples, suponho — ele respondeu, refletindo um pouco. — Quero atualização.

Se estivesse programado para tanto, Kirk teria se surpreendido.

— Qual o tema, senhor ?

— Movimentos político-religiosos nas colônias, contrários ao domínio metropolitano.

— Não disponho de tal informação, senhor.

— Tudo bem. Eu transfiro — disse Aníbal, tirando o controle do pulso e acoplando-o a um modem “envenenado”. — Prepare-se.

A transferência ilegal de arquivo, feita simultaneamente com uma série de manobras de despistamento, leva cerca de quinze minutos; talvez mais, talvez menos, dependendo do tamanho do arquivo. Embora ilegais, o modem “envenenado” e a gazua dificilmente são detetados pela polícia ou pelas redes; primeiro, porque a cópia pirata é um processo muito lento, e entrar pra rede não sai nada caro; segundo, porque é bom estar numa das redes: dentro delas, o paraíso do consumo descobre você.

Em outras palavras, não há motivos pra se usar modem “envenenado” e gazua. E se não há motivo, não há porque suspeitar que alguém esteja fazendo isso.

Assim, Strauss vinha “fazendo isso” há dez anos, mais ou menos, e nunca ninguém o incomodara.

— Informação captada, senhor — avisou Kirk, vinte e sete minutos depois de Strauss dar partida no modem.

— Já posso verbalizar.

Aníbal retirou dois pacotes de leite com laranjas de cima de um divã e recostou-se. Depois falou :

— Pode começar.

Na manhã seguinte, antes mesmo da primeira refeição, A. K. Strauss já se encontrava de novo mergulhado no ciberespaço. Durante a noite ele havia se deparado, segundo suas próprias palavras, com uma “discrepância lógica”. Agora, pela manhã, Strauss buscava testá-la.

O cenário de ciberespaço definido por Strauss para aquele momento era um banquinho rococó no meio de uma praça verdejante, com céu azul e árvores cheias de passarinhos. Tudo muito kitsch, é certo, mas, no ciberespaço, quem ia saber?

Strauss estava sentado no banquinho, e parado em pé, diante de si, encontrava-se a manifestação antropomórfica de Kirk: o próprio William Shatner, tal como constante nos arquivos históricos.

— Kirk — disse Strauss —, se o ângulo de entrada do dardo é desconhecido, como se pode afirmar que ele veio do apartamento 204 do Beccara ?

— Tales Woo estava lá.

— E por que Tales Woo é necessariamente o assassino ?

— Porque a bala veio do apartamento onde ele estava.

Strauss suspirou : — Você obviamente percebe que essa argumentação é um absurdo.

— Sim — respondeu Kirk —, mas esse é o cerne de todo o caso do SSP. Existe uma maquiagem em volta (o fato de Woo ter um motivo, etc.), mas sob o ponto-de-vista lógico, toda a investigação do SSP, bem como suas conclusões, se assentam nesse pequeno... hummm... jogo de ovo-ou-galinha.

— Como a presença de Tales Woo no 204 do Beccara foi estabelecida ?

— O apartamento pertence a ele.

— Só isso?

— Só.

— Suma por um tempo, sim?

William Shatner desvaneceu-se na brisa fresca da praça, e Strauss se pôs a caminhar pela relva, pensativo. “Eles esperavam que eu não notasse? Que eu ignorasse uma inconsistência assim tão gritante?”

Ora, Du Terrail havia lido a ficha... ele sabia que Strauss era um técnico competente, e que com certeza esbarraria em evidências de (agora Aníbal não temia mais usar a palavra) fraude. A única resposta possível era que eles (“estou ficando paranóico”, pensou Strauss, “perseguido por um eles misterioso”) acreditavam que, mesmo diante da evidência, Strauss permanecesse quieto, cordato, passivo. “Confundiram meu amor pela paz com covardia”, concluiu.

Essa conclusão colocou Strauss diante de uma encruzilhada: ele poderia fazer exatamente o que Terrail, a companhia e o SSP queriam; poderia redigir um minucioso laudo técnico apontando todas as fraudes e entregá-lo à L&F juntamente com um pedido de demissão (“quixotesco, amigo, quixotesco”); por fim, A. K. Strauss poderia se embrenhar na investigação, levantar provas mais concretas que uma simples inferência lógica e expor a fraude ao público.

A única saída ao mesmo tempo digna e eficiente era a última, e Strauss não precisou pensar muito para concluir isso. Mas era também a mais arriscada. E o obrigaria a fazer trabalho de campo. “Entrevistas, interrogatórios, falar com muitas pessoas durante muito tempo”. Essa possibilidade causava em Strauss algo próximo à repulsa física.

Mas, no fundo, ele sabia não ter outra escolha.

Estava quase na hora de Strauss ir para o trabalho — e ele já planejava uma forma de despistar du Terrail acerca de suas verdadeiras intenções — quando Kirk estalou um estalo bastante seco e polido (sua forma de chamar atenção) e disse :

— Cálculos referentes ao ângulo de entrada da bala prontos, senhor.

— Tá legal. E de onde veio o tiro?

— Em relação à reta definida pelo alinhamento ideal dos ombros da vítima, e tomando como ângulo zero o segmento que une os ombros ao plano frontal do edifício Beccara...

— Sim?

— $139^{\circ}47'09''$, 1453.

— Quer dizer que a bala veio do outro lado!

— Exato, senhor.

— Kirk, prepare o cenário do crime. Eu vou entrar.

Pela segunda vez em menos de duas horas, A. K. Strauss teve sua essência arrancada de si e docilmente implantada num universo de sinapses inorgânicas, artificiais — universo onde Strauss se sentia muito melhor que naquele outro cheio de carne, sangue e dúvidas.

Assim que abriu os olhos, Strauss se viu novamente aos pés da escadaria da casa de hóspedes.

— Trajetória.

Desta vez apenas uma reta, vermelha, começou no ar diante de Strauss e subiu, agora para o lado oposto ao do cone de trajetórias do dia anterior. A semi-reta cresceu indefinidamente; não havia nenhuma janela ou ponto de tiro naquela direção.

— Foi um veículo que efetuou o tiro, então — concluiu Strauss. — Um flutuador, uma “bolha”, um helicóptero, talvez. Kirk, por favor, passe o filme referente ao assassinato, de $t=-30$ a $t=+5$.

— Certo.

De repente o cenário se encheu de passantes, autoridades, guardas e valetes. No centro de tudo, a poucos centímetros de Strauss, estava um compenetrado Anton Quayle.

— Visão aérea, com magnificação — pediu Strauss, que foi então alçado às alturas; Kirk, no entanto, distorceu de tal forma a perspectiva que Aníbal continuou a ver tudo com os mesmos detalhes de antes, não obstante o maior ângulo de visão e o suposto “aumento de distância”.

— Marque o ponto de tiro.

Um disco alaranjado começou a brilhar no céu, num ponto vazio. Passaram-se os segundos faltantes, Quayle foi atingido, cambaleou, caiu, seu pescoço foi ejetado para fora do corpo com um horrível estampido — e o ponto marcado por Kirk continuava vazio.

— De onde veio o filme? — perguntou Strauss, afoito.

— A fonte é o SSP, senhor. A igreja fez seus próprios vídeos, mas todos centrados demais no Sacerdote... A holovisão dos arredores foi monopolizada pelo Serviço de Segurança Planetária.

— O filme sobre o corpo.. em que você se baseou pra determinar o ângulo. De onde veio?

— Não se tratava de um filme, mas de um fax, escaneado no morgue, separadamente, por cada uma das agências do CSF. Antes de iniciar os cálculos, fiz uma sobreposição dos três; sem discrepâncias.

— Probabilidade de fraude a) no filme do SSP, b) no fax do corpo.

— a) Uma fraude cuidadosa seria virtualmente indetectável. A probabilidade técnica é qualquer uma, de zero a 100%, b) probabilidade zero, a menos que todas as agências envolvidas tenham alterado seus faxes exatamente da mesma forma e no mesmo equipamento.

— Obrigado... agora preciso voltar.

O quadro começava a ficar bastante claro para Strauss, que então olhou para seu mostrador de tempo, no canto superior do controle de pulso.

— Bem, está na hora de ir ao trabalho — disse, de si para si. — Tenha um bom dia, Kirk. Qualquer coisa, entro em contato pelo controle.

— Um bom dia para o senhor, também — respondeu Kirk, com uma afabilidade que nada tinha de mecânica.

— Um bom dia.

Desta vez, o encontro entre A. K. Strauss e Kurt du Terrail ocorreu no refeitório dos executivos, ala leste do majestático edifício da Lopes & Farmont.

No que lhe dizia respeito, Strauss sabia da existência de um refeitório na ala leste assim como sabia também que Plutão tem um satélite natural: era informação correta, curiosa, mas útil apenas como referência. Ao entrar em seu gabinete, no entanto, Aníbal encontrara o terminal de comunicação piscando, com uma mensagem na tela — na verdade, um convite. E como convites feitos pelo chefe (ainda mais, durante o expediente) geralmente soam como ordens, Strauss pegou o monotrilha na estação do DI e desceu na ala leste.

Du Terrail, por sua vez, tinha intenções maquiavélicas (ao menos dentro de sua escala pessoal) ao convidar Strauss para um “pequeno lanche” no refeitório de executivos: Kurt imaginava que, num ambiente mais informal, e ainda por cima explodindo de alegria e gratidão pelo privilégio que lhe era concedido, Strauss forçosamente acabaria se abrindo — se abrindo o suficiente, ao menos, para permitir a du Terrail uma “avaliação psicológica” mais acurada.

O que Kurt obviamente não sabia é que nenhuma ocasião é informal para Strauss, e que o pequeno detetive jamais se abriria com quem quer que fosse; muito menos com o próprio chefe.

Ao entrar no refeitório, Strauss não parecia explodindo de felicidade e gratidão; na verdade, ele não estava explodindo com coisa nenhuma. Havia, é certo, um pequeno ar de deslumbramento em seus olhos, mas aquilo não passava de mera curiosidade.

Du Terrail aguardava já numa mesa, num canto próximo ao bar (a idéia de Kurt era que, se tudo mais falhasse, ainda seria possível embebedar Strauss; infelizmente, ao se sentar, Aníbal pediu uma mineral).

— Bem, como vão as investigações — perguntou um falsamente jovial Kurt.

— Oh, caminham a contento — respondeu Strauss, e depois disso não disse mais nenhuma palavra, nem pra reclamar da mineral falsificada.

Kurt resolveu adotar outra abordagem : — Você viu os jornais de hoje ?

— Confesso que não — novo silêncio.

— Seria bom se você me desse algumas informações sobre... você sabe, pra gente vazar pra imprensa aos poucos e...

— Os dados do SSP estão todos muito corretos — mentiu Strauss — Mas ainda há algumas lacunas...

— Lacunas ?! — du Terrail foi ficando verde, azul e depois amarelo. Strauss por um instante pensou em desenvolver uma teoria psicossomática de pigmentação, mas depois achou que não valeria a pena., — que tipo de... lacunas ?

— Pequenas questões técnicas... nada que interfira nas conclusões gerais, é claro — depois desse “claro”, Kurt voltou a exibir uma tez rosada e saudável —, mas apenas para tornar tudo bem didático pro júri.

— Não interfere nas conclusões gerais, em ?

Por um instante, Strauss se preocupou: “será que ele percebeu...?” Mas, por fim, concluiu que não importava mais.

— No entanto — Strauss falava sem modular a voz, como um robzinho de terceira categoria —, terei de ... ahn... fazer algum trabalho... trabalho de campo... Não poderei vir à firma amanhã e... depois, e depois.

— Três dias?

— Infelizmente, sim. Há algumas medidas que não constam dos arquivos... Vou ter de fazer todo o serviço in loco.

— Certo — Du Terrail assumira um ar patriótico. — Você tem carta branca; mas seja rápido. Rápido e eficiente. A guerra... leia os jornais. A guerra é quase iminente. É por isso que preciso de material para divulgar.

Para acalmar os ânimos.

— Não sei se isso... bem, se a redação for inadequada, os jornalistas podem mexer... diga-lhes que já estamos na pista correta. Que só faltam as provas.

— Tudo bem. E, se você quiser começar seu trabalho de campo agora...

— Obrigado, senhor.

A casa de Francisco Lopes fica, normalmente, a cerca de cinco quilômetros de altitude (em relação ao nível do mar). Esse número pode variar de acordo com as condições atmosféricas e o tráfego aéreo. A localização exata da cidadela Lopes (como é chamada) também varia. Embora Lopes possa, eventualmente, morar sobre essa ou aquela cidade — há defletores de luz na cidadela que impedem de fazer muita sombra —, a maior parte do tempo o presidente-executivo da L&F vive sobre o oceano Pacífico. Este ano, por exemplo, Lopes e um seletivo grupo de convidados passaram o Ano Novo exatamente sobre a linha internacional de mudança de data.

Dizem os colonistas sociais que foi a maior festa dos dois anos; tanto do que partia quanto do que se iniciava.

Esta noite, Kurt du Terrail foi convidado a assistir uma exclusiva versão holográfica de "... E o vento levou", tomar um aperitivo e, eventualmente, falar de negócios.

Du Terrail sabe que, na verdade, eles vão falar de negócios, e eventualmente todo o resto, mas "a hipocrisia é o tributo..." Como é que termina?

A borda sul da plataforma de sustentação da cidadela é toda entrecortada, vazada por reentrâncias retangulares perfeitamente simétricas. Os funcionários responsáveis pela manutenção chamam a borda sul de "engrenagem".

A função da engrenagem é servir de ancoradouro para as naves dos visitantes; agora, apenas um dos dentes da engrenagem se encontra cheio. Ali Kurt du Terrail, chefe do DI, está sendo recebido.

Du Terrail se espanta: todo o serviço de criadagem é feito por seres humanos assalariados, não por robôs.

— O senhor Lopes o aguarda, senhor. Queira me seguir — disse uma mulher já meio idosa, vestida com sóbria dignidade, que apontava para um monotrilha.

"O filho-da-puta tem monotrilha em casa", pensou du Terrail. "Em casa!"

A viagem de monotrilha foi bem longa, e Kurt não sabia dizer se a cidadela era realmente tão grande — ou se havia uma política de "dar voltas" para impressionar visitantes. Estranhamente, velhos clichês marxistas, do tempo da faculdade de Psico-História, encheram-lhe a mente. "Filho-da-puta, foi com o meu trabalho que ele fez isso". Não havia, no entanto, nenhuma indignação social, nenhuma sede de justiça; du Terrail estava apenas dando estofado acadêmico à sua inveja.

Finalmente chegaram. O monotrilha parou diante de uma varanda de mármore, que dava para amplas portas de vidro que, por sua vez, serviam de acesso a uma sala com um bar de carvalho e muitas plantas pelas paredes.

— Não fique olhando aí com essa cara de palerma, Kurt — disse Francisco Lopes, saindo à varanda. — Vamos, entre. Tome um drinque. Precisamos conversar.

Du Terrail saiu do pequeno carro em silêncio, caminhou em silêncio até o bar e, em silêncio, serviu-se de conhaque arturiano.

— Ah, Arturo — suspirou Francisco. — Uma colônia de grande potencial. Temos muitos negócios lá, sabia? Apesar dos piratas.

— O DI já debelou pelo menos sete quadrilhas diferentes, só no Sistema Arturiano — disse du Terrail, falando pela primeira vez.

— Reconheço o excelente trabalho de seu departamento, Kurt. E é exatamente sobre isso que quero falar: aquele sujeito, Strauss. O que sabe ele ?

— Sabe tudo — admitiu du Terrail. — ele analisou a perícia do SSP e encontrou todos os furos, todas as fraudes.

— Ele disse isso a você ?

— Não. Mas ele é o melhor do DI. E até um estagiário conseguiria encontrar aquelas falhas. É por isso que somos os melhores da galáxia humana.

Havia algo enigmático nos olhos de Lopes; algo apertado ali, talvez ódio, talvez pena. Fosse o que fosse, desapareceu completamente assim que Francisco recomeçou a falar:

— Era claro... não claro, era provável — ele sorriu ao encontrar a palavra certa — que as evidências de fraude fossem descobertas; a questão aqui é: o que Strauss vai fazer com elas ?

— Esse foi o ponto mais difícil... partindo do princípio que a fraude seria descoberta por nossos técnicos, nós... eu... teria de dar a missão pra alguém que fosse 100% leal à empresa; alguém que veria vermelho onde

disséssemos “vermelho”, independentemente da cor real. Alguém que fizesse vistas grossas e assinasse o laudo comprobatório.

— E agora você não sabe se Strauss é mesmo esse homem ?

— Bem, eu... Strauss tinha a melhor ficha de serviço: ele jamais tentou chantagear um cliente, ou usar os dados das perícias em proveito próprio, essas coisas que investigadores vivem fazendo e que temos de tolerar. Por outro lado, sua ficha psicológica, e a pessoal, praticamente inexistem. Achei...

— Achou que ele fosse um fraco, um homem sem personalidade. É isso ?

— S...sim.

— Mas agora esse “fraco” pediu três dias de licença pra fazer um trabalho de campo; para... “suprir lacunas”, foi esse o termo?

— Foi.

Ficaram em silêncio. Kurt bebericou seu conhaque arturiano.

— Sabe qual o problema do nosso tempo ? — perguntou Lopes, de súbito.

— Não... não, senhor.

— Caráter. Ninguém mais tem caráter. Ou melhor, tão poucas pessoas o têm, que quando a gente acha uma fica difícil reconhecê-la. Alguém que não se aproveita do cargo para enriquecer ou para fazer chantagem é um fraco, certo, Kurt? Um imbecil incapaz de ter idéias próprias? Um autômato programável? Kurt, não lhe ocorreu que esse Strauss talvez fosse um putu dum **HOMEM DE CARÁTER**?

— Mas... a licença, ele a pediu...

— Para “tornar tudo mais didático para o júri”. Meu Deus, Kurt, a assinatura de um técnico da L&F no laudo de acusação seria suficiente pra derrubar até o maldito presidente da Federação. Por que ele poderia querer mais dados?

— Também achei estranho — disse du Terrail, incisivo. — Por isso lhe apresentei um relatório, e pedi para vê-lo, senhor.

Lopes riu, baixinho: — Foi uma coisa certa que você fez, Kurt. A galáxia à beira de um banho de sangue sem precedentes e meu principal executivo acerta uma decisão na semana inteira. Bem, para nossa sorte, Kurt, homens de caráter também cometem erros; o senhor Strauss já fez o dele.

— Qual ?

Lopes pressionou um botão sobre o tampo do bar, e um painel de samambaias deslizou, suavemente, para o lado. Detrás dele, saiu um homem de cerca de quarenta anos, cabeça totalmente raspada, exceto no queixo, de onde saía uma barbicha razoavelmente longa. O homem tinha olhos semi-amendoados; era, com certeza, descendente de algum grupo asiático — mongol ou chinês.

— Esta tarde, após sair do edifício da companhia — disse Lopes —, Strauss foi ao edifício Beccara, apartamento 204. Sua intenção era avisar o ocupante do imóvel de que... Oh, mas sou indelicado... senhor du Terrail, apresento-lhe o senhor Tales Woo.

— Incrível — Tales Woo não conseguiu tirar os olhos da plataforma holográfica. — Simplesmente inacreditável.

O apartamento 204 do edifício Beccara continha duas salas, uma cozinha, quarto e banheiro. Em uma das salas, Woo costumava receber suas (poucas) visitas; na outra, o homem de cabeça raspada mantinha um verdadeiro paraíso da pirataria informática. Tales chamava aquele aposento de “central”. Naquele instante, na central, Tales Woo analisava as provas que um estranho homenzinho lhe havia entregue. O próprio homenzinho ainda se encontrava ali, em meio a todo aquele equipamento.

— Eles armaram tudo pra me foder legal — Woo falava apenas para si mesmo. Primeiro, porque pronunciava suas deselegantes interjeições num volume de voz muito baixo; segundo, porque o homenzinho estava como que em transe, absorto pela complexidade e sofisticação dos aparelhos que recobriam cada uma das paredes da central.

Subitamente, Woo desligou a tela que alimentava a plataforma holográfica, e a sala ficou às escuras. Por vários instantes, até que as luzes ambientais se acendessem, tudo foi treva e silêncio. “Bastante parecido com minha situação”, considerou Tales.

— E então — perguntou Woo a um Strauss ainda bastante distraído —, que podemos fazer a respeito?

— Na verdade, a princípio, eu não tinha idéia — respondeu Strauss, voltando rapidamente de seus devaneios —, mas agora... foi com este equipamento que você desviou os fundos da ICP, não? — perguntou o pequeno detetive, fazendo com as mãos um gesto que abrangia toda a central.

— Foi — respondeu Tales, sem demonstrar vergonha de seus crimes passados. — Por quê ?

— Bom, eu tenho alguma experiência com gazuas e... nada além de roubar informação das redes públicas, ou invadir sistemas velhos conhecidos... e pensei que, com seu equipamento, talvez desse pra entrar no arquivo

secreto do SSP e resgatar o filme original... aquele que mostra o verdadeiro assassino atirando do verdadeiro ângulo. O que me diz?

Woo nunca havia sido um homem de grande imaginação; na verdade, a maioria de suas idéias vinha a partir de idéias dos outros, que ele pegava e adaptava às necessidades do momento. Tales Woo vivia de fazer paráfrases de planos alheios. Naquele instante, o processo de livre-associação que costumava dar forma às idéias de segunda mão de Tales Woo começava a fervilhar em atividade.

Mais do que considerar a própria vida, Tales Woo principiava a vislumbrar a extensa rede de interesses que permeava aquela tentativa de incriminá-lo. “No mínimo, o governo e a L&F estão juntos nisso”, ele pensou, com o pensamento adicional de que, onde há grandes interesses envolvidos em grandes jogadas, há também possibilidade de grandes chantagens.

Essa cadeia de raciocínio agradou sobremaneira a Woo. Agradou tanto que Tales resolveu guardá-la inteira, cada premissa e conclusão, num canto bastante especial de sua mente.

Isso tudo o ocorreu a Woo de uma maneira bastante súbita, de forma que entre a pergunta de Strauss que detonara todo o processo e a resposta de Tales:

— É uma idéia excelente. Creio que posso começar o ataque à segurança do SSP agora mesmo...

Não decorreram mais que sete décimos de segundo.

— Ótimo — disse Strauss —, ótimo. Agora, senhor Woo, o caso está em suas mãos... o que é mais que justo, uma vez que o senhor é a parte mais afetada por toda essa fraude. Eu gostaria, no entanto, de participar do processo até o fim... de ajudá-lo onde fosse necessário, e de acompanhar suas decisões. Quando o senhor espera ter uma cópia da fita com a verdadeira cena do assassinato ?

— Eu gostaria muito — os olhos de Woo brilharam de uma forma baça, quase reptiliana — que o senhor acompanhasse isso até o fim, senhor Strauss. Amanhã... aqui, neste mesmo horário, seria possível...?

Strauss sorriu: — Perfeito.

Despediram-se cordialmente, Strauss da maneira habitual, Woo com uma cordialidade estudada e cheia de pressa. Uma vez sozinho, Tales Woo pôs seu sofisticado equipamento de pirataria de dados para trabalhar. Mas não para invadir o SSP; apenas e tão somente para levantar o número do telefone particular de Francisco Lopes.

Aníbal Strauss estava preocupado. Agora, enquanto caminhava da estação do metrô até o edifício Beccara, dúvidas começavam a pipocar sobre toda a superfície de seu cérebro, como aves travessas lutando entre canyons e ravinas cinzentas.

O problema era, obviamente, a guerra.

Seus recentes estudos de política, mais a leitura atenta dos jornais, haviam deixado bem claro que, se a Terra fosse responsável pela morte de Quayle, um conflito de proporções inimagináveis se espalharia por toda a galáxia conhecida.

E Strauss tinha certeza de que a Terra era culpada pela morte de Quayle. À noite, enquanto não conseguia pegar no sono, Strauss passava por colossais acessos de ira, sempre imaginando estrategistas dentro de uniformes reluzentes, alguns bonachões, outros elétricos e aquilinos, dizendo sempre e sempre:

— Ninguém nos considerará estúpidos o suficiente para cometer o crime, portanto devemos cometê-lo; nossa crueldade é nosso alibi, nossa hipocrisia é nossa impunidade; o amor pela paz, o desejo de paz é nossa impunidade.

”O amor pela paz é nossa impunidade”. Essa frase martelava a cabeça de Aníbal Strauss; em termos ideais, Strauss sabia que Woo deveria ser inocentado, e que o verdadeiro assassino teria de pagar...

Mas e a guerra?

Ao descer do elevador no vigésimo andar, Strauss ainda não sabia como conduzir o caso. Ele só havia ido até ali para impedir que Tales Woo fizesse alguma bobagem, uma exibição pública das provas de fraude ou coisa assim. Só que... impedida a “bobagem”, o que restaria fazer?

A porta do apartamento de Woo estava apenas encostada. Strauss abriu-a com um pequeno empurrão da mão esquerda e entrou, encostando a porta no umbral após passar.

O apartamento 204 estava vazio. Na central, porém, havia uma luz vermelha piscando intermitentemente.

Strauss aproximou-se e viu que a fonte de luz era um botão na base da plataforma holográfica. Imaginando que aquilo talvez fosse um recado de Woo, Strauss apertou-o.

Sobre a plataforma surgiu um rosto feminino, de contornos bastante suaves e caracterização extremamente fria — como que para reforçar a idéia de artificialidade. Com uma voz musical, quase hipnótica, a cabeça falou:

— Senhor Strauss?

— Tales Woo pede desculpas, mas teve de se ausentar por alguns minutos. Existe, no entanto, uma mensagem para o senhor... aguarde, por favor, enquanto procuro recuperá-la.

— Sem problemas — disse Strauss, mas ele estava mentindo. Havia algum problema, sim. Isso era óbvio. Mas onde...

Sua mente turvou-se de repente, e, ao som de uma voz muito musical, Aníbal K. Strauss perdeu os sentidos.

Comenta-se aos sussurros que Catarina casou-se com Francisco Lopes apenas por dinheiro. O engraçado nessa história toda é que ninguém jamais precisaria sussurrar algo assim. Seria suficiente perguntar, de maneira casual, polida e direta à própria sra. Lopes para obter uma confirmação bastante positiva:

— Sim, casei-me por dinheiro. Não é maravilhoso?

Que não se diga, no entanto, que Catarina Lopes não faz por merecer cada centavo do que gasta. Sua obediência ao marido é total, seus esforços em manter-se sempre atraente têm dado excelentes resultados e todos os seus casos com outros homens são sempre muito discretos. A bem da verdade, quem exigiu cláusula de monogamia e monoandria no contrato de casamento foi, veja só, ela própria.

Esta noite, por exemplo; esta noite o casal Lopes está oferecendo uma festa. Catarina sequer desconfia o que o marido pode estar comemorando, e também não se importa. A festa foi impecavelmente organizada, e Catarina caminha entre os convidados esbanjando o melhor de suas curvas e de seus sorrisos. Há quinze minutos, quando Lopes e dois de seus convidados se trancaram no gabinete privativo, Catarina nada perguntou. Apenas redobrou seus esforços em sorrisos, curvas e comentários picantes, de maneira que a ausência do anfitrião não fosse notada.

No gabinete privativo, Francisco Lopes, Yoram Wajna e Kurt du Terrail estouraram uma garrafa de champanhe.

— É francês — diz Lopes,. — Ninguém tem uvas como a velha Europa.

— Concordo — diz Wajna.

— Concordo — ressoa Kurt.

— Onde está o nosso assassino? — pergunta du Terrail. — Bebamos a ele!

— Um brinde a Tales Woo.

— A Woo!

Copos tilintam no ar e homens satisfeitos molham suas gargantas.

— Realmente — diz Lopes. — O que aconteceu a Woo?

— Ele está sendo procurado, claro — respondeu um sorridente Wajna. — Pelas mortes de Anton Quayle e de nosso destemido detetive. Pena que ninguém jamais venha a encontrá-lo.

— Como ele se chama, agora?

— Não sei. Nem como se chama, nem onde vive, nem com o quê se parece. Só sei que o canalha está muito rico.

Todos riem um pouco, falam um pouco e bebem muito. E por que não? Afinal, os amigos estão bem, os inimigos estão mortos, a paz foi preservada.

— Tudo está bem quando acaba bem — diz um du Terrail bêbado.

— Acaba? — Lopes balança a cabeça, adernando-a como um navio em águas revoltas. — Não, não acaba. Ainda falta: quem, cacete, quem afinal de contas matou Quayle? De verdade? Foi o Serviço? Quem do Serviço?

De repente o gabinete ficou quieto como uma tumba. Então Wajna ergueu um olho sombrio e disse:

— Fui eu.

O lugar continuou quieto por mais alguns instantes. Então du Terrail estourou outra champanhe e eles recommçaram a festejar.

Quando Strauss acordou, ainda estava escuro. Ele esperou por muito tempo, e tudo continuou escuro. Pensou em chamar por Kirk, mas bateu o pulso esquerdo e o controle não estava lá.

Strauss estava no chão. O chão era frio e bastante liso, e Strauss achava que era a única coisa sobre o chão. Tudo continuava escuro, mas Strauss tinha paciência. E esperava.

Esperava o quê? Era impossível dizer. Talvez ele esperasse que as luzes se acendessem e que algum vilão de túnica negra surgisse e lhe explicasse, entre gargalhadas, os detalhes de um plano qualquer de conquista da galáxia.

Mas as luzes não se acenderam, e nenhum vilão veio. Strauss começava a sentir fome, e o frio do chão penetrava-lhe até os ossos. Com o tempo, Aníbal sondou sua prisão: ao que tudo indicava, era uma estrutura metálica, talvez um cubo, de cerca de quatro metros de aresta. havia um suprimento de ar constante (embora ele não conseguisse descobrir de onde vinha) e a gravidade funcionava sempre em relação ao mesmo plano.

Um dia, no meio do sono — Aníbal dormia muito lá dentro —, uma luz muito branca e um pequeno estrondo

quebraram a monotonia da cela. Strauss olhou assustado para o ponto de onde a iluminação e o barulho vinham. Ali, em pé, vestindo um estranho traje, havia um homem.

A aparição tinha cerca de quarenta anos. Sua roupa era uma espécie de armadura, o capacete permitia uma boa visão do rosto. Embora a luz branca tivesse diminuído bastante de intensidade, o corpo do estranho ainda irradiava uma certa luminescência.

— Strauss? — perguntou o visitante, afoito. — A. K. Strauss?

— Sim — Strauss falava devagar, tentando entender o que se passava. — Quem... quem é você? O que está...?

— Meu nome é Anton Quayle — disse o visitante. — Se os outros trechos de minha viagem estiverem corretos, fui assassinado há duas semanas.

— An... assa... — um sentido absurdo começava a se formar na mente de Strauss — então sua viagem...

— Escute, homem, não tenho muito tempo. Ouça, preste atenção. Dentro de algumas horas, um grupo de homens da igreja, liderados por Tales Woo, virão libertá-lo. Você deve liderá-los, entendeu bem? Você deve lançá-los na guerra, unificar as colônias, esmagar a galáxia, tornar-se imperador. Esse é o seu destino. Eu vi o futuro antes de vir para cá. Eu vi meu assassinato e entendi que ele era necessário. Vi as duas traições de Woo, e seu duplo arrependimento. Vi um homem chamado Strauss no trono. Você entende?

— A... acho que...

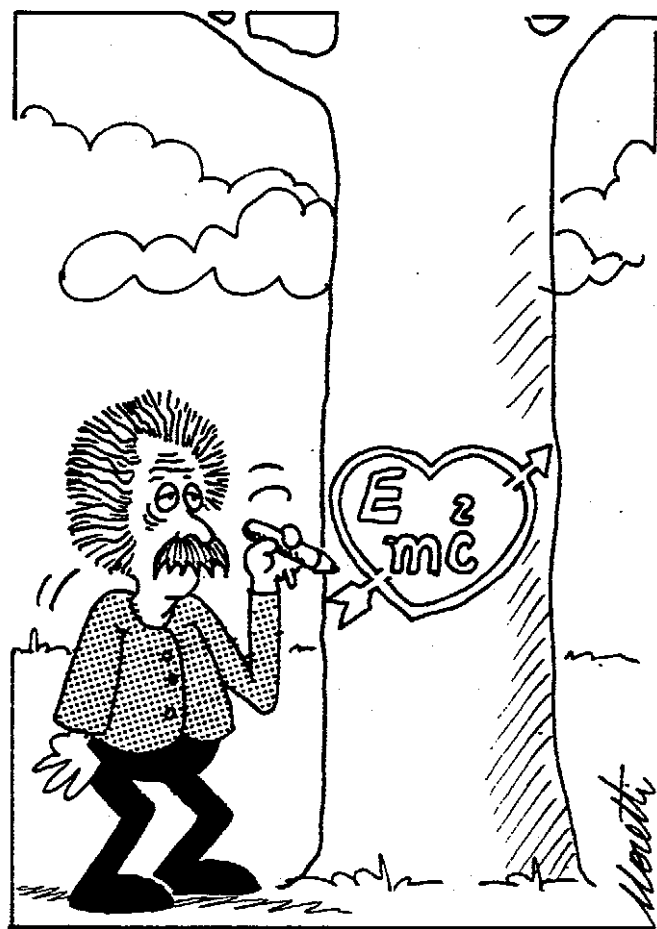
— Boa parte da História é determinada — Quayle, o visitante, falava muito depressa, como se ditasse a um computador — mas alguns momentos focais não o são. Woo virá libertá-lo, e você terá de decidir, paz ou guerra. Se se decidir pela guerra, o império será seu. Entende? O momento focal se aproxima. Tudo depende...

— Eu...

A luz que emanava da armadura voltou a crescer, e o visitante desapareceu, sem estrondo e sem vestígio. Exatamente três horas e vinte e oito minutos depois, Strauss ouviu pessoas batendo nas paredes externas do cubo, e percebeu que parte da estrutura se rompia.

De qualquer forma, Strauss estava tranqüilo.

Ele já havia tomado sua decisão.



Conhecido como um escritor de ficção científica hard, Gerson Lodi-Ribeiro varia sua temática (voltada aos dinossauros nos últimos tempos), com talento e desenvoltura, explorando o imaginário dos vampiros. Mas não os sugadores-de-sangue tradicionais lá da Transilvânia, e sim do Nordeste brasileiro em um Brasil Alternativo da época colonial. Esta noveleta se insere no universo ficcional do romance ainda inédito Os Canhões de Palmares - que poderá ser publicado, inaugurando a nova linha de nossa fc, a Scorpio. Vá conhecendo desde já os vampiros tupiniquins, que de comum com os da Romênia tem o insaciável e mortal prazer pelo líquido vermelho que corre por nossas veias e artérias.

O Vampiro de Nova Holanda

por Gerson Lodi Ribeiro

Volto a estas terras, depois de quatro anos na Europa. Estamos aqui, prestes a fundar um império de homens livres.

[Moritz de Nassau, ao regressar a Recife e ao governo de Nova Holanda em 1647, no comando de uma esquadra de 104 navios e um exército de 12.800 soldados]

Os Filhos-da-Noite

Quando existiam umas poucas aldeias de pescadores dispersas por aquelas praias rochosas, predar os vidas-curtas havia sido fácil. Mal o sol mergulhava no Pacífico e os caçadores da tribo emergiam das grutas comunais, cavernas litorâneas que aquele segmento pouco numeroso dos filhos-da-noite habitara desde os primórdios.

Naquela época de sonhos, os caçadores caminhavam em silêncio nas noites em que invadiam as aldeias dos vidas-curtas.

Ao contrário dos indivíduos do Povo Verdadeiro, os vidas-curtas permaneciam despertos durante todo o dia e dormiam à noite. Sem o sol, os vidas-curtas estavam indefesos. Os sentidos das presas pareciam embotados depois do anoitecer. Desprovidas de olfato e quase cegas; incapazes de se guiar pela luz suave das estrelas, os vidas-curtas não eram páreo para um pequeno bando organizado de caçadores.

Naqueles tempos de parcimoniosa abundância, um caçador experiente sabia que não era sensato beber um vida-curta até o fim. Os prediletos do Inominado eram o maior recurso dos filhos-da-noite. Naquele litoral ermo e desolado, as vítimas eram escassas o suficiente para que a morte de uma delas se tornasse sempre um evento notável.

Produzir uma seqüência contínua de mortes era algo inteiramente inconcebível ao mais tolo dos filhotes.

E, no entanto, o Ancião ensinava aos mais novos: "... Ao fazer o mundo, o Inominado decidiu enchê-lo de vidas-curtas. Existem tantos vidas-curtas na terra quanto peixes no mar. Eles vivem pouco, mas nascem com a facilidade das folhas das árvores durante as estações boas. Crescem tão rápido quanto o capim verdejante do sopé das cordilheiras do oriente. Só há filhos-da-noite porque o Inominado nos fez parecidos com os vidas-curtas, para que nos confundam com os de seu próprio gênero, jamais descobrindo que existimos de fato..."

E desde que o Ancião se lembrava, aquele sempre havia sido o modo de vida da gente do povo.

Os vidas-curtas daquele litoral ermo e isolado tinham os seus demônios noturnos. Nas raras incursões diurnas às aldeias da região, quando se passavam por índios do Povo Predileto, os caçadores e as sedentas faziam todo o possível para disseminar essa crença.

Temidos como deuses malévolos, os caçadores jamais tiveram sua verdadeira natureza descoberta por aqueles pescadores ignorantes.

A mesma rotina imemorial se repetia a cada lua cheia. Dentro de suas bocas e em seus estômagos dilatados, caçadores orgulhosos transportavam os fluidos vitais de suas presas para as grutas dos filhos-da-noite.

No fundo da grutas, no frescor úmido jamais maculado pelo fulgor do sol, dava-se o festim. A Partilha Ritual. Os caçadores regurgitavam parte dos fluidos humanos para nutrir suas sedentas e filhotes.

A comunidade das grutas não possuía idosos. Até se tornar um caçador ou sedenta, a velhice dos prediletos era apenas uma história de pavor para o jovem filho-da-noite. E mesmo para os adultos, o envelhecimento dos vidas-curtas e dos animais era um mistério. Uma das muitas deficiências não compartilhadas com os vidas-curtas.

O presente, espelhado até então num passado imutável, começou a mudar com a chegada dos quíchuas.

Primeiro surgiram uns poucos exploradores e comerciantes incaicos, vindos das cordilheiras. Mais tarde, vindo de um local que denominou "Cuzco", chegou um emissário real, acompanhado de uma tropa de vidas-curtas munidos de fundas, lanças com pontas de pedra e outras armas estranhas.

Em expansão, o Império Inca pretendia anexar aquele litoral rochoso de pesca abundante. Os filhos-da-noite acompanharam essas idas e vindas com bastante interesse, visto que prenunciavam uma possível variação em seu cardápio.

Algumas estações mais tarde, chegaram os engenheiros e artífices, e logo havia uma estrada real ligando aquelas poucas aldeias de pescadores às principais cidades do Império de Cuzco. Os vidas-curtas do litoral aceitaram a autoridade do Inca de bom grado. Passaram a pagar tributos sob a forma de pescado seco ao seu novo soberano, é certo. Mas também aprenderam novas artes e ofícios. Aprenderam as técnicas do cultivo da batata e do milho.

O fim do isolamento lhes abriu os horizontes.

Os filhos-da-noite também se animaram com as novidades.

Num final de tarde do início de um inverno, alguns caçadores mais ousados tomaram a estrada real no sentido do nascente, rumo às grandes cidades do interior. Depois daquele primeiro grupo, várias levadas de emigrantes noturnos caminharam ao luar na estrada que escalava as cordilheiras.

Menos de um século mais tarde, a praga dos filhos-da-noite estava solidamente enraizada em pleno coração do Império Inca.

A nova estirpe de caçadores urbanos se sentia no próprio paraíso. Cuzco era tão vasta que não parecia mais justo ou necessário a um filho-da-noite limitar sua sede. Não haveria o menor problema se um caçador decidisse sugar um vida-curta até secá-lo inteiramente.

Êxtases até então desconhecidos tomaram conta daquele pequeno clã de filhos-da-noite que se abrigara nas vielas e nos subterrâneos da capital do império.

O fato desse comportamento exótico ter provocado um surto de mortes sem precedentes entre os cidadãos de Cuzco, não intimidou nem um pouco àquela estirpe de caçadores novos ricos. No entanto, as dezenas de cadáveres ressecados e mutilados que apareciam todos os meses, nos mais diferentes pontos da capital e da periferia, horrorizaram a classe dirigente da cidade e a própria corte imperial.

Talvez tenha sido o excesso de autoconfiança dos filhos-da-noite que os tenha levado a confundir os quíchuas e seus aliados, membros de culturas portadoras de uma civilização milenar, com os pescadores simplórios de uma aldeiazinha qualquer.

Depois do pavor inicial, sacerdotes e oficiais do exército do império encetaram um contra-ataque arquitetado pelo próprio Inca, um homem empreendedor e de pulso forte. Os esconderijos e as tocas dos filhos-da-noite foram rastreados. Dezenas dessas criaturas noturnas foram mortas.

Os quíchuas aprenderam que era muito difícil matar um filho-da-noite. Mas, num intervalo de tempo extremamente curto, descobriram um método eficaz.

Por fim, tendo sido o mal erradicado de Cuzco e de outras cidades importantes, os sacerdotes procuraram descobrir sua verdadeira origem. Não o conseguiram logo. Um dia, contudo, soube-se de uma lenda sobre demônios noturnos que existiriam numa aldeia isolada no litoral do extremo oeste.

Foi o princípio do fim.

Soldados do império chegaram às centenas. Comandados por veteranos dos massacres de Cuzco, eles sabiam como agir diante do inimigo invulgar. O quadro se inverteu por completo: as batalhas eram sempre travadas de dia, quando os vidas-curtas enxergam e os filhos-da-noite, além de quase cegos pela claridade, não podiam se valer das suas garras e presas.

Durante as noites os caçadores empreenderam ações de guerrilha, aterrorizando as populações locais, mas poucos danos causando aos quíchuas vigilantes.

Depois de várias escaramuças em campo aberto, os filhos-da-noite decidiram se refugiar na escuridão ancestral. Mas os quíchuas não esmoreceram e as grutas acabaram sendo descobertas e sitiadas.

Nem os soldados mais corajosos cogitaram invadir o santuário dos filhos-da-noite. Mas os quíchuas não precisaram entrar. Uma guarda permanente, postada nas saídas das grutas, impediu que o inimigo se esgueirasse para pregar as aldeias próximas. E a sede fez o resto.

Muitas luas se passaram nessa situação até que, numa noite chuvosa de outono um pequeno grupo desesperado tentou escapar da armadilha.

Era exatamente o que os soldados vidas-curtas ansiavam. Apavorante, e talvez mesmo invencível em seu próprio covil, o inimigo se expunha na tentativa final de romper o cerco. Lanças, setas, fundas e tacapes foram empregados contra as garras de uns poucos caçadores enfraquecidos e mais preocupados em proteger as sedentas e os filhotes.

Uma tentativa inútil. As tropas do Inca estavam bem treinadas, sabiam o que esperar do inimigo e, sobretudo, eram numerosas demais. Não houve a mínima chance para os filhos-da-noite. É claro que muitos e muitos soldados quíchuas não regressaram a seus lares nas cordilheiras. Mas a missão foi cumprida. Todos os caçadores e sedentas

foram mortos em plena saída da gruta principal.

Apenas um filhote já grandinho conseguiu escapar.

De um certo modo, ele também era um veterano. E um refugiado. Nascera em plena Cuzco imperial, nos tempos de grandeza. Tempos em que seu povo se sonhara capaz de dominar todo um grande império de vidas-curtas construtores de cidades de pedra.

E fora membro de uma das poucas famílias que conseguiram fugir aos massacres, retornando às grutas comunais do litoral poente. Corações atemorizados, ladeando a estrada real à luz das estrelas.

A chuva parara. Os archotes dos soldados brilhavam como pequenos sóis na escuridão, ofuscando seus olhos sensíveis.

Embrenhou-se na noite, correndo às cegas pelo escuro. O céu estava carregado de nuvens negras. Não havia estrelas para lhe iluminar a fuga. Guiado somente pela audição e pelo olfato, caiu e rolou várias vezes no solo úmido e pegajoso.

Num dos tombos, bateu com a cabeça numa pedra pontiaguda, abrindo a testa. Uma pancada tão forte que o deixou atordoado durante alguns minutos.

Sua voz interior lhe disse que um vida-curta teria morrido com o choque da pancada. Ouviu-se emitir o som gorgolejante, o equivalente ao riso desprovido de alegria dos humanos. Os vidas-curtas não sabiam como tinham sorte em poder morrer quando bem entendiam...

Sacudiu a cabeça e procurou se concentrar em seus outros sentidos.

Escuro, muito escuro, mesmo para ele. Mas retomou a corrida, e não parou até que, em meio ao negror absoluto da noite, seus instintos lhe disseram que a alvorada estava próxima.

Estacou de súbito no sopé de um morro arborizado e cavou uma toca pequena entre as raízes de uma árvore morta. Ali passou os primeiros dias depois que os soldados de Topa Inca destruíram o restante do Povo Verdadeiro.

Sangue Bom

Dentes Compridos cresceu ao longo de várias gerações humanas, até atingir a idade adulta. Muitas estações se passaram desde o final do crescimento, de forma que ele poderia ser considerado um caçador, se a tribo ainda existisse.

Mas jamais ouviu falar da tribo outra vez. Ao longo dos anos de caminhada rumo ao nascente, superara os cumes gelados das cordilheiras, descera para as florestas úmidas, atravessara rios caudalosos e se deparara com animais exóticos, nenhum dos quais considerou *potável*. Em quase todos os recantos daquela terra vasta havia vidas-curtas — presas à disposição de um filho-da-noite solitário e discreto. Mas em nenhum lugar encontrou seus semelhantes.

Imaginou que talvez não houvessem filhos-da-noite a leste das grandes cordilheiras. Recusava-se a acreditar que fosse o último da estirpe. Nunca o soube. O fato é que o vínculo psíquico natural, que permitia aos filhos-da-noite encontrar uns aos outros na escuridão e se comunicar a quilômetros de distância, não era posto em uso há muitas e muitas estações.

Nas selvas orientais encontrou pela primeira vez com os índios de fala tupi. Evitava ao máximo permanecer muito tempo se alimentando de uma mesma aldeia. Mais que os conselhos dos caçadores experientes, a tragédia do Povo o ensinara que o segredo de sua real natureza era fundamental.

Aprendeu a efetuar o levantamento do terreno a ser explorado.

Visitava as aldeias de dia, enganando os nativos ao se passar por um índio de uma tribo distante. Suas mãos e pés enormes chamavam um pouco de atenção, mas nada que assustasse os indígenas. O formato e o tamanho de seus olhos, bem como suas feições exóticas, também causavam espanto. Mesmo assim, o domínio do idioma tornava fácil conquistar a confiança daquela gente ingênua.

Numas poucas vezes, ainda perdia a cabeça e bebia um vida-curta até o final. Nessas ocasiões, quando dava por si, só restava um cadáver humano entre as presas. Velhos vícios, aprendidos em Cuzco durante a infância, teimavam em voltar à tona quando menos esperava.

Viveu uma existência solitária, mas farta. Nunca soube quantos anos se passaram desde a fuga das grutas ancestrais. Grandes caciques e pajés muito idosos ainda não haviam nascido quando ele começara a se apoderar da floresta. Não que as épocas ou idades dos vidas-curtas fizessem alguma diferença. Os filhos-da-noite não tinham aquela ânsia de controlar a passagem das eras, tão típica das civilizações de vidas-curtas. Não permanecia no mesmo local tempo suficiente para que as lendas a seu respeito comessem a adquirir a consistência da realidade.

Um dia, muitas e muitas estações depois de ter se tornado adulto, ouviu um guerreiro tupi contar que existiam, próximos às praias do oceano oriental, outros tipos de vidas-curtas. Havia os *caráibas*, homens de pele clara e, não

raro, cabelos claros e olhos da cor do céu diurno. Rezavam as tradições que esses vidas-curtas diferentes teriam chegado do mar, em grandes canoas vindas da direção nascente. Anos mais tarde, os caraíbas começaram a trazer consigo um outro tipo de homem, uns vidas-curtas de pele muito escura, quase da cor da casca da mandioca. Ao que parecia, esses vidas-curtas escuros eram tratados como animais pelos caraíbas.

Dentes Compridos matutou uma ou duas estações sobre aqueles novos tipos de vida-curta, antes de decidir partir rumo ao nascente, para conhecê-los pessoalmente.

Sabia que era uma viagem sem volta. Segundo os relatos que ouvira, os tais caraíbas também construíam cidades, possuíam armas terríveis, e artes desconhecidas mesmo dos sacerdotes do Inca. Não se importou. Estava entediado com a solidão. Ansiava pelo novo, por algo mais interessante do que o mero vegetar numa toca próxima a uma aldeia tupi.

Havia algo de especial no sabor daqueles vidas-curtas escuros. Não sabia explicar direito se era o aroma delicioso do sangue que jorrava espumante de suas jugulares, ou o simples fato de constituírem para si a primeira novidade gastronômica em centenas de anos.

Os tupinambás lhe haviam dito que os caraíbas construíam cidades, que eram os senhores, e que os escuros eram os escravos. Tolice! Em suas andanças para leste, a primeira povoação com a qual se deparou foi uma habitada por uma maioria de escuros. Embora houvessem índios, e até caraíbas, no interior das muralhas do vilarejo, notava-se à primeira vista que eram os escuros que mandavam no local.

O idioma praticado no vilarejo tinha algo do tupi-guarani, embora seus elementos exógenos, numerosos e variados, tenham no início dificultado a aprendizagem do filho-da-noite.

Foi uma coincidência feliz o fato de existirem índios ali. Dentes Compridos jamais se conseguiria passar por escuro ou caraíba.

Achar um abrigo diurno foi a coisa mais fácil do mundo. Instalou-se com conforto no forro do telhado de um depósito, onde os escuros armazenavam o milho da colheita comunal.

Saía para caçar todas as noites. No início, era um tímido naquele novo ambiente. Mordiscava um pescoço numa casa de um lado do vilarejo, na semana seguinte abocanhava o interior de uma coxa ou a barriga de uma perna no lado oposto.

Mas o sangue dos escuros era simplesmente delicioso! Em duas ou três estações, já não conseguia se contentar com apenas um gole. Não! Sentia a velha ânsia pulsar dentro de si, a necessidade de esvaziar a *moringa*... E ainda lambia os lábios, suspirando por mais umas poucas gotas daquele néctar divino.

Perdeu o controle. Lembrava às vezes da tragédia de Cuzco, trazida a seu povo justamente pelos excessos cometidos na grande capital inca. Tentava se segurar, permanecia sóbrio e comedido durante um mês ou dois, mas voltava a dilacerar e matar no terceiro.

A fêmea escura dormia sozinha, numa das últimas casas da rua principal. Um cheiro forte e adocicado impregnava as vizinhanças, a ponto de lhe fazer os tecidos do interior das narinas coçar terrivelmente. O odor daquela substância horrível e fedorenta que os palmarinos tanto prezavam, a tal *cana-de-açúcar*.

Estabeleceu o vínculo com a presa e virou a cabeça da mulher com delicadeza, para expor melhor o pescoço. Caninos retráteis do tamanho de pequenos punhais emergiram dos alvéolos existentes em suas gengivas, brilhando sob a luz das estrelas, que filtrava pelos compridos fios de palha seca que faziam as vezes de cortina na janela do quarto da jovem. Abaixou a cabeça, antegozando o momento da mordida.

Mas interrompeu o ataque, pouco antes de abocanhar o pescoço da fêmea escura. Havia algo errado.

Não sentiu o cheiro dos outros vidas-curtas. Apenas o ruído de passos. Muitos passos. pulsações! Vários homens adultos se aproximavam da casa rapidamente.

Uma armadilha!

Uma profusão de guerreiros escuros entrou pelo quarto adentro. Portavam archotes, lanças e estranhos tubos compridos de metal que reluziam feericamente à luz do fogo.

Vários outros tubos fitaram o interior do aposento por entre os fios de palha da cortina.

Uma voz autoritária falou num tupi-guarani impecável:

- Pare, seu monstro. Acabaram as chacinas em Palmares.

Os Sobrinhos do Rei

A criatura que se fizera passar por índio permanecia quieta e muito séria, bem segura pelas mãos calejadas de quatro guerreiros. Talvez tivesse concluído que o esperneio pioraria ainda mais a sua situação.

Por insistência do sobrinho do rei, a claridade que vazava pelas janelas amplas do salão foi toldada por cobertores de linho grosso, amarrados nos suportes das cortinas. Apenas o brilho trêmulo de duas tochas iluminava o vasto aposento. O rei acedeu aquele capricho algo contrariado.

Andalaquituche costumava ter bons motivos para seus pedidos, por vezes extravagantes. Mas a vista de Ganga-Zumba já não era tão boa como costumava ser. Não enxergava tão bem na penumbra quanto os sobrinhos ou os guerreiros que os acompanhavam.

E, sobretudo, detestava ser lembrado a todo momento que não era mais o jovem rei dos tempos em que se decidira a favor da paz com os holandeses. Sentia-se velho. Havia horas em que quase concordava com Zumbi, que o considerava idoso demais, e sobretudo, mole demais para governar a Confederação.

Ainda aborrecido, o rei desviou por um momento os olhos da criatura que se parecia tanto com um homem, fitando primeiro um de seus sobrinhos, depois o outro.

O jovem general Zumbi se sentia claramente desconfortável diante de seu tio e soberano. Ganga-Zumba não imaginou que viveria para assistir o dia em que o mais bravo dos quilombolas tremesse como o mais inexperiente dos moços em seu primeiro dia na Cerca de Subupira. Zumbi, terror das vilas lusas dos sertões da Bahia e de Pernambuco, o provável futuro rei de Palmares, assustado, balbuciando frases sem sentido.

Ganga-Zumba sabia o que era. Compartilhava com o sobrinho daquele medo diante do que não sabia explicar. Gostaria de não ter enviado Ganga-Zona para atuar como embaixador junto à corte do príncipe Nassau em Recife. O irmão sempre parecia capaz de encontrar uma explicação para tudo.

- Ele não é um homem, meu tio. Mas também não é um demônio. E está à nossa mercê. Observe seu ar alquebrado. Aposto que está temendo pela própria vida.

O rei voltou sua atenção para Andalaquituche. Seu outro sobrinho, cujo principal mérito, na opinião dos que desconheciam sua inteligência invulgar, era o de ser irmão do grande Zumbi.

Estava certo, é claro.

Os guerreiros que haviam capturado a criatura julgaram-na mais forte que o gorila com que Nassau presenteara Palmares há cerca de dois anos. Devia ser verdade, pois matara vários homens fortes com incrível facilidade e, segundo constava, sem o emprego de armas. Mortes abomináveis, de acordo com os informes que ouvira...

Talvez os quatro homens que seguravam o monstro não fossem suficientes para mantê-lo passivo diante do rei contra a vontade. Compreendeu então porque Andalaquituche insistira tanto na presença de um pelotão de arcabuzeiros em plena sala do trono.

Os olhos da criatura eram imensos. As pupilas, maiores que as íris de um homem normal, brilhavam na penumbra do salão do trono, como os olhos de uma onça brava. Seu nariz era erguido e achatado, quase como o focinho de um porco. Os pés, mãos e maxilares do filho-da-noite pareceram desproporcionalmente grandes, na opinião do monarca. Sob as ordens de Andalaquituche, um dos guardas armados erguera a cabeleira densa do monstro para que o rei pudesse observar as orelhas pontudas e hirsutas como as de um lobo guará.

Seu sobrinho mais sábio lhe chamou a atenção com um estalo de língua. Um hábito importado, que ambos haviam aprendido de um ancião da capital palmarina, um ex-escravo que os brancos haviam trazido das regiões orientais do continente africano.

Sim, Andalaquituche estava certo.

Embora fosse capaz de se ocultar sob forma humana com perfeição, aquele ser não era um demônio...

Qualquer entidade sobrenatural com um mínimo de vergonha na cara não mostraria aquele ar abatido, derrotado, diante dos canos das armas que meia dúzia de guerreiros decididos da tropa de elite apontavam em sua direção.

- Vamos repetir algumas partes do interrogatório do prisioneiro para o senhor, meu tio. - Se Andalaquituche também sentia temor pela criatura, escondia seus sentimentos muito bem. - Ele concordou em satisfazer nossa curiosidade, desde que o trouxéssemos à presença do rei. Ah, tive que prometer que o senhor pouparia sua vida. Além disso, ele acredita piamente que o tio lhe devolverá a liberdade.

- Você prometeu isto, em meu nome? - Indagou o rei, de momento mais curioso que preocupado. - Bom, voltaremos à questão mais tarde.

Zumbi fungou alto, mas não falou nada. Baixou os olhos avermelhados pelas noites insones. Parecia bastante entretido em coçar o dedão do pé descalço com o cabo de sua lança cerimonial de comando.

Ganga-Zumba apertou ambos os braços da poltrona de espaldar alto que servia de trono. Então o demônio... não, a criatura, só concordou em falar em sua presença? Talvez fosse uma razão a mais para não recebê-lo.

O ser emitia um forte cheiro adocicado, não de todo desagradável realmente, mas sem dúvida, muito pouco másculo. O rei se perguntou se aquilo serviria para atrair os homens para a morte.

Enxugou o suor da testa no antebraço esquerdo. Pigarreou para aclarar a garganta. Quando finalmente falou, a voz saiu rouca e num tom mais baixo do que pretendia.

- Entende a nossa língua?

Foi Andalaquituche quem respondeu à pergunta do rei.

- Ele fala tupi com perfeição, meu tio, embora não seja o seu idioma nativo. Também entende o palmarino, mas o senhor tem que falar mais devagar.

Ganga-Zumba decidiu aceitar o conselho do sobrinho. Andalaquituche era mestre no domínio dos idiomas estrangeiros. Assentiu e voltou a se dirigir à criatura, falando pausadamente.

- Tenho a impressão que não é um demônio, e já descobrimos que homem também não é. O que é você, afinal?

A criatura deu uma risada triste, mais parecida com o canto da matintapereira — a coruja cujo grito agudo costumava anunciar a morte de alguém importante — do que com a voz de um homem. Olhou para o alto como se procurasse uma resposta nas telhas de barro do teto do salão. Quando falou, o fez num palmarino algo inseguro, mas razoavelmente fluente e num tom que soou bem humano aos ouvidos do rei e de seus homens.

- Não adianta mais fingir ser um homem, grande rei. Tampouco pretender a patente de demônio. Seu sobrinho já me torturou o bastante para descobrir que sinto dor como qualquer outra criatura de Deus.

- Não é um demônio, meu tio. - Andalaquituche não parecia admitir a menor possibilidade de dúvida aquele respeito. - Mas eu não ousaria me referir a ele como sendo uma criatura de Deus. Não depois de examinar os restos de suas vítimas.

Zumbi fitou o irmão com um ar desafiador. Decidido, no entanto, a descobrir mais sobre a criatura pela voz da mesma, o rei fez um gesto brusco com a mão, reduzindo os dois irmãos a um silêncio contrafeito.

- E então? Vou repetir a pergunta: o que você é?

- No início, meu povo não tinha um nome para si próprio. Quando aprendemos a fala dos homens para melhor nos fazer passar por eles, descobrimos que eles se referiam a nós como os *filhos-da-noite*. Os homens índios do grande reino do oeste nos chamavam de *chudiachiques*. Muitos anos depois de ter cruzado as grandes cordilheiras rumo ao nascente, notei que algumas tribos de língua tupi se referiam a mim como *cupendiepes*. Recentemente, e mais perto daqui, tenho sido chamado *anhangaçu*.

- Demônio grande... Murmurou entre os dentes um dos guerreiros armados, um índio gigantesco com o rosto pintado com listras verticais ocre e negras intercaladas.

- Porque vocês se fazem passar por homens?

- Nunca foi uma questão de escolha, grande rei. É da nossa natureza. Deus criou os animais para os homens. Alguns pajés do grande reino do oeste diziam que Ele teria criado os homens para o meu povo... Ou talvez, nos criado como um castigo para os homens. Mas eu não sei como ou porque surgimos.

- Deus teria criado os homens para o seu povo? - O rei olhou para Andalaquituche, mas este deu de ombros. O monarca decidiu insistir. - Explique isso melhor.

- Não sei explicar em sua língua, grande rei. Nem sei se poderia explicar na linguagem do meu povo, caso existissem homens capazes de entendê-la.

- E esse seu povo? Existem muitos como você?

- Minha gente nunca foi numerosa como o Povo Predileto.

Pela primeira vez, desde que conduziu o prisioneiro à presença do rei, Zumbi se manifestou verbalmente, a voz trêmula assumiu um tom acabrunhado:

- Nosso tio, seu irmão Gana-Zona, nos explicou uma vez, quando éramos meninos, que nas matas e capoeiras não poderia haver tantas onças quanto antas ou veados...

- Mas então... - o interior de Ganga-Zumba se debateu contra a aceitação plena daquilo que os dois irmãos, tão diferentes, estavam tentando insinuar, - os homens estariam para o seu povo como os veados, pacas e cotias estão para as onças das nossas matas?

- Minha estirpe nunca pediu esse destino, grande rei. O nosso maior sonho sempre foi sermos como os homens. Poder viver e morrer como fazem os homens e as mulheres do Povo Predileto.

- E de onde vocês vieram?

- Quando eu era garoto, meu povo vivia às margens do outro oceano, a oeste das grandes cordilheiras, muitas, muitas e muitas léguas das terras de Palmares, na direção poente. Naquele tempo, havia por lá um reino muito poderoso, maior que Palmares, as terras da Nova Holanda e os territórios dos brancos lusos, todos juntos.

- Nunca ouvi falar desse reino tão grande. Ganga-Zumba ia acrescentar um comentário qualquer, mas Andalaquituche pediu para falar.

- O embaixador de Nassau disse que havia um reino de índios do outro lado das cordilheiras. - O sobrinho começou a explicar antes mesmo do rei assentir sua autorização. - Lembra daqueles outros brancos, os tais hispanos, que o senhor disse que andaram por essas terras quando o tio era rapaz? Pois é, o embaixador do príncipe falou que eles destruíram esse tal reino dos índios e roubaram todas as riquezas do lugar. Foi assim que se tornaram tão poderosos.

- Nunca ouvi essa história de reino de índios... Confessou Zumbi, impressionado, mesmo a contragosto.

- Essas coisas aconteceram há muito tempo. Muito antes da vó Alqatune deixar de ser princesa na África para ser escrava na Capitania de Pernambuco.

- Mas a vó morreu há muitos anos. E quando morreu já era mulher velha... - Zumbi riscou a lajota de arenito do piso com a ponta da lança, como que para frisar seu argumento - O prisioneiro não parece mais velho que o irmão.

- Não podemos saber se é novo ou velho, irmão. Não é um homem. - O tom de Andalaquituche soou inteiramente desapaixonado, como se falasse de um animal estranho que observara no zoológico do príncipe Nassau. - Dentes Compridos confessou que no idioma de seu povo somos chamados *vidas-curtas*.

Ganga-Zumba decidiu acabar com aquela discussão sem sentido da maneira mais simples possível. Voltou-se para a criatura e perguntou:

- Mais ou menos quantos anos você tem?

- Não há como saber, grande rei. Não contamos a passagem do tempo como os homens. O tempo nunca foi importante para nós. Só posso lhes dizer que vivi na capital desse império dos índios quando era criança, e lá não havia nenhum caraíba ou banto.

- Meu tio, - Andalaquituche interrompeu novamente, - Dentes Compridos nos disse que seu povo não envelhece e não morre de morte morrida.

- Só de morte matada. O general Zumbi esboçou pela primeira vez um sorriso.

- Dentes Compridos... um nome bem esquisito. Comentou o rei, absorto.

Os dois irmãos se olharam e assentiram mutuamente.

Andalaquituche voltou-se para Ganga-Zumba. - Acho que chegou a hora de uma pequena demonstração, meu tio. Existem ocasiões que umas poucas imagens têm mais valor que todas as palavras impressas nos livros da Grande Biblioteca de Recife.

O rei fez um gesto de aquiescência. Os sobrinhos raramente concordavam, mas daquela vez pareciam saber o que estavam fazendo.

Diante da autorização, Andalaquituche apontou para dois dos guerreiros armados e falou - Vocês, tragam o prisioneiro luso.

O rei franziu a testa, mas encolheu os ombros. Estava curioso para descobrir o que os sobrinhos iriam fazer com um dos lusos do cercado de escravos.

Quando o homem branco chegou, o rei percebeu contrafeito que ele havia sido submetido a maus tratos. Vestia somente uma calça que era pouco mais que um farrapo, cheirava mal e suas costas estavam riscadas com os sulcos da chibata, apenas parcialmente cicatrizados.

Ah, o trabalho duro no canal da Cerca Real do Macaco, pensou Ganga-Zumba, impressionado com os estragos que uns poucos meses de labuta na cultura da cana-de-açúcar podiam fazer à saúde de um branco indolente.

Zumbi se aproximou de Dentes Compridos e murmurou algumas frases entre os dentes. Ganga-Zumba só ouviu o final de uma sentença bem estranha: "... e se não matar, morre!"

Então, a um comando do general, todos os arcabuzes e pistolas do aposento foram mirados contra a cabeça e o peito do filho-da-noite. Andalaquituche acenou a Zumbi e este ordenou que Dentes Compridos fosse liberto.

Um dos guerreiros empurrou o luso para perto da criatura não-humana com um pontapé.

Tudo aconteceu rápido, como num sonho. Só recapitulando a posteriori Ganga-Zumba pôde compreender o que tinha presenciado.

Garras grandes como facas emergiram das pontas dos dedos da criatura. Com um salto gigantesco cobriu os vários metros que o separavam do luso. As garras retráteis de uma das patas agarraram o crânio do homem, puxando sua cabeça para trás com violência. O pescoço da vítima pareceu muito branco aos olhos de Ganga-Zumba, mesmo sob o pálido bruxuleio das chamas das tochas.

Depois desse ataque inicial, o rei presenciou o que jamais acreditaria se lhe houvessem contado. O luso, que até então se debatera como a capivara abocanhada pela onça faminta, acalmou-se como que sob o domínio de um feitiço poderoso.

As mandíbulas do filho-da-noite se escancararam, mais do que seria possível a qualquer boca humana. Os caninos da criatura pareciam ter crescido, adquirindo o tamanho dos polegares de um homem adulto. Ganga-Zumba esperou que ele dilacerasse sua vítima com violência rápida e brutal. O filho-da-noite o surpreendeu, no entanto, justamente pela suavidade do seu ataque.

As presas longas se cerraram com uma delicadeza quase feminina sobre o pescoço do luso paralisado pelo transe. Os movimentos de sucção dos lábios do filho-da-noite lembraram ao rei os de um bebê mamando no seio da mãe. Depois de pouco mais de três minutos daquele sugar tranqüilo, Dentes Compridos pareceu saciado. Levantou os olhos para Andalaquituche como que implorando alguma coisa.

Mas foi Zumbi quem lhe gritou uma ordem ríspida: - Até o fim!

- Não banque o tímido diante do nosso rei, meu bom amigo. - Qualquer um que não conhecesse Andalaquituche

muito bem juraria que o seu tom era o mais sério do mundo. - Todos já sabemos do que você é capaz.

- E faça isto rápido! - Ordenou o sobrinho general. - Não temos o dia todo.

A delicadeza deu lugar à avidez e à violência. O sangue e a linfa do homem passaram a ser sugados com força, como se o filho-da-noite possuísse uma bomba-d'água entre os lábios. As pernas da vítima amoleceram. Para sustentá-lo, o filho-da-noite não hesitou em lhe perfurar profundamente o abdômen com as garras da mão direita. Em poucos minutos, o luso se transformou numa casca vazia e enrugada, uma carcaça ressecada.

- Rápido, descubram as janelas! Comandou Andalaquituche.

Os guerreiros obedeceram prontamente.

Ganga-Zumba se assustou. A luz lhe ofuscou os olhos. Ouviu um miado agudo. Quando recuperou a visão, deparou-se com o filho-da-noite caído ao solo, com o corpo contorcido e a face oculta num dos braços. Das garras e caninos retráteis, nem sinal. Mais tarde os dois irmãos explicaram que ambas as manifestações só apareciam à noite ou no escuro.

O rei se sentiu impressionado. Impressionado demais. O estômago estava amarrado numa espécie de nó cego e a cabeça latejava horrivelmente. Antes que o pior acontecesse, ordenou que o filho-da-noite fosse retirado do salão.

Ganga-Zumba conversou com Zumbi, que era favorável à morte imediata da criatura não-humana. E também com Andalaquituche, que lembrou sua promessa ao filho-da-noite.

Pensou a respeito durante uma semana, antes de tomar sua decisão.

Convocou seus sobrinhos, os líderes dos mocambos mais confiáveis e os sobrinhos deles, e os generais mais influentes, para anunciar sua decisão. E, claro, ordenou a presença do principal interessado.

- Como meu sobrinho prometeu em meu nome, - Ganga-Zumba desviou momentaneamente os olhos do filho-da-noite para fitar Andalaquituche com um ar de falsa irritação e um sorriso mal disfarçado no canto dos lábios, - concedo-lhe a vida e a liberdade. Como condição, exijo que parta para sempre das terras de Palmares.

- Não pode fazer isto, meu tio! - A indignação de Zumbi devia ser muito grande, percebeu o rei, para que o sobrinho ousasse interrompê-lo daquela forma, diante dos chefes subalternos. - Não podemos confiar nessa criatura.

- Ainda não terminei, Ganga-Muiça. O fato de ter se referido ao sobrinho por seu título militar, mais que o tom gélido de sua voz, fez com que este se calasse de imediato. - Embora banido de nossas terras, o filho-da-noite que atende pelo nome de Dentes Compridos gozará da nossa amizade e poderá contar sempre com o nosso apoio, desde que se comprometa a predar exclusivamente as regiões habitadas pelos brancos lusos.

- Se é assim que meu rei deseja, assim será feito. - O palmarino do filho-da-noite já parecia bem mais fluente. Ou o sobrinho era um mestre excelente, ou a criatura aprendia com muito mais facilidade do que um homem normal. Ganga-Zumba desconfiava que ambas as hipóteses eram válidas. - Imagino, no entanto, que não irei sobreviver muito tempo num ambiente civilizado.

- Pelo contrário. - Explicou-lhe Andalaquituche - Não só sobreviverá como prosperará em Salvador, no longínquo Rio de Janeiro, ou qualquer outra cidade luso-brasileira que escolher. Possuímos agentes disfarçados em escravos em todos os núcleos do inimigo. Se seguir nossa orientação, será protegido e acoitado por nosso pessoal. Os lusos jamais irão compreender o que se passa, estarão indefesos diante de si. E você, meu amigo, enquanto mantiver a sua palavra e obedecer às nossas sugestões, não terá do que se arrepender, eu prometo.

A Princesa dos Bantos

Em sua terra natal, às margens do Congo, em pleno coração da África Ocidental, Amalamale era uma princesa. Não se tratava de força de expressão. Seu pai, o rei Mbutu, governava cinco aldeias na margem direita do rio.

É claro, era apenas uma dentre as muitas filhas e filhos do velho, mais ainda vigoroso, monarca. Nascera, no entanto, de Analiane, sétima esposa legítima de Mbutu e uma de suas prediletas. Assim, de acordo com os costumes locais, foi reconhecida como princesa, quando seu pai percebeu que ela sobreviveria à sua terceira estação seca.

Havia de fato muito pouca realeza nas margens do Congo, em meio à vasta abundância de príncipes e princesas. A relativa vulgaridade de sua condição permitiu à jovem Amalamale gozar da infância típica de uma criança normal, saudável e sem cuidados especiais.

Vagava com os amiguinhos pelas matas próximas à aldeia de sua mãe. Banhava-se no Congo, sempre alerta quanto aos crocodilos. De um modo geral era uma criança esperta, alegre e travessa, mas nada que surpreendesse muito os mais velhos.

Dizia-se na aldeia que a princesinha sabia subir em árvores como poucas crianças. E os bantos sabiam que as crianças podiam subir em árvores muito melhor que os adultos.

Por isso, é estranho que tenha sido justamente a queda de um galho alto que tenha mudado toda a vida de

Amalamale.

O tombo fora feio. Um galho impossivelmente fino vergara sob o seu peso, um outro galho se partira na sua mão, e a garota de uns dez anos caiu de uma altura aproximada de três metros. Quase sempre recoberto por capim, musgo e folhas secas, o solo da floresta não era realmente dos mais duros. Mas, mesmo assim, foram três metros, e os amiguinhos de Amalamale disseram que ela havia despencado de cabeça.

O fato é que ela permaneceu algumas horas inconsciente, preocupando toda a aldeia.

Quando acordou, vomitou um pouco do guisado de píton comido no almoço e várias pessoas interpretaram isso como um mau presságio. Mas a jovem se recuperou bem.

A única seqüela aparente foi que Amalamale parecia ter perdido inteiramente os sentidos do olfato e do paladar. Dos alimentos restaram apenas a temperatura e a consistência. A jovem começou a emagrecer. Passou a desprezar até os pratos prediletos. Nem mesmo o delicioso nhangue assado que a mãe preparava, antigo manjar dos deuses pelo qual Amalamale teria sido capaz de mover mundos e terras antes do acidente, despertava mais interesse.

Ninguém jamais atribuiu a brusca mudança de comportamento da princesa ao tombo que levava. Os amigos começaram a comentar com as mães que Amalamale perdera o medo das feras da selva. Um dos seus irmãos mais velhos disse ao rei que vira a princesa capturar uma serpente extremamente peçonhenta com as mãos nuas.

Educar uma adolescente destemida, diante dos riscos inerentes à existência às margens do Congo, tornou-se a principal preocupação da vida de Analiane. Cansara de berrar para que Amalamale prestasse mais atenção aos crocodilos ao se banhar no rio. E cansara de ouvir a filha responder que possuía uma faca afiada para se defender...

Aos treze anos, a princesa sem medo era bastante crescida para a idade. Por insistência da mãe, reaprendera a comer bem. Isto talvez tenha contribuído para que as belas formas calipíguas, características de seu povo, chegassem mais cedo, antes da maturidade de mulher adulta.

Por dentro, continuava a mesma garota levada, capaz de segurar a cauda de um leopardo feroz, ou se esgueirar próxima a uma manada de elefantes prestes a estourar.

Quando soube que havia um grande barco fundeado numa praia da Guiné, não hesitou um instante fugir da aldeia e iniciar a descida do rio numa canoa leve, tomada emprestada de uma família de pescadores.

Desejava travar contato com os guerreiros daquele povo ousado que havia derrotado os portugueses e se apoderado de suas feitorias litorâneas. Talvez aquela outra estirpe de brancos fosse menos mesquinha em compartilhar os conhecimentos que possuíam.

Os navegadores da Companhia das Índias Ocidentais trataram Amalamale com respeito e cortesia. Jamais haviam imaginado que uma mulher banto pudesse arremessar uma lança com pontaria tão certa.

É lógico, a delicadeza do tratamento só durou até o momento em que perceberam o êxito da tentativa de embebedar Amalamale com doses generosas de uma aguardente de cana bem ordinária.

Foram necessários dois homens para carregá-la para bordo. Quando a princesa acordou enjoada e com a cabeça doendo num porão escuro repleto de mulheres banto, o tumbeiro holandês já estava singrando mar alto, velas desfraldadas e rumo apontado para Recife, capital da Nova Holanda.

As outras mulheres, nenhuma das quais conhecera anteriormente, lhe explicaram que estavam indo para uma terra distante, do outro lado do mundo. Tumarea, uma jovem mais ou menos da idade de Amalamale, contou animada que não iriam ser escravas nessa nova terra, mas esposas dos guerreiros de um reino de bantos que existia do outro lado do oceano. Uma nação que vencera os brancos muitas e muitas vezes; que dominava o segredo das varas-que-vomitam-fogo; um reino mais poderoso que qualquer Estado negro africano.

“Promessas!” Pensou Amalamale, desconsolada. “E nem ao menos pude trazer minha lança...”

Um Comissário no Fundo do Poço

O comissário do distrito de Maurícia atravessou a cavalo a ponte da Boa Vista para a cidade velha. Detestava essa parte de Recife. Não por ela ter sido edificada pelo inimigo luso, mas pelo simples fato de ser uma área urbana decadente e insalubre. Os serviços de limpeza não existiam desse lado da ponte. As ruas estavam sempre cheias de lama, montes de fezes humanas e trilhas de esterco úmido, cheirando pior que a mais fétida das cloacas.

Por mais que tentasse, era impossível ao comissário Van Helsing deixar de pensar na cidade velha, principalmente na zona portuária para a qual se dirigia, como uma vasta pocilga a céu aberto.

Um dia o príncipe Nassau ainda vai dar um jeito nisto, de uma maneira ou de outra. Aqueles porcos papistas não perdem por esperar!

Mas era exatamente na zona portuária que os crimes misteriosos estavam acontecendo.

Segundo diziam os lusos, o louco assassino só atacava à noite. O monstro extraía todo o sangue de suas vítimas, talvez como parte de um macabro ritual demoníaco. Algumas vezes o corpo da vítima era encontrado dilacerado ou parcialmente devorado.

É claro que Van Helsing não acreditava naquelas baboseiras lusas. Superstições que um clero católico imoral alimentava sem o menor pudor.

Havia um assassino cruel, é fato. Mas, daí a intuir rituais satânicos é uma distância considerável, percorrida com facilidade somente pelos espíritos deformados com a lógica obscura dos papistas.

Porque os lusos não podiam ser práticos e racionais como todo mundo?

A questão do assassino tinha, no entanto, um desdobramento político de gravidade razoável. Enquanto o celerado estava matando apenas marujos bêbados e prostitutas de beira-de-cais, o problema fora deixado nas mãos do comissariado local, em sua maior parte de origem luso-brasileira.

Mas agora o caso era diferente.

O louco assassinara uma mulher da nobreza banto, trazida pelos tumbeiros da Companhia para os aliados de Palmares.

Gana-Zona, embaixador da Confederação de Palmares, já se manifestara acidamente ao secretário político do príncipe. Como resultado direto dessa conversa, um comissário da polícia especial da cidade Maurícia, o desafortunado Jankel Van Helsing, fora destacado para o caso.

Os cidadãos de Nova Holanda costumavam pensar na capital da colônia como numa gema preciosa. Capturada aos luso-brasileiros trinta e poucos anos atrás, Recife evoluíra muito sob o domínio holandês. Pelos idos de 1660 era a maior cidade da América, além da melhor planejada.

Suas muralhas, guarnecidas por canhões pesados, eram consideradas uma obra-prima na opinião dos engenheiros holandeses, acostumados a construir barreiras bem sólidas em sua terra natal, os maiores diques do planeta.

Seu porto não fazia um papel feio, mesmo quando comparado com o gigantesco complexo de Amsterdam.

Centenas de navios ancorados junto ao cais e aos píeres de embarque, de velas arriadas aguardando carga - o ouro doce e granulado que fazia da Holanda a economia mais próspera da Europa. Navios cargueiros da Companhia atracando, zarpando, todos os dias. Velames desfraldados num vento com cheiro característico. Não o aroma salgado e refrescante da brisa marinha, mas o cheiro doce e enjoativo da cana-de-açúcar. Um odor que vence o aroma do mar.

Recife é o maior porto açucareiro da América. E o açúcar é a maior riqueza dos três Brasis: o gigantesco e mal explorado território sob domínio dos luso-brasileiros; as terras férteis de Nova Holanda, governadas há mais de um quarto de século pelo príncipe-sábio Moritz de Nassau; e finalmente, o terceiro Brasil, aquele que pouco contato tinha com o mundo exterior — embora também escoasse sua produção canavieira pelo porto de Recife — a Confederação de Palmares.

Recife, a pérola holandesa do Atlântico Sul. A grande capital da mais próspera das colônias exploradas pela Companhia das Índias Ocidentais.

Mas nem tudo eram flores neste paraíso tropical que a Holanda mantinha no litoral de Pernambuco. Um criminoso misterioso estava praticando assassinatos hediondos na área portuária, na parte velha da cidade. Crimes que, não fossem logo solucionados, certamente abalariam a aliança entre holandeses e palmarinos.

Havia um monstro à solta na cidade.

Philippe não se considerava exatamente um caçador de monstros, mas antes um aventureiro.

Embarcara como tripulante num cargueiro da Companhia partindo de Amsterdam rumo à Nova Holanda, justamente em busca de novas aventuras. Cansara da vida na Europa, à sombra da lenda viva que foi seu pai, grande satirista e maior espadachim de todos os tempos.

O próprio Philippe era um duelista renomado em sua terra natal. E agora seu momento de glória parecia ter chegado. Não sentia um pingão de medo do monstro sobrenatural. Ao contrário das autoridades locais, ele saberia como agir quando se defrontasse com o inimigo. Sua lâmina, forjada do bom aço de Toledo, ansiava pelas vísceras da criatura hedionda.

Como todo europeu culto de seu tempo, Philippe julgava saber tudo sobre os vampiros. Caso necessário, estava preparado até para usar o velho crucifixo de ouro que trazia pendurado ao pescoço.

Só ignorava que existiam vampiros na América...

Bom, melhor para ele. E pior para o vampiro-assassino que predava suas vítimas nas proximidades do grande porto de Recife.

Gana-Zona despachou um mensageiro a cavalo para a Cerca Real do Macaco. Os palmarinos normalmente preferiam andar a pé do que confiar nos cavalos - “Coisa de branco!”, segundo o sobrinho Zumbi costumava dizer.

Mas a urgência e a importância das informações que o mensageiro portava justificaram plenamente a pequena ruptura das tradições quilombolas.

O cavaleiro partiu a galope. Trocaria de montaria várias vezes antes de atingir as muralhas da sede da uma Confederação que era governada como se reino fosse. Uma vez lá, deveria procurar Andalaquituche, na opinião de Gana-Zona o mais sábio dos palmarinos.

O rei não deveria saber dos incidentes ocorridos na região portuária de Recife. Porque seu irmão não resistiria a contar sobre os mesmos ao Ganga-Muiça, o grande Zumbi, sobrinho de ambos.

E, se Zumbi soubesse que Dentes Compridos estava em Recife, trucidando noivas de Palmares, ao invés matando oficiais superiores ou altos funcionários lusos em Salvador, conforme o combinado, jamais resistiria à tentação de reunir o exército e marchar contra Recife para capturar o traidor.

Apesar de muito sábio, Nassau jamais entenderia a atitude de Zumbi. Uma atitude que talvez significasse o fim de uma paz de mais de vinte anos entre as duas nações.

Van Helsing atolou novamente a bota na vala que corria paralela à sarjeta escura. Como seria bom se pudessem voltar a fazer aquelas patrulhas noturnas sobre as montarias... No último mês sete cavalos do comissariado de polícia da cidade Maurícia haviam sido sacrificados depois de terem suas pernas fraturadas nas valas e nos buracos traiçoeiros daquelas vielas estreitas e irregulares.

Ainda ontem examinara aquilo que sobrou da última vítima do monstro. Felizmente apenas uma escrava, e não uma noiva de Palmares. Uma negrinha jeitosa cujo dono, proprietário de uma bodega de beira de cais, alugava como prostituta aos marujos mais generosos.

Só uma escrava. Mesmo assim Van Helsing sentiu náuseas ao examinar o cadáver. A expressão de terror abjeto no olhar congelado pela morte parecia dizer que a mulher havia sido submetida a tormentos indescritíveis. O pescoço fora dilacerado, aparentemente por dois pares de objetos perfurantes. A pele e a carne haviam sido arrancadas e repuxadas de um modo grotesco, exibindo a intimidade carmesim de músculos e artérias.

O abdômen fora varado por um objeto perfurante que penetrara a vítima com violência inaudita. A espessura do grande corte vertical e os danos causados aos vários órgãos internos indicavam que, durante algum tempo, grande parte do peso da vítima fora suportado pelo objeto oblongo que lhe invadira as entranhas.

O mais provável é que fosse uma lâmina larga e rombuda, embora o tipo de laceração não se parecesse com nenhum corte ou perfuração feito por lâmina que Van Helsing já houvesse visto.

Como das outras vezes, havia muito pouco sinal de sangue no cadáver.

Experiente como era, o comissário holandês se sentiu tremendamente impressionado. Ninguém, nem mesmo uma escrava, merecia um fim daqueles.

Desta vez houvera uma novidade. Um misterioso francês da Gasconha examinara o cadáver antes da sua chegada. Van Helsing já o interrogara como possível testemunha do assassinato da penúltima vítima. Um jovem fanfarrão que, cansado das intermináveis guerras que os franceses viviam arrumando na Europa, decidiu buscar novas aventuras e riquezas na próspera colônia de Nova Holanda.

E o monstro continuava à solta!

Um mês e meio de caçadas noturnas infrutíferas. Noites de sono desperdiçadas, seguindo pistas falsas, entrevistando pretensos suspeitos, chafurdando na lama fétida e metendo o pé nos montes de merda que se acumulavam nos becos e ruelas da zona portuária.

As energias e esperanças de Van Helsing se estavam esgotando. Bastante respeitosos em sua frente, os auxiliares luso-brasileiros faziam corpo mole assim que virava as costas. Os habitantes do local, históricos com os ataques do assassino, pouca ajuda prestavam em seus depoimentos descabeçados.

Em meio ao caos fedorento, para sua surpresa, havia suspeitos de verdade.

Um deles era um nativo corpulento, de feições porcinas, e olhos imensos e circulares. Quando interrogado, o tal índio fizera questão de exibir um salvo-conduto da embaixada de Palmares. Mas, infelizmente, seu suspeito principal ainda era aquele gascão janota de modos efeminados, que vivia provocando brigas e criando confusões nas tabernas e biroskas próximas ao porto. Fora visto mais de uma vez rondando durante a noite os muros do casarão onde estavam abrigadas as noivas de Palmares.

Talvez o tal de Bergerac estivesse apenas em busca de mais um tumulto. Quem sabe, não compartilhava das predileções dos lusos, que apreciavam se deitar com as mulheres negras? Para esse tipo de jovem amalucado e metido a aventureiro, deflorar a noiva prometida a um chefe de mocambo da Confederação de Palmares seria a grande façanha de uma vida repleta de fanfarrônicas de botequim.

Mas tinha que considerar a possibilidade de que de Bergerac fosse de fato o desequilibrado que estava praticando todos aqueles crimes horripilantes. O rapaz portava duas garruchas e um longo punhal presos ao grosso cinturão de

couro trabalhado. Várias testemunhas afirmaram que ele era bastante hábil com a *rapière*.

Há duas semanas envolvera-se numa luta contra dois rufiões numa taberna, matando ambos com espantosa facilidade. Quando a polícia do porto chegou, o sujeito alegou legítima defesa. Talvez ainda possuísse outras habilidades...

Mas no fundo do seu espírito, Van Helsing duvidava um pouco que seu maior suspeito pudesse ser de fato o assassino. Um estouvado, um cabeça-de-vento, é certo, mas não parecia um homem tão perturbado a ponto de se tornar o autor daquela autêntica chacina.

Amalamale conseguiu uma lança afinal. Não a velha lança de quartzo, cujo cabo fora ricamente trabalhado a partir do tronco robusto do baobá, mas uma haste de uma madeira que os brancos disseram ser *carvalho*. A ponta, em compensação, era superior a qualquer coisa que os anciãos da tribo pudessem elaborar. Afinal, era uma ponta de ferro, o duro metal dos brancos, tão ambicionado por seu povo.

Não era, é claro, uma lança consagrada. Mas serviria a seus propósitos.

Assim que desembarcou em Recife, a princesa começou a desconfiar que aquelas histórias bobas dos tripulantes do tumbeiro, sobre as tais noivas de Palmares, deviam ter lá seu fundo de verdade.

Embora jamais tivesse conhecido pessoalmente um negro que houvesse sido escravo, suspeitava fortemente que esses infelizes não deviam receber três refeições quentes por dia, acompanhadas por frutas de boa aparência e, segundo as amigas, muito gostosas.

Escravas tampouco receberiam visitas freqüentes de brancos holandeses com ares de importância, e que sempre perguntavam se elas estavam sendo bem tratadas, se havia algo que desejassem, além de prometer a cada visita que os guerreiros do tal reino negro logo viriam buscá-las e as levariam para uma vida de luxos em seu país.

Uma vez também viera um *mbundo* visitá-las. Não se vestia exatamente como um branco, mas seus trajes também não pareciam com as tangas e mantas usadas pelos guerreiros da tribo. Estava longe de ser um homem novo, mas a grande estatura, o porte altivo e a deferência com que os brancos o tratavam, impediram que as mulheres mais atrevidas sequer pensassem em chamá-lo pelo apelido jocoso de *avôzinho*.

Disse representar o rei dos bantos junto aos holandeses. Explicou que algumas de nós seriam esposas dos generais do reino ou dos chefes de suas aldeias. Para cada uma dessas, afirmou, haveria várias mucamas brancas prontas a atender os menores caprichos. As mulheres que não conseguissem realizar casamentos tão bons, não dispunham de brancas lusas como escravas domésticas mas, em compensação, poderiam possuir quantos maridos desejassem.

Amalamale riu da idéia. Vários maridos? Afagos mais ousados e umas poucas carícias úmidas fora tudo que conseguira dos rapazes da aldeia. Algumas vezes se imaginara possuindo um guerreiro só seu, mas vários...

A princesa pedira ao representante do rei negro que lhe fosse dada uma lança. O homem velho a fitou de um modo pensativo, muito sério. Mas, no final, um sorriso breve lhe aflorou no canto dos lábios.

No dia seguinte, um soldado negro muito bonito chegou ao casarão onde haviam sido instaladas para trazer sua lança. Várias das amigas suspiraram diante do garbo e da beleza do guerreiro daquele reino de sonhos. Os olhos de Amalamale também brilharam de alegria, pela lança, contudo, e não por seu portador.

A morte brutal de uma das noivas de Palmares, durante um passeio noturno à beira do cais, pôs fim aos folguedos despreocupados com os quais Amalamale e as outras mulheres passavam o tempo à espera da escolta de Palmares. Desde o início da viagem, a jovem Tumarea havia sido uma das amigas mais chegadas da princesa.

A expectativa, antes um sentimento alegre e salutar, assumira um ar desesperado. Os soldados da escolta, antes aguardados com a altivez digna de futuras rainhas diante de um simples séquito que as conduziria a seus nobres maridos, passaram a ser ansiosos como entidades protetoras, capazes de guardá-las de todo o mal.

Já não havia risos. O pranto transbordava dos peitos das outras jovens do barracão para os ouvidos irritados da princesa. As vozes das amigas tornaram-se mais agudas e trêmulas. Ruídos mínimos durante a noite faziam com que algumas moças mais sugestionáveis acordassem aos gritos.

Amalamale sentiu saudades da companhia de Tumarea. Os holandeses tentaram ocultar o incidente. No entanto, a própria visita do ancião negro na tarde seguinte à noite do assassinato, e as palavras iradas que proferiu no idioma dos brancos aos soldados holandeses encarregados de vigiar os portões do casarão, só serviram para confirmar os boatos que já circulavam entre as mulheres.

Não levou mais do que dois ou três dias para que o ódio suplantasse a dor no coração da princesa.

Ódio frio, forjado em decisão férrea.

Se era como diziam, então havia realmente um espírito maligno à solta na grande cidade dos brancos, matando gente inocente. E ela não iria ficar parada, esperando que os tais *policiais* holandeses tomassem suas providências.

Um ser monstruoso, humano ou não, tirara a vida de sua querida Tumarea.

Se a criatura era o Mal, como as outras noivas insistiam em afirmar, então, no que dependesse de Amalamale, o

Mal havia se metido em encrenca.

Ao que tudo indicava, a criatura era um predador noturno. Com o auxílio relutante de duas amigas, não era difícil iludir a guarda postada junto aos portões do casarão, justamente para impedir a saída das mulheres depois do por do sol.

Uma, duas, dez vezes, Amalamale saíra em suas cansativas incursões noturnas. Partia sempre algumas horas após o anoitecer, assim que o movimento em torno do casarão das mulheres diminuía a ponto de permitir que ela se esgueirasse por entre as sombras do cais.

E naquelas noites estreladas do verão pernambucano, Amalamale era apenas mais uma sombra dentre muitas. Uma sombra armada somente com uma lança e com a coragem de uma mulher que, ainda garota, acostumara-se a segurar leopardos pela cauda.

O Dia da Caça

Algo dizia a Philippe que aquela noite seria diferente. Tinha um pressentimento de que aquela seria *a noite*.

Ele se levantou uma hora depois do anoitecer. Vestiu-se e verificou as armas. Desceu com cautela os degraus íngremes do lance de escadas estreito, que conduzia do quartinho onde se hospedava para a bodega existente ao nível da rua.

A bodega em si estava quase vazia. Os fregueses habituais só começariam a chegar bem mais tarde. Somente dois outros hóspedes bebiam suas canecas de cerveja azeda de pé em silêncio, com os cotovelos apoiados sobre o tampo do bar. Três velas de sebo de porco bem compridas queimavam lentamente, trazendo uma claridade fraca e um cheiro horrível ao local.

Escolheu uma mesa afastada do bar e pediu uma refeição ligeira, tão logo um empregado da bodega apareceu para perguntar se ele queria alguma coisa.

Pelos padrões do estabelecimento, o jantar até que não foi dos piores. O vinho português rascante estava com menos gosto de tinta que o habitual, a carne e as batatas estavam macias e em quantidade mais do que razoável. Não havia, é claro, o mínimo sinal de sal ou tempero. Philippe já estava quase acostumado às deficiências da cozinha luso-brasileira. De qualquer modo, não devia comer muito, não naquela noite.

Aproveitou a água da moringa, trazida à guisa de sobremesa, e encheu o cantil de couro que tanta espécie causava entre os locais. Levantou-se e saiu pela porta da frente, antes mesmo do empregado reaparecer para retirar a mesa.

Amalamale entrou no beco escuro com cautela pouco habitual. Ouvira o som de passos. Tinha certeza que havia alguém oculto na escuridão. Um homem, ou outra coisa que caminhava como um homem e se fazia passar um.

Um marujo bêbado?

Os passos não haviam soado como os de um homem trocando as pernas.

Nascida e crescida na selva, a princesa tinha a audição mais aguçada que a de um branco habitante das cidades. Contudo, imaginou que como predador noturno, o espectro deveria possuir não só a audição do leopardo, mas o olfato da hiena e os olhos da coruja. Conseguiria enxergar bem numa noite sem lua, mas estrelada, como aquela?

Ouviu um ruído vindo do telhado da casa em frente. O som baixo de garras arranhando telhas de barro. De lança em riste, vasculhou a área com o olhar.

Um vulto escuro cruzou o seu campo de visão, muito rápido. Ouviu o restolhar de telhas quebradas na casa em frente àquela onde a criatura até então estivera. Levantou a lança e cerrou os maxilares, passando a respirar mais entre os dentes que pelas narinas.

Mais rápido que a *cheetah* das savanas, o espectro saltou do telhado para o chão enlameado do beco, aterrando menos de três metros dela.

Amalamale percebeu que o espírito assumira a forma de um índio. Segundo ouvira dizer, os índios eram o povo que primeiro habitara essa terra, antes da chegada dos bantos e dos branquelos.

O espectro abriu a boca num sorriso impressionante. Segurando o cabo da lança com mais força, preparou-se para fustigar a criatura. Uma voz fria no seu interior observou que as presas do espectro eram maiores que as do leão.

Havia algo estranho na mulher escura. O cheiro da sua carne e o pulsar acelerado de seu coração eram deliciosos. Mas em seu suor não havia o odor característico do medo.

Dois passos em direção à presa. Mal conseguiu fintar a lança da mulher. A ponta de ferro lhe buscou as costelas com força e precisão inesperadas numa mulher vida-curta.

Avançou, emitindo o chiado agudo de desafio. A mulher recuou muito rápido, mas não tanto que Dentes Compridos

dos não conseguisse agarrá-la pelo ombro esquerdo, fincando as garras na carne firme que recobria a omoplata da vida-curta.

Estabelecido o contato físico, logo haveria o vínculo psíquico que permitiria paralisar a vítima, induzindo pânico em seu espírito.

Com a outra mão, agarrou os cabelos da mulher, puxando sua cabeça para trás, de modo a expor o pescoço. Baixou as presas, antegozando o prazer de perfurar suavemente a jugular da vítima.

Mas havia algo errado no espírito da jovem!

Um turbilhão de ódio e energia, onde só deveria existir o pânico abjeto...

Antes que pudesse reagir ao susto, foi surpreendido pela dor da picada perfurante. A ponta de ferro lhe sondou as vísceras com violência, na altura dos intestinos. Com um urro doloroso, sacudiu a mulher, empurrando-a para longe num safanão.

Erguida do solo pelo golpe do espectro, Amalamale voou cruzando o beco. Colidiu de costas contra o muro alto do fundo do beco. O choque e a dor toldaram seu espírito de escuridão. Escorregou até cair sentada num monte de fezes úmidas. A bunda molhada a despertou de imediato do torpor que lhe invadia a cabeça.

Dentes Compridos controlou os músculos do ventre, estancando o grosso da hemorragia. Anulou a pontada de dor e caminhou em direção àquela mulher perigosa, decidido a bebê-la antes que se recuperasse por completo.

Ouviu passos nas suas costas. Voltou a cabeça e constatou a chegada de um jovem caraíba armado com uma lâmina brilhante.

- *En garde, monsieur monstre!*

Dentes Compridos se voltou para enfrentar a nova ameaça.

O filho-da-noite riu sem qualquer sentimento de alegria. Os sons da luta com a mulher escura haviam atraído outro contendor. Um jovem tolo o bastante para se julgar capaz de derrotá-lo com uma espada.

Observou que o recém-chegado mantinha as duas garruchas no cinturão. Sentiu-se feliz ao notar que o vida-curta não parecia disposto a usá-las. Lembrou-se dos soldados de Zumbi, e dos estragos que tais armas eram capazes de fazer, quando disparadas à queima-roupa.

A lâmina de aço dançava a sua frente, como se presa ao encanto do balé das sedentas no interior das grutas. Dentro dos limites impostos pelo beco estreito, começou a circular em torno do caraíba com as garras inteiramente distendidas.

Enquanto mantinha o vampiro à distância com a ponta da espada, Philippe sacou uma réstia de alho do bolso do colete, arremessando-a contra o inimigo.

Em ato reflexo, o monstro agarrou a réstia. Fitou-a por um instante com um ar intrigado e então lançou-a a seus pés.

O jovem gascão fitou o adversário com um novo temor. Um vampiro imune ao poder do alho!

Não houve tempo para meditar a respeito. Assustado, obrigou-se a erguer a *rapière*, conseguindo num último átimo aparar o golpe das garras da criatura.

A lâmina escorregou por entre os dedos do monstro, sem que este conseguisse agarrá-la. Philippe fez com que a espada retornasse para junto de si com um puxão brusco.

Dentes Compridos sibilou de dor e frustração, interrompendo o ataque para levar a mão ferida à boca. O vida-curta era mais astuto que imaginara. Não seria fácil lhe partir a lâmina.

De suas costas, ouviu o som de passos rápidos se aproximando em corrida.

Saltou para o lado, deixando que a mulher escura passasse batida de lança em riste. Pelo aroma do sangue de gente escura, notou que a vida-curta estava ferida, embora parecesse inteiramente refeita.

Recuou alguns passos, até o fundo do beco. Não convinha deixar que os inimigos se dividissem em duas frentes de ataque. Dentes Compridos já fora acuado algumas vezes pelos vidas-curtas. Acuado por grupos mais poderosos do que o composto por aqueles dois.

Philippe pensou em ordenar que a mulher recuasse para deixá-lo atacar o monstro. Não queria desperdiçar suas energias com a necessidade e a preocupação de protegê-la. Mas um fulgor de Diana no olhar da jovem lhe explicou que ela não precisava de defensor.

Num acordo tácito, combinado em breve troca de olhares, avançaram juntos contra o inimigo.

Com um puxão, o jovem rompeu a corrente do crucifixo que trazia pendurado ao pescoço. Passou a empunhar o pequeno objeto como arma, levantando-o com o braço livre estendido na direção do monstro.

O vampiro não se encolheu cheio de temor, como esperava. Olhou com estranheza para o gascão, como se ignorasse a ameaça fatal que o símbolo da fé católica representava para si.

Numa última esperança, Philippe lançou o crucifixo sobre a criatura. Embora tenha sido atingido em cheio no peito, bem perto do coração, o inimigo não só se recusou a arder nas chamas sagradas, como pareceu nem ter sentido o golpe.

Num único grunhido raivoso, Amalamale conseguiu gastar quase todo o português que aprendera até então:

- Não joga pedrinha brilhante! Luta feito homem!

Dentes Compridos tornou a avançar, dirigindo o ataque contra o caraíba. Ainda indignado com a negra, o jovem aparou uma vez mais o golpe das garras do inimigo. A lâmina recuou e tornou a ripostar, insistindo, num ataque célere. O vampiro recuou um passo e aparou com as garras da outra mão.

A princesa banto fustigou o rosto do espectro com a lança. Dentes Compridos recuou a cabeça. Mesmo assim, quase teve o nariz rasgado pela ponta de ferro.

Amalamale notou que as roupas do espectro estavam sujas de sangue. Mas as do *branquelo* pareciam apenas encardidas.

Ele podia ser ferido! Podia ser morto! Animada, avançou com ânimo redobrado.

Philippe aproveitou o ataque da guerreira para sacar uma das garruchas. Atrapalhou-se por um instante, porque a jovem se postou entre ele e o monstro. Saltou para o lado, tirando aquela Hipólita da alça de mira.

De quatro ou cinco metros de distância, disparou contra o peito do inimigo.

O estrondo da arma ecoou pelo beco. O impacto derrubou o vampiro. Rodopiando durante a queda, ele acabou tombando de bruços numa poça de lama. Verificando que o espectro permanecia caído, imóvel, a africana se voltou, fitando o gascão com um novo brilho de respeito nos olhos negros.

Philippe enfiou a garrucha fumegante no cinturão. Sacou a outra, mantendo-a pronta para disparar.

Não se arrependeu.

Momentos depois, o corpo do monstro começou a se contorcer como se aprisionado numa rede de dores atrozes. As garras que mais pareciam punhais se retraíam, voltando a se distender em movimentos espasmódicos. A cabeça e o pescoço tremiam de forma assustadora.

Apesar do espanto, o gascão e a princesa se acercaram do inimigo estendido. Trêmulo, o jovem precisou de ambas as mãos para manter o cano da arma mirado contra a cabeça da criatura.

Sentiu-se algo envergonhado ao notar que a mulher negra parecia fria como os picos do Pirineus. Embora houvesse manchas de sangue nas costas rasgadas de sua blusa, seu olhar era firme. Mantinha a lança em riste, com a ponta de ferro bem apontada para o coração do monstro.

Quando o inimigo caído parou de tremer, ele pensou:

“Que vampiro estranho!”

Naquele instante várias coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Primeiro, os braços da criatura se dobraram sob o corpo. As mãos se apoiaram contra o chão enlameado. Fez menção de se levantar, mas caiu de novo.

A princesa ergueu a lança sobre a cabeça e o gascão se esforçou para mirar a nuca do vampiro.

- Parem os dois!

Philippe deu uma olhada por cima do ombro. Era aquele inspetor holandês antipático, o tal Van Helsing, acompanhado por três homens armados com pistolas de pederneira. Sentiu uma coceira desagradável lhe percorrer a espinha ao perceber que os canos das armas apontavam para suas costas.

- O espírito vive ainda. - O holandês de Amalamale revelava-se mais fluente que o português. - Precisamos matar ele, rápido!

- A mulher tem razão. - Explicou Philippe num francês apaziguador. - A criatura é um vampiro. Deve ser morta imediatamente, antes que recupere suas forças e se torne um morcego para fugir.

- Ninguém vai matar esse homem. - Declarou Van Helsing num holandês enfático. - Primeiro vamos apurar se ele é de fato o assassino. E o senhor, Monsieur Philippe de Bergerac, está metido em graves apuros.

Ignorando o que se passava a sua volta, e ainda estirado na lama, Dentes Compridos tentou se levantar outra vez.

Aproveitando o desentendimento dos brancos, a princesa africana ergueu a lança, cravando-a sem perda de tempo no coração do espectro.

Surpreso, Van Helsing reagiu com um grito inarticulado.

Encorajado com a ação da guerreira, Philippe disparou contra a cabeça do vampiro. A mão tremeu um pouco, e esfera de chumbo acabou perfurando o pescoço da criatura espetada pela lança. Dentes Compridos emitiu um gemido agudo e desabou, novamente imóvel.

As pistolas miraram o par de atacantes. Um dos homens do comissário disparou. O novo estrondo reverberou pelas paredes estreitas. O beco se encheu de fumaça e do cheiro de pólvora queimada.

- Não atirem, homens! Van Helsing teve a presença de espírito necessária para evitar novas mortes.

Por alguns instantes, o comissário não conseguiu enxergar o gascão e a noiva de Palmares. Tremeu em pensar no que aconteceria consigo se ela estivesse ferida, ou pior...

Os ecos cada vez mais fracos do disparo já se haviam perdido na distância quando pôde finalmente constatar que o segundo tiro não atingira os dois jovens.

A raiva logo substituiu o alívio.

- Vocês, seus desalmados! Mataram o homem antes que pudéssemos descobrir se era culpado ou inocente...

- Ele era o vampiro que vocês procuravam, inspetor...

- Comissário!

- Pois bem. Ele atacou a mulher, mas ela reagiu e o barulho da luta me atraiu até aqui. Quando reparei nos dentes enormes e nas garras que pareciam facas...

- Garras de leão! Confirmou Amalamale.

- Isto! Aí então, não tive mais dúvidas.

- Esse homem não era um vampiro.

A voz que fez a afirmação viera da entrada do beco. Todos se voltaram, deparando-se com cerca de uma dúzia de negros armados com arcabuzes e lanças.

Quem falara, Van Helsing desconfiou, fora o palmarino alto e musculoso, ao lado do ancião que reconheceu como sendo o embaixador Gana-Zona. Baixou a cabeça alguns centímetros, num cumprimento devido a um membro da nobreza de Palmares.

- Excelência, não devia se arriscar à noite nesta parte da cidade. O senhor bem sabe que há um assassino à solta por aqui.

Antes mesmo de concluir a sentença, notou a asneira que havia dito. Os palmarinos eram uma raça de homens audazes e destemidos. Um assassino solitário não teria a mínima chance contra um grupo de guerreiros palmarinos bem armados.

- Esse homem era o assassino. - O negro alto e bem vestido ao lado de Gana-Zona apontou para o vulto caído de bruços na poça de lama. - E já está morto.

- Ainda não sabemos...

- Comissário Van Helsing, interrompeu o embaixador num holandês frio e quase sem falhas, - permita-me que apresente meu sobrinho Andalaquitche, irmão de Zumbi. Em Palmares se costuma dizer que, quando os lábios dele se abrem, até o rei pára de falar para ouvir.

- Sinto muito, excelência. Eu não sabia.

- Nobres representantes do rei de Palmares, - Amalamale experimentou o banto, na certeza de que seria entendida, - o ser que eu e o branquelo perfumado acabamos de matar, era realmente um espectro. Acredito piamente que tenha sido o assassino da noiva Tumarea.

Gana-Zona e o sobrinho se entreolharam. Andalaquitche arqueou as sobrancelhas, lançando uma indagação muda ao tio. "A noiva da lança?" O embaixador assentiu num gesto quase imperceptível.

- Bela princesa Amalamale, - Uma vez mais o irmão do rei se surpreendia com o sobrinho. Dentre vários talentos inesperados, o garoto estava se revelava um galanteador. O jovem continuou no idioma de seus ancestrais. - sabemos que a criatura não é humana. Sabemos também que foi o assassino de sua amiga e de muitos outros. Mas existem coisas que ainda ignora. Para o bem de seu novo reino, ajude-nos a fazer com que os brancos acreditem no que direi a seguir.

A princesa concordou com um sorriso. Sentiu um prazer imenso em ajudar bantos em posição de enganar os *branquelos*. Ainda mais um guerreiro tão belo e que, ainda por cima, embora novo, parecia dispor da sabedoria de um ancião.

- Ele não é um homem! - Philippe não se sentiu minimamente intimidado pelos ares de realeza daqueles negros fantasiados de nobres. - É um vampiro!

Tio e sobrinho trocaram olhares divertidos.

Com um gesto, Andalaquitche conteve o ardor dos guerreiros a seu lado. Num francês quase sem sotaque, e melhor pronunciado que o de Philippe, dirigiu-se ao jovem.

- *Monsieur* certamente sabe tudo a respeito de vampiros, não é?

- É claro que sei. - Jactou-se o gascão. - Vi os dentes desse. E tercei minha lâmina contra suas garras.

- Então, por favor, aproxime-se e considere o que irá ver.

Andalaquitche se aproximou do filho-da-noite estirado na poça de lama. Foi seguido por Philippe e por três dos guerreiros palmarinos.

Os homens de Van Helsing fitaram-no em busca de alguma ordem. Em resposta receberam somente um comando num tom de voz bem baixo:

- Não façam mais nada. Não mexam um músculo.

O príncipe negro ordenou aos guerreiros que virassem o corpo inerte de Dentes Compridos. Após algumas tentativas, conseguiram fazê-lo com as pontas das lanças.

Andalaquitche sorriu diante do temor que seus homens ainda demonstravam. Retirou um pequeno objeto do bolso da calça de linho e o aproximou do rosto ensangüentado do filho-da-noite.

Philippe percebeu que o objeto era um espelho minúsculo.

- Está vendo, meu jovem amigo? Se o corpo gera um reflexo, seu dono devia possuir uma alma. Não pode ter sido um vampiro. Se por acaso tivesse uma cruz...

- Tem razão! - Philippe lembrou-se bruscamente. Só então os fracassos com o crucifixo e a réstia de alho fizeram sentido. - Era imune ao poder da cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, e também à essência sagrada do alho.

- Pois então. Foi apenas um homem mortal, como eu ou você. Um homem que possuía mandíbulas e mãos um tanto ou quanto deformadas, - explicou Andalaquituche - mas ainda assim, apenas um homem morto.

- Senhor comissário, - Van Helsing sentiu o tom peremptório na fala do embaixador. - temos plena convicção de que o cadáver que ora jaz a nossos pés é o do assassino da jovem noiva Tumarea. Palmares considera o caso resolvido de forma inteiramente satisfatória.

- Sinto-me imensamente feliz em ouvir essas palavras, excelência.

- Só mais uma coisa, comissário. - Lá vinha o tal sobrinho do rei de novo. - Esse homem também cometeu crimes hediondos na Cerca Real do Macaco, em Subupira, nas duas Tabocas, e em outras cidades da Confederação. Devemos levar o corpo conosco, para mostrá-lo a nosso rei.

- Mas isso...

- Fazemos questão absoluta. Frisou o embaixador.

Assunto resolvido, Andalaquituche voltou-se para a princesa e sussurrou no banto mais doce e ousado que foi capaz de articular:

- Em Palmares, minha bela, haverá muitos príncipes e nobres do nosso povo à sua escolha. Mas atrevo-me a afirmar que seria o *mbundo* mais feliz desse lado do oceano, se acaso me concedesse essa honra suprema.

Amalamale abriu os olhos, espantada. Então era mesmo verdade que poderia escolher? Qualquer um, mesmo um príncipe banto? Procurou se controlar. É claro que haveria centenas de pretendentes. A virtude que os bantos mais apreciam é a coragem. Mesmo a coragem de uma princesa...

- Sua pretensão me é muito cara. Pensarei no assunto com carinho e vagar.

- Aguardo sua resposta, minha princesa.

Com uma última vênia, Andalaquituche recuou para junto de um Gana-Zona sorridente. Se ao menos a guarda da embaixada fosse mais numerosa, daria um jeito de convencer o tio a emprestá-la como escolta para as noivas.

Era imperativo que estivesse presente na capital, por ocasião da chegada dessa princesa heróica. Não podia deixar que Zumbi lhe passasse a perna. Não desta vez!

“Ira Furor Brevis Est”

Como na vez anterior, em Palmares há quase dois anos, Dentes Compridos estava novamente em poder de Andalaquituche.

Haviam se instalado em Porto Calvo, antigo reduto da resistência luso-brasileira, conquistado pelos holandeses no ano seguinte ao regresso de Nassau.

Disfarçados de comerciantes palmarinos de milho e cana-de-açúcar, eles procuravam se manter longe das vistas e da curiosidade de seus aliados.

Depois de mais de quarenta dias de convalescença, o filho-da-noite se sentia quase curado. O início da recuperação, no entanto, fora um autêntico suplício.

Seu organismo havia conseguido estancar as hemorragias provocadas pelos disparos do carafba e pela lança da mulher escura sem medo. A perda de sangue e o esforço que seu corpo realizou para se manter vivo fez com que mergulhasse num estado de coma profundo. Não é de se espantar que os holandeses e o jovem espadachim o houvessem julgado morto.

Felizmente, seu cérebro não fora atingido. Caso contrário, dificilmente teria sido capaz de coordenar os poderes de cura inerentes ao Povo Verdadeiro. Outro golpe de sorte foi o aparecimento oportuno dos seus amigos palmarinos, que providenciaram sua remoção daquele beco enlameado e fedorento.

Após a tentativa infrutífera de alimentá-lo com o sangue de animais, o príncipe palmarino vencera os escrúpulos e finalmente concordara em permitir que ele bebesse um pouco de sangue humano. Fora difícil conseguir *doadores* lusos sem levantar suspeitas. Depois que começara a beber como gente, sua melhora se acelerou de forma surpreendente.

Analisou as diferenças entre os dois príncipes. Caso Zumbi o desejasse vivo, o que Dentes Compridos duvidava ser o caso, o Ganga Muíça não hesitaria um instante em mandar sangrar um luso por dia para nutri-lo condignamente.

Compreendia agora porque nem sempre o mais sábio devia liderar um império nos tempos de crise.

Antes que conseguisse recuperar a consciência, Andalaquituche tivera que se ausentar para as núpcias com Amalamale, a vida-curta destemida, a incrível guerreira escura que o enfrentara naquela madrugada no beco.

E agora, mal recebera a notícia de que o filho-da-noite estava quase recuperado, o príncipe escuro regressava às pressas da viagem de núpcias para repreendê-lo pelo mau comportamento e pelo rompimento da palavra empenhada.

Tinha certeza de que as críticas de Andalaquituche seriam tremendas. O rigor com que vinha sendo tratado pelo corpo de guardas de elite encarregado da vigilância era o indício mais consistente que possuía.

As paredes de pedra da casa que o abrigava possuíam mais de um metro de espessura. Sua cela não tinha janelas. Durante o dia, dois guerreiros armados com arcabuzes e lanças guardavam a pesada porta de ferro, invariavelmente trancada. Esse número triplicava durante a noite.

Apesar dos relativos maus tratos, permanecia otimista.

Os palmarinos ainda deveriam ter alguma utilidade para si, ou já estaria morto há mais de um mês. Os estudos de Andalaquituche haviam produzido bons frutos. Como os quíchuas, centenas de anos antes, os vidas-curtas escuros haviam descoberto a maneira correta de ferir ou matar um filho-da-noite.

É lógico, agora teria que se ater estritamente ao combinado. Pelo menos por uma geração de vidas-curtas ou duas. E no princípio Andalaquituche não confiaria nele. Era provável até que uma pequena escolta armada o acompanhasse até Salvador. Supôs que Palmares talvez fosse obrigada a empregar uma de suas raras unidades compostas quase que exclusivamente por índios e caraíbas.

Faria o impossível para se comportar bem. Só beberia do sangue dos lusos que os seus amigos determinassem. Talvez, com o tempo, conseguisse delibar da jugular discreta de um homem ou mulher do povo escuro, mas por enquanto não desejava nem pensar no assunto.

(Ainda havia escravos escuros em Salvador, não havia?)

Ah, devia se lembrar de cumprimentar o amigo pelas núpcias. Os vidas-curtas escuros eram muito sensíveis a estas pequenas amabilidades.

No fundo, tinha certeza de que, mais cedo ou mais tarde, seria perdoado. Conhecia os vidas-curtas o suficiente para saber que seus ódios e rancores não costumavam durar muito. Era só questão de uma década ou duas, e as coisas voltariam ao normal entre ele e os amigos.

E, mesmo que Andalaquituche, Zumbi e o rei o perdoassem, seus filhos acabarão esquecendo o assunto. É só ser um pouco paciente e esperar.

Além do mais, pretendia se tornar absolutamente indispensável à política externa de Palmares.

Os vidas-curtas são efêmeros.

E Dentes Compridos, para usar uma velha expressão dos caraíbas, *possuía todo o tempo do mundo*.



Zona de Fronteira

por Fábio Fernandes

Virtual Light,
William Gibson, (Seal Books,
Canadá, 1993, US\$5.99).

Nem parece, mas lá se vão doze anos desde que um americano radicado no Canadá mudou para sempre o panorama da ficção científica mundial. Foi no emblemático ano de 1984 que William Gibson escreveu o clássico *Neuromancer*, livro que estabeleceu uma nova estética para o gênero, e muito bem batizado pelo editor Gardner Dozois de “cyberpunk”, ou seja, o difícil porém realíssimo conflito de um mundo imerso até a raiz dos cabelos em tecnologia e uma realidade de rua que aprendeu a lidar com isso mas não foi nem quis ser incorporada pelos padrões oficiais. O livro só chegou às nossas praias em 1992 (Editora Aleph), bem atrasado, como quase tudo o que vem de fora (salvam-se, entre outras coisas, os quadrinhos, cada vez mais antenados cronologicamente; mas, como diria o escriba do bárbaro Conan, esta é uma outra história).

Ao contrário da trilogia de *Neuromancer*, a história de *Virtual Light* se passa numa época definida: 2005. Uma época ainda familiar para nós, afinal, faltam apenas nove anos...

Ou não? Afinal, Gibson está lidando com o elemento mais sutil da ficção: as mudanças micro dentro de um ambiente macro. No Brasil, ter um videocassete há dez anos era coisa de rico. Fax-modem, então, nem pensar! Hoje isso aqui é comum, e ninguém mais brinca com um TK82-C (sim, leitores, era o que eu tinha em 1984) quando pode ter um 486 DX66 (sim, leitores, é o que eu tenho hoje). Gibson está ciente desses movimentos como poucos autores de seu tempo, e circula à vontade num ambiente onde a Califórnia está dividida em dois estados independentes, a Golden Gate é um favelão de botar a Rocinha no chinelo e naturalmente - a tecnologia caseira é algo que para nós

assusta, mas bem poderá ser natural daqui a dez anos. Como as superbicicletas de papelão de Chevette Washington e Sammy Sal, mensageiros num mundo onde entrega a domicílio é muito mais cara do que por correio ou pela superhighway informática, a faca de lâmina fractal do velho Skinner - muito mais afiada do que qualquer aço vagabundo de Toledo - ou o aparato policial de Berry Rydell, um ex-tira trabalhando para um caçador de recompensas.

Numa de suas entregas, Chevette se envolve numa trama envolvendo um óculos aparentemente inofensivo de realidade virtual (ou, corrigindo, luz virtual, porque funciona estimulando o nervo ótico via emissão de fótons), e Rydell é convocado para caçá-la. Mas esse óculos é muito mais do que aparenta, e não é só ele que está na corrida pelas informações contidas no aparelho.

Embora mais lento e pesado que *Neuromancer*, *Virtual Light* é importante para quem quer entender a verdadeira essência do cyberpunk - se bem que, num país onde o Ministro da Fazenda é demitido parabolicamente, vocês já devem ter sacado qual é a parada. Leiam, mas estejam avisados; o mundo que ele descreve não é ficção científica. É o nosso.

The Golden

Lucius Shepard, (Bantam Books,
EUA, 1993, 291 páginas).

Na área de terror, um *non-stopper* é definitivamente *The Golden*, de Lucius Shepard. Este autor, que os leitores daqui já conhecem por um belíssimo conto chamado “A Linda Filha do Caçador de Escamas” (já publicado pela falecida edição brasileira da *Issac Asimov Magazine*), tem a grande virtude de prender você da primeira à última página, e com um tema difícil hoje em dia, tamanho o desgaste provocado pela mídia: vampiros.

Através da figura de Michel Beheim, ex-inspetor de polícia parisiense e vampiro recente, somos levados a um castelo no leste europeu por volta de 186_ (isso mesmo, com lacuna no último algarismo), onde os vampiros se reúnem para um importante e raro evento: a prova de um tipo de sangue especial, cultivado por uma forma muito tosca de planejamento genético. O portador deste sangue é uma pessoa especial, “dourada” (daí o título), e beber de seu sangue é uma honra. Todos aguardam ansiosos o evento, que nunca se concretiza: a mulher que leva em suas veias essa safra especial é morta, e não sobra uma gota de seu conteúdo. Calma, não revelei segredo algum. Isso acontece logo nas primeiras páginas, e o barato do livro é justamente o que vem em seguida: um *whodunit* de primeira.

Quem a matou, e por quê?

Shepard nos faz percorrer o gigantesco castelo Banat (e isso não é força de expressão: ele recicla o conceito de castelo como o conhecemos, com salas do tamanho de cidades e um teto tão alto que em certos aposentos as nuvens o cobrem) em companhia de uma estranha vampira, a ruiva Alexandra de Valea, por quem Michel sente emoções conflitantes, e juntos conhecem figuras bizarras e ameaçadoras, e aprendem, naturalmente, que não podem confiar em ninguém - talvez nem um no outro.

A construção desse universo vampiresco é fascinante desde o início, e é o que atrai o leitor até o fim, mesmo depois de descobrir o assassino.

Para os fãs de histórias de vampiros, uma diversão à parte são as características próprias que Shepard dá à essa raça das trevas, como o que acontece com quem sai à luz do sol, por exemplo. Mas isso eu não vou contar: descubra você mesmo e delicie-se com *The Golden*.

Perca o Sono Com a Insônia de Stephen King

por Marcello Simão Branco

Stephen King, o “mestre do horror” - rótulo que ele detesta -, está escrevendo o folhetim *The Green Mile* nos EUA e faturando US\$ 6 milhões. Aqui no Brasil, a editora Objetiva acaba de lançar um dos seus últimos romances, o suspense neo-feminista *Rose Madder*, e dentro desse contexto, a constatação é de que o horror em sua forma mais tradicional deixou de ser prioridade para King. Não lamentem seus fãs mais antigos, não festejem seus críticos que o acusavam de ser um escritor de gênero (e, por isso, menor). Todos ganham com essa mudança de rota. Isso fica evidente tanto em *Rose Madder*, como com *Insônia* - lançado no final do ano passado no Brasil -, mais um de seus massivos romances, em que a ação se concentra principalmente ao nível psicológico do que propriamente sobrenatural.

Contudo, isso não significa uma adesão ao *mainstream*. Não sejamos apressados. King incorpora o horror na narrativa mais convencional da literatura sem perder o encanto no *background* que estrutura. Este não é o primeiro livro em que desloca o eixo temático de suas histórias. Isso vem ocorrendo há cerca de cinco ou seis anos com relativo êxito. Dentro desse contexto, *Insônia* é um dos seus trabalhos mais bem acabados no sentido de equilibrar, dosar a narrativa convencional e o horror que aparece aos poucos, e domina a cena no terço final do livro.

Ralph Roberts é um pacato cidadão de Derry, interior do Colorado. Deve existir muitos como ele, ao menos aparentemente. Roberts perde a esposa vítima de câncer. Já septuagenário, deprimido com a perda, começa a ter insônia. Suas noites vão diminuindo de hora em hora, de semana a semana. A conselho de amigos e palpiteiros vai experimen-

tando as sugestões mais curiosas para voltar a dormir. Em vão. Resiste à idéia de ir ao médico da família, pois desconfia que ele foi o responsável pela morte de sua esposa. Este é o ponto de partida para King desenvolver os elementos recorrentes em sua obra: transformar um problema em princípio comum de uma pessoa (também comum) em uma situação inesperada, fora de controle, lidando com forças e situações absolutamente terríveis e assustadoras. Além de traçar como pano de fundo uma crítica social contundente a feridas claramente abertas na sociedade americana.

Em *Insônia* estes elementos estruturantes do universo ficcional do autor são fenômenos de hiper realidade (auras, viagens astrais) e a polêmica do aborto. Roberts começa a ter visões, estranhas e intensas luzes emanam das pessoas. Confuso, não sabe explicar como consegue emitir feixes de luz de seu corpo, e nem sabe o que responder quando as pessoas dizem que está com ótima aparência, que aquela receita contra insônia deu certo. Roberts apenas sorri, nada respondendo, pois tudo é novo e estranho para ele.

Enquanto isso, Derry ferve como um barril de pólvora prestes a explodir. A mais importante ativista pró-aborto, Susan Day, visitará a cidade para defender sua causa e angariar verbas para uma maternidade - que pratica abortos. É quando Ed Deepnau entra em ação. Vizinho de Roberts, casado com uma linda mulher e pai de uma menininha, se revela no mais perigoso e violento radical contra o aborto. E mais que isso, desvela sua face machista espancando a mulher - e é aí que Roberts começa a entrar em contato com forças ocultas e extraordinárias que mudaram definitivamente o rumo de sua

vida e dos que convive com ele. Como, por exemplo, Lois Chasse. Amiga de Roberts e do seu vizinho Bill McGovern, também viúva, revela a ele que também não consegue dormir e, mais que isso, vê estranhas e fantásticas luzes nas pessoas. Ambos se envolvem e passam a entrar em contato com aqueles que nos vem buscas quando chega a nossa hora. Não adivinhou? King imagina os emissários da morte como três doutorezinhos carecas. Dois servem ao Desígnio (Cloto e Láquesis) e o terceiro ao Acaso (Átropos). Os dois primeiros seriam os responsáveis por aliviar as mortes esperadas, designadas. Já Átropos é o terror que assola os vidas-curtas (nós), tragédias, crueldades e aquelas pessoas que morrem ‘bestamente’. Átropos surge, escolhe suas vítimas e interrompe o desígnio a que estava ligada a passagem de um vida-curta no nosso nível de realidade.

Esta concepção é simples e bastante engenhosa, embora não explique muita coisa, caso se queira aprofundar na questão. E King deixa este imaginário espiritual em aberto mesmo, ou para instigar especulações sobre o por vir, ou para deixar um gancho para histórias futuras. Na narrativa propriamente em questão isso não é o mais importante. O que conta é a implicação do contato e destas forças na vida do casal de idosos. O comício pró-aborto, Ed Deepnau, e as forças à espreita reveladas a Ralph e Lois se conflagram em um clímax de conseqüências vitais para as vidas em questão e para os motivos não esclarecidos de quem quer que seja lá nos níveis superiores.

Além disso, *Insônia* é um livro sobre os idosos. Sempre esquecidos, desprezados pela cultura ocidental. King desenvolve a história a partir do ponto de vista deles. O mundo só

deles. “Parece que às vezes sou invisível. As pessoas passam e nem me notam”, conta amargurada Lois em certa passagem. O relato dá dignidade e mostra que os sonhos humanos não se esvaem com a idade avançada. Sempre é tempo de recomeçar, mesmo que “seja longa a volta ao paraíso”, como sempre lembra Ralph ao se recordar de seus tempos jovens e felizes ao lado de sua falecida mulher.

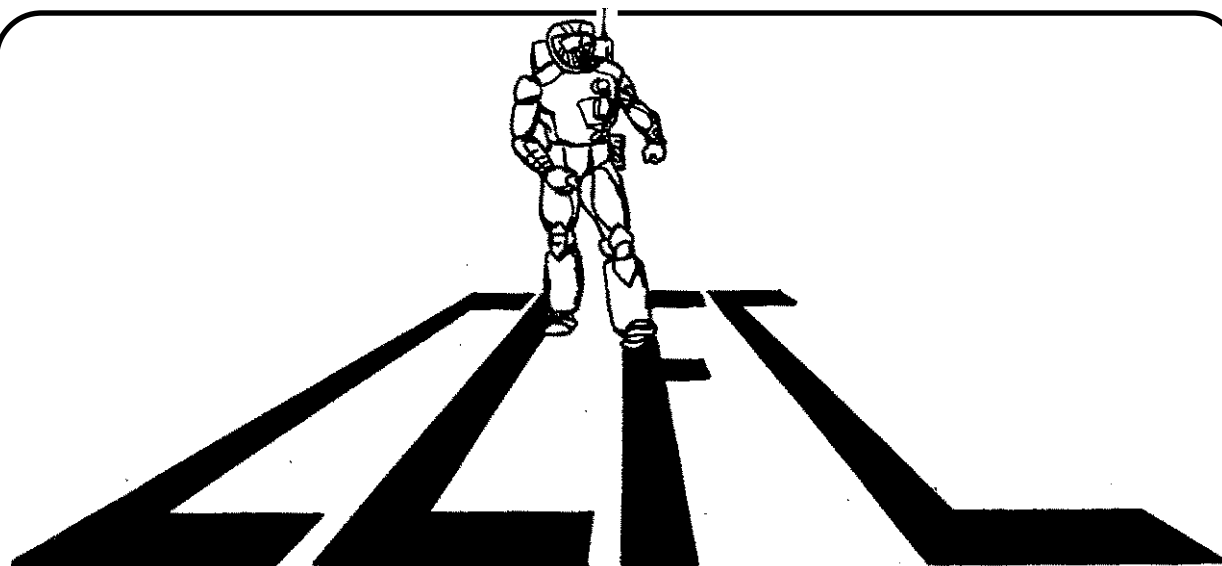
King dá verossimilhança e encanto a toda esta trama dando a impressão de que é muito fácil escrever. Sim, para ele é fácil. O cara tem um talento nato em contar uma boa história.

Suas mais de 700 páginas são lidas com prazer e crescente interesse pelo enredo e empatia aos personagens. Críticos e autores que priorizam a forma ao conteúdo (o estilo ao enredo, se preferirem), talvez o façam por, entre outros motivos, não assumirem sua incapacidade de segurar o leitor por horas à frente de uma história. King faz isso com uma desenvoltura que soa como natural para quem está acostumado com suas histórias e estilo narrativo, ainda que do ponto de vista estritamente formal ele não esteja no primeiro plano das possibilidades artísticas da língua - para usar uma expressão manjada dos

apologistas da forma.

À margem de toda esta polêmica, King segue soberano como um grande contador de histórias, tendo o mérito de ensaiar um universo ficcional pretensamente irreal (macabro antes, mórbido agora) e nas entrelinhas ser um dos grandes críticos das contradições e da aparente decadência da sociedade norte-americana deste final de século. Ainda que ele nem esteja muito preocupado com rótulos e classificações daquilo que imagina e escreve.

***Insônia (Insomnia)*, Stephen King, 1995. Editora Objetiva, 717 páginas.**



Voltem a Colaborar com o *Somnium*!!!

Somnium, a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica, está passando por uma total reformulação gráfica e editorial. Com nova diretoria, novo editor, a proposta é tornar o *Somnium* mais regular, atraente e próximo dos sócios do CLFC, além de, principalmente, voltar a contribuir mais diretamente para o desenvolvimento da ficção científica no Brasil.

A proposta é termos 4 edições por ano, duas em cada semestre, e não uma ou duas como estava contecendo nestes últimos anos. A prioridade volta a ser a produção nacional, tanto a de jovens talentos, como a dos que já são mais experimentados.

O único critério para publicar seu trabalho é a qualidade. A qualidade de seu trabalho, ausente nestes últimos anos, é a que mais precisamos para reerguer uma das principais publicações da história da ficção científica brasileira.

Portanto, o que estão esperando? Escritores, articulistas, resenhadores, ilustradores, voltem a colaborar com o *Somnium*!

Envie suas colaborações diretamente ao endereço do editor do *Somnium*:

Marcello Simão Branco

Av. Clara Mantelli, 110 - 04771-180 - São Paulo - SP - Brasil - Fone (011) 521-9160

Compre, leia, colabore com os fanzines brasileiros de ficção científica!

Astaroth

Editor: Renato Rosatti. Irregular, formatinho, 4 páginas. Um dos zines de maior tiragem, é distribuído gratuitamente. Destaque para artigos, contos e ilustrações voltados para o horror. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 CEP 04772-070 São Paulo, SP.

Borduna & Feitiçaria

Editor: Roberto de Sousa Causo. Irregular, A4, 16 páginas. Primeiro fanzine brasileiro especificamente voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações. Rua André Dreifus, 109/163 São Paulo, SP 01252-901

Diário do Fandom

Editor: Roberto de Sousa Causo. Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F. Rua André Dreifus, 109/163 São Paulo, SP 01252-901

Hiperespaço

Editores: Cesar R.T. Silva & José Carlos Neves. Bimestral, formatinho, 16 a 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de ficção científica. Também é o mais variado quanto a temas e ousado em sua diagramação. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Caixa Postal 375 CEP 09001-970 Santo André, SP.

Informativo Perry Rhodan

Editor: Alexandre Pereira dos Santos. Bimestral, formatinho, 12 a 16 páginas. Fanzine importante para os fãs da série alemã no Brasil, inspirou a criação do “Perry Rhodan Fã Clube do Brasil”, do qual é agora seu órgão oficial. Muita informação, curiosidades, artigos, ilustrações. Rua André Marques, 209/09 CEP 97010-041 Santa Maria, RS.

Juvenatrix

Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Um dos melhores zines em atividade em nosso fandom. Tem como prioridades artigos sobre cinema e contos de ficção científica e, principalmente, horror. Atualmente também tem publicado muitas histórias em quadrinhos. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 CEP 04772-070 São Paulo, SP.

Megalon

Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais importante e premiado fanzine brasileiro de ficção científica, vencedor de 6 Prêmios Nova em 8 anos de publicação. Prioriza a literatura (contos, artigos e notícias), mas também abre espaço para cinema, quadrinhos e ilustrações. Av. Clara Mantelli, 110 CEP 04771-180 São Paulo, SP.

Notícias... do Fim do Nada

Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Volta-se mais à literatura, com contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. Especialmente interessante para colecionadores, também é um importante pólo do fandom gaúcho. Rua Comendador Azevedo, 506 CEP 90220-150 Porto Alegre, RS.

Sigmatou

Editores: Maria José da Silva & Alexandre Schapel. Bimestral, formatinho, 20 a 24 páginas. Fanzine que publica contos de jovens autores, artigos (sobre literatura e cinema, ilustrações, charges de humor e quadrinhos. Está com novo endereço: Rua Siderópolis, 28-A CEP 07132-230 Guarulhos, SP.

Warp 9

Editores: Ivo Luiz Heinz & Paolo Fabrizio Pugno. Bimestral, formato ofício, 20 a 24 páginas. Principal fanzine de *Star Trek* no Brasil, pela qualidade apurada de seus textos e diagramação. Volta-se à parte tecnológica da série, modelismo, e um pouco de literatura de ficção científica. Rua João Barbosa, 53 CEP 03323-030 São Paulo, SP.



QUAIS SÃO AS VANTAGENS DE FAZER PARTE DA IRMANDADE DO MEDO?

- Você vai receber quatro edições do boletim IRMANDADE DO MEDO, que vai informá-lo de tudo o que for referente à III HorrorCon, além de notícias, artigos, contos, anúncios, etc.
- Receberá uma carteirinha e poderá participar de diversas promoções que a IRMANDADE DO MEDO vai realizar ao longo de 1996.
- Receberá convite para a III HorrorCon sem qualquer custo, mesmo que então ele seja cobrado.
- Ganhará, na III HorrorCon, a publicação oficial do evento, um verdadeiro documento para ser lido e guardado para futura referência.
- Os associados à IRMANDADE DO MEDO ainda terão direito a um estande nas futuras HorrorCons, onde poderão comercializar produtos entre o público presente. Aqueles que quiserem ter um estande durante o evento, e não forem associados à IRMANDADE DO MEDO, terão de comprar esse espaço, que será bem mais caro que a anuidade.

IRMANDADE DO MEDO

SOCIEDADE DE APOIO ÀS HORRORCONS

O QUE É A IRMANDADE DO MEDO?

É uma sociedade de fãs e realizadores do horror no Brasil, cotizados para viabilizar a continuidade da HorrorCon nos próximos anos. Isso porque somente dessa forma se poderá desenvolver um evento de destaque e valor. É necessário financiar a presença de convidados especiais (hotel, passagens, etc) e elaborar uma boa estratégia de divulgação, com cartazes e programações de boa qualidade gráfica, mesmo que não se consiga patrocínio suficiente. Aliás, patrocínio é algo que não se pode nunca ter certeza de conseguir, mas nós queremos ter certeza de que nossa Convenção será sempre maior e melhor.

QUAIS SÃO AS PROPOSTAS DA IRMANDADE DO MEDO?

São propostas deste grupo de pessoas publicar um boletim para manter a todos os filiados e associados informações sobre o progresso da organização das HorrorCons, e estudar as possibilidades de investir o capital reunido na produção de

veículos que venham a dedicar-se a divulgação da obra de seus filiados e associados. Isso pode, em pouco tempo, trazer amplos benefícios para aqueles que têm no horror seu ideal artístico e criativo, pois o Brasil é um amplo mercado consumidor para esse gênero. Os associados à IRMANDADE DO MEDO terão poder de decisão no gerenciamento dessas propostas.

COMO SE ASSOCIAR À IRMANDADE DO MEDO?

Há duas categorias de Irmãos do Medo: Filiado e Associado. O Filiado é aquele fã que quer colaborar para que as HorrorCons continuem acontecendo e que sejam melhores.

O Filiado fará o pagamento de uma anuidade (R\$15,00) que vai garantir que será informado por um boletim trimestral dos progressos na elaboração da III HorrorCon. Também vai garantir seu ingresso, mesmo que ele passe a ser cobrado (é uma proposta muito provável para a III HorrorCon), e a posse, sem qualquer ônus adicional, de um exemplar da publicação oficial da III HorrorCon, que trará informações completas sobre a programação, fichas técnicas dos filmes a serem exibidos, currículo e filmografia dos convidados e dos participantes de cada painel, obras de crítica, resenha e ficção dos convidados, quadrinhos e ilustrações, etc.

O Associado é aquele que quer tudo isso, e ainda um espaço na III HorrorCon para comercializar seus produtos, sejam vídeos, fanzines, revistas, discos, camisetas, etc, pois a partir da III HorrorCon haverá uma feira de horror para que os frequentadores possam adquirir tais produtos. Neste caso, sua anuidade para 1996 será de R\$100,00.

**Se você gostou desta proposta,
filie-se agora mesmo:**

A IRMANDADE DO MEDO é um projeto da SBAF
Sociedade Brasileira de Arte Fantástica.
Cx. Postal 375, Santo André - SP - 09001-970.



Parece que foi ontem, não é...

... Herbert Parentes Fortes, Gilberto de Mello Kujawski, Euro Brandão, Tasso da Silveira, Parmênides, Rubem Fonseca, Abdias do Nascimento, Astrid Cabral, Emílio Silva de Castro, Gina Magnavita, Gerardo Mello Mourão, Antonio Paim, Fernando Salles, Pico della Mirandola, Manoel Joaquim de Carvalho Jr., Hermes Vieira, Heitor Marçal, Nélide Piñon, Pedro II, Maria Alice Barroso, Oliveiros S. Ferreira, Luís Marques Poliano, D. Odilão Moura, Antonio Olinto, Fernando Hupsel de Oliveira, José Cândido M. de Carvalho, Castro Alves, J. Bédier, Jorge Medauar, Dante Alighieri, Xavier Marques, Wilson Lins, Luiz Jean Lauand, Paulo Napoleão Nogueira da Silva, Maria da Conceição Paranhos, Ray Bradbury, Santo Tomás de Aquino, Hildegardes Vianna, Sérgio Mattos, Vasconcelos Maia, Plínio Salgado, Gerschenson e Ivanov, Alcântara Silveira, Walter M. Miller Jr., James Blish, Robert Henlein, Jorge Luiz Calife, Henrique V. Flory, Maria Luiza Heine, José Haroldo Castro Vieira, Ivan Dorea Soares, Adonias Filho, Telmo Padilha, Cyro de Mattos, Ivan Carlos Regina, Marien Calixte, George Stewart, José dos Santos Fernandes, Theodore Sturgeon, Zbigniew Brzezinski, Geraldo França de Lima, Oswaldo de Camargo, Rubem Nogueira, Fredric Brown, Clifford D. Simak, Walmir Ayala, Marcos Santarrita, Jan Potocki, H. P. Lovecraft, Sheridan Le Fanu, Júlio César Machado, Clóvis Amorim, José Alípio Goulart, Morris Janowitz, Deoscóredes Maximiano dos Santos (Didi), Roberto de Souza Causo, Cid Fernandez, Roberto Schima, Fausto Cunha, Dinah Silveira de Queiroz, Chad Oliver, John Wyndham, Edna Savaget, Francis Carsac, Guido Wilmar Sassi, José Alcides Pinto, Jerônimo Monteiro, Harold Mead, Julieta Godoy Ladeira, Macedo Miranda, Zora Seljan, Fred Hoyle, Rubens Teixeira Scavone, C. S. Lewis, Carl Friedrich, Mário Faustino, João Camilo de Oliveira Torres, Raymundo Schaun, Jonas Rocha, Euclides Neto, Leo Godoy Otero, Elysio Condé, Adolpho Justo B. de Menezes, Victor Ferkiss, Paulo Vidal, Emiliano Pernetá, Silveira Neto, A. Tchecov?

E já vão 40 anos!


1956 1996

FICÇÃO CIENTÍFICA GRD

Desde 1958 Trazendo o Melhor da FC aos Leitores do Brasil

A mais tradicional coleção brasileira de ficção científica, criada em 1958 por Gumercindo Rocha Dorea, que apresentou ao público leitor brasileiro nomes como Ray Bradbury, Robert A. Heinlein, H.P. Lovecraft, Walter M. Miller, Jr., C.S. Lewis, James Blish, Fred Hoyle, Chad Oliver, entre outros, e abrigou toda uma geração de autores brasileiros — André Carneiro, Fausto Cunha, Rubens Teixeira Scavone, Dinah Silveira de Queiroz, Antônio Olinto, Levy Menezes, e outros — continua sua atuação nos dias de hoje publicando a mais nova geração de jovens escritores de ficção científica brasileira. Ficção Científica GRD apresenta os seus títulos disponíveis, com preço especial para os sócios do CLFC. (Preço único: R\$ 7,00 por volume)

- 1- *Os Ciganos da Estrela*, Gumercindo Rocha Dorea, ed. Antologia original de novelas por W.L. Gresham, Algis Budris & Theodore Sturgeon.
- 2- *Só Sei que Não Vou por Ai!*, Henrique Flory. Primeira coletânea de um dos novos autores brasileiros de ficção científica hard.
- 3- *Ômega — O Planeta dos Condenados*, Robert Scheckley. Novela satírica apresentando uma ácida visão da ética humana.
- 4- *Enquanto Houver Natal...*, Gumercindo Rocha Dorea, ed. Antologia original com histórias por José dos Santos Fernandes, Jorge Luiz Calife, Álvaro Malheiros, Frederico Branco, Dinah Silveira de Queiroz, Marien Calixte, Henrique Flory & Ivan Carlos Regina, todas abordando o Natal pela visão da ficção científica.
- 5- *Só a Terra Permanece*, George Stewart. Romance clássico da pós-holocausto, uma visão pungente do desaparecimento da civilização humana.
- 6- *Do Outro Lado do Tempo*, José dos Santos Fernandes. Coletânea de contos de FC hard e dark, mas repletos de lirismo.
- 7- *Violentação Cósmica*, Theodore Sturgeon. Clássica novela de invasão, uma das obras-primas do grande autor da Golden Age da ficção científica. Prêmio Nova de Ficção Científica.
- 8- *A Pedra que Canta*, Henrique Flory. Reedição da primeira coletânea de Flory com novas histórias.
- 10- *Linha Terminal*, Jorge Luiz Calife. Prêmio Nova de Ficção Científica 1991. Volume que fecha a trilogia Padrões de Contato, de Calife. Prêmio Nova de Ficção Científica.
- 12- *Cristoferus*, Henrique Flory. Novela que transporta a saga de Cristóvão Colombo para um futuro distante. Prêmio Nova de Ficção Científica 1992.
- 14- *Tríplice Universo*, Gumercindo Rocha Dorea, ed. Antologia com novas histórias pelos ganhadores do Prêmio Jerônimo Monteiro da Isaac Asimov Magazine: Roberto Schima, Cid Fernandez e Roberto de Sousa Causo.
- 16- *O Fruto Maduro da Civilização*, Ivan Carlos Regina. Coletânea com 13 contos e vinhetas de um dos mais originais autores brasileiros de FC.
- 18- *Dinossauria Tropicalia*, Roberto de Sousa Causo, ed. Primeira antologia nacional de histórias de dinossauros, por Finisia Fideli, Gerson Lodi-Ribeiro, Daniel Fresnot, Pereira Lima, Leonardo Nahoum, Ricardo Teixeira, Jorge Luiz Calife & Roberto de Sousa Causo. Introdução por Gerson Lodi-Ribeiro. Inclui o conto vencedor do Prêmio Nova, "A Nuvem".
- 20- *Alguma Coisa no Céu*, Marien Calixte. Edição ampliada e revista dos dez anos dessa coletânea com 6 histórias de OVNI's invadindo o cotidiano do Espírito Santo.

Envie cheque nominal cruzado para Gumercindo Rocha Dorea: Caixa Postal 2105 - Ag. Central - São Paulo-SP - 01060-970.

NEUROMANTE, INC.

vinte minutos no futuro

CYBERPUNK - FICÇÃO CIENTÍFICA - TERROR

Finalmente disponível aos leitores brasileiros a única publicação profissional argentina dedicada à ficção científica, fantasia e horror* . Histórias pelos melhores autores internacionais da moderna FC/F — William Gibson, Bruce Sterling, Ursula K. Le Guin, Dan Simmons, Clive Barker, James Patrick Kelly, Norman Spinrad, Philip K. Dick, Octavia E. Butler, Lewis Shiner, além de autores latino-americanos. Ensaio, atualidades e notícias da comunidade de FC/F da América Latina. Ilustrado.

Agora com uma coluna sobre a ficção científica e fantasia no Brasil.

ASSINATURA COM PREÇOS ESPECIAIS PARA OS LEITORES BRASILEIROS:

3 NÚMEROS	R\$ 14,00
6 NÚMEROS	R\$ 25,00
12 NÚMEROS	R\$ 48,00
24 NÚMEROS	R\$ 92,00
(número avulso:	R\$ 5,00)

PEDIDOS: RUA ANDRÉ DREIFUS, 109/163 - BLOCO 2 - SÃO PAULO-SP - CEP 012552-901 -
FONE/FAX: (011) 871 3646 - BRASIL.

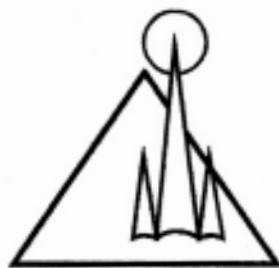
* EM ESPANHOL.

CONQUISTE O UNIVERSO!



**ALIEN
DUNA
STAR WARS
STAR TREK
CYBERPUNK
ISAAC ASIMOV
ARTHUR C. CLARKE
RAY BRADBURY
PHILLIP K. DICK
DINOSSAUROS
VIAGENS NO TEMPO
REALIDADES ALTERNATIVAS
FLASH GORDON
E MUITO MAIS!**

Ao completar dez anos de existência, o Clube de Leitores de Ficção Científica está animado como nunca para proporcionar aos fãs deste surpreendente gênero, um clima favorável para o apoio à leitura e à produção artística. Venha participar de nossos encontros mensais e conhecer as mais importantes atividades do fantástico na América Latina: mostras, workshops, exposições, convenções e tudo mais que você quer para aprofundar-se no maravilhoso, romper as barreiras do tempo e do espaço, visitar novos mundos e realidades surpreendentes, desvendar os mistérios do cosmo e da alma humana.



C.L.F.C.

**CLUBE
DE LEITORES
DE FICÇÃO CIENTÍFICA**

Reuniões mensais, todos os últimos sábados de cada mês, das 14 as 17 horas,
na Alameda Eduardo Prado, 705 (próximo ao Metrô Marechal Deodoro).
Endereço para correspondência: Cx. Postal 2105, S. Paulo-SP- Cep 01060-970-Brasil